

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CLETO JUNIOR PINTO DE ABREU

**A SOCIOLOGIA DA MODERNIDADE LÍQUIDA DE ZYGMUNT BAUMAN:  
CIÊNCIA PÓS-MODERNA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

(Versão corrigida. O exemplar original se encontra disponível no CAPH da FFLCH)

SÃO PAULO

2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CLETO JUNIOR PINTO DE ABREU

**A SOCIOLOGIA DA MODERNIDADE LÍQUIDA DE ZYGMUNT BAUMAN:  
CIÊNCIA PÓS-MODERNA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

(Versão corrigida. O exemplar original se encontra disponível no CAPH da FFLCH)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Oliva Augusto.

e-mail para contato: [cletojunior@gmail.com](mailto:cletojunior@gmail.com)

SÃO PAULO

2012

## AGRADECIMENTOS

A Maria Helena Oliva Augusto, minha orientadora, sempre presente e responsável. Agradeço sua cuidadosa atenção ao meu texto e, acima de tudo, sua ousadia em ter orientado o estudo em questão. A ela devo a parte mais significativa e valiosa da minha formação como sociólogo. A Audrey de Mattos, sempre muito próxima, paciente e motivadora. Ela está presente, de modo indireto e por vezes direto, em várias passagens desse texto e, nesse sentido, dedicar esse esforço reflexivo a ela não seria algo sem propósito. A Lucas Lopes de Moraes, desde os tempos de graduação os melhores papos e as mais interessantes sugestões, assim como Bruna Nicodemos, que tive o prazer de conhecer nesse período de estudo, e Rafael Anício, outro nome para Isaac Echeverria, “aquele que ainda não nasceu e que, por essa razão, gosta de desafiar a morte”. Não posso deixar de agradecer também a Cleto Ferreira e Francisca Cavalcante, que apesar de não compreenderem boa parte das razões de minhas angústias teóricas e dos meus becos sem saída, mantiveram-se sempre ao lado, prontos a auxiliar-me.

Agradeço também às professoras Sylvia Gemignani Garcia e Heloísa Martins e ao professor Marco Aurélio Nogueira, pelas contribuições no exame de qualificação e disposição em participar de minha defesa. Aos amigos, agora mestres, Thiago Ocampos Alves, Joaquim “Kakimaloa”, Alexandre Barbosa e Guilherme Seto Monteiro.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

## RESUMO

A sociologia da modernidade líquida de Zygmunt Bauman (1925 –) é, segundo o autor, um modo possível de articular o conhecimento científico sobre a sociedade com o conhecimento comum da vida cotidiana. Em virtude de sua natureza, seus textos têm despertado grande interesse em um público de leitores não habituados a esse campo disciplinar, a ponto de ser apresentado, por suas casas publicadoras, como um verdadeiro *best-seller*. Este estudo, situado no âmbito da sociologia da cultura, visa compreender, por meio da análise da sociologia de Bauman, o estado atual do campo sociológico em suas relações com a cultura de massa, tendo por pressuposto a lógica cultural contemporânea em que a distinção tradicional entre alta e baixa cultura – ou entre ciência e senso comum – parece perder legitimidade. Como resultado, a sociologia da modernidade líquida, a despeito de sua pretensão científica, aproximar-se-ia das práticas de vulgarização da ciência, fenômeno mais amplo e difuso nos diversos domínios disciplinares e que encontraria no esquema teórico de Bauman sua expressão no campo sociológico.

**Palavras-Chave:** 1. Pós-modernismo; 2. Ciência e Senso Comum; 3. Divulgação Científica; 4. Zygmunt Bauman (1925 –); 5. Título.

## **ABSTRACT**

The liquid modernity sociology of Zygmunt Bauman (1925 -) is, according to the author, a possible way to linking scientific knowledge about society with common knowledge of everyday life. Due to their nature, his texts have aroused great interest in an audience of readers not familiar with this disciplinary field, about to be presented, by his publishers, like a true best-seller. This study, situated within the sociology of culture, aims to understand, through the analysis of the Bauman's sociology, the current state of the sociological field in its relations to the mass culture, admitting a cultural logic contemporary that the traditional distinction between high and low culture - or between science and common sense - seems to lose legitimacy. As a result, the sociology of liquid modernity, despite its scientific pretensions, would bring the practices of scientific literacy, broader phenomenon and diffuse in different disciplinary domains and find that the theoretical scheme of Bauman expression in sociological field.

**Keywords:** 1. Postmodernism; 2. Science and commonsense; 3. Scientific Literacy; 4. Zygmunt Bauman (1925 -); 5. Title.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	5
1 O PROBLEMA: A SOCIOLOGIA DA MODERNIDADE LÍQUIDA.....	15
2 RECONSTRUÇÃO TEÓRICA .....	32
2.1 A ideia de sociologia crítica como prelúdio à sociologia da fluidez moderna.....	40
2.2 A sociologia “feita sob medida” para o mundo moderno-líquido.....	52
3 A ESTRUTURA INTERNA DA SÉRIE DA FLUIDEZ SOCIAL .....	56
3.1 A ciência pós-moderna de Boaventura de Sousa Santos.....	59
3.2 Rumo a uma sociologia pós-moderna .....	63
3.3 A metáfora modernidade líquida como produto de uma ciência pós-moderna.....	67
3.4 Adendo: pós-modernidade ou modernidade líquida?.....	82
4 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E PRODUÇÃO PÓS-MODERNA DE CONHECIMENTO.....	88
4.1 A sociologia da fluidez social como divulgação científica .....	89
4.2. Dominância pós-moderna, ciência e mercado: a “produção baumaniana” .....	96
CONCLUSÃO .....	106
REFERÊNCIAS.....	109

## INTRODUÇÃO

Em contraste com os estudos em teoria sociológica que geralmente se atêm a elementos puramente lógicos e formais nas teorias sociais específicas, esta análise toma a sociologia da modernidade líquida do autor polonês Zygmunt Bauman (1925 – ) desde as condições sociais que a produzem, instituem e permitem sua reprodução. Essa sociologia procura a seu modo transmitir conteúdos das ciências humanas para uma amplo público e volta-se especialmente para uma audiência não habituada aos instrumentos e análises próprios dessas disciplinas. A relação entre a produção teórica de Bauman e seu público leitor, dada entre outras coisas pelo modo como o autor converte a densidade dos textos científicos e filosóficos em algo palatável a uma leitura leiga, mas interessada pelo mundo da ciência, reflete aspectos pertinentes para a compreensão do campo científico e de suas relações com suas audiências. Nesse sentido, compreender a natureza social da sociologia de Bauman exige que se vá além de sua dimensão formal e que seja incorporado no âmbito da investigação os dispositivos sociais pelos quais sua série da fluidez social é produzida, divulgada e reconhecida.

A “série da fluidez social” é o *corpus* que compreende as obras do autor dos últimos dez anos, ilustrada genericamente pelos livros que apresentam o adjetivo “líquido” no título, mas não só. Desde 2000 o autor tem optado pela figura dos líquidos para caracterizar as mudanças ocorridas nas sociedades modernas contemporâneas, corroboradas sobretudo por teorias da modernização social como as de Giddens (1991) e Beck (2010). Não é incomum o uso recorrente do figurativo “líquido” em parte considerável de sua produção, bem como seu par contrastivo “sólido”. A série exprime de modo mais acabado a motivação básica da sociologia de Bauman e delimita o período em que seus textos encontraram ampla aceitação entre pessoas não habituadas ao saber sociológico, opondo-se, portanto, à densidade e aridez de sua escrita anterior. Em virtude desses fatos, o autor passou a ser caracterizado pelas casas editoriais a um só tempo como autêntico *best-seller* e um dos maiores e mais influentes pensadores contemporâneos, uma opinião prontamente assumida, em grau variado, pela maior fração de seu público leitor, fato bastante manifesto em blogues e comentários das obras.

Segundo a visão de seu autor, a sociologia da modernidade líquida é um modelo de ciência da sociedade cujo principal objetivo é elaborar um conhecimento da realidade social que tenha o mérito de ser transmissível a um grande número de leitores, que possa desempenhar uma função de esclarecimento da opinião comum e pouco refletida dos atores,

inculcando-lhes através da leitura certa disposição sociológica em relação ao mundo imediato do dia-a-dia. De um ponto de vista formal, esse modelo de ciência proposto por Bauman apresenta aspectos comuns às práticas de divulgação, vulgarização ou transmissão dos conteúdos da ciência para amplas audiências, a chamada “divulgação científica”. A fórmula básica dessas práticas consiste em alfabetizar cientificamente indivíduos leigos de modo que lhes seja estimulada determinada atitude mental em relação a suas vidas práticas. Uma sociedade altamente informatizada e tecnologicamente complexa, onde o conhecimento seria a principal força de integração social, parece ser a imagem sob a qual se baseia o trabalho de divulgação da ciência. Saber como “equipar” indivíduos para a vida em uma cultura profundamente pautada pela ciência é a pergunta de partida e o sentido da prática de divulgação científica (DURANT, 2005). Portanto, não se trataria aí de produção, mas de informação ou comunicação de conhecimento, da reprodução dos conteúdos das ciências nas consciências de leitores e espectadores anônimos.

Ainda que formalmente análoga à divulgação da ciência, a sociologia da modernidade líquida tal como caracterizada por Bauman não é apenas divulgação ou reprodução de saber científico para leigos. Segundo o autor, ela é o tipo de análise sociológica (e portanto científica) de perfil mais adequado ao que denomina de “vida líquida”, a vida levada a cabo em condições de dissolução e enfraquecimento dos laços sociais, em outras palavras, a vida na “modernidade líquida”. Baseado no que considera um dos diagnósticos mais adequados da modernidade contemporânea, o autor polonês vê em suas metáforas e em seu comentário sociológico sobre a experiência humana atual um modelo possível e necessário para a ciência da sociedade. Esse é o mote que levou Bauman a deixar de lado paulatinamente a densidade do estilo erudito de escrita, sobretudo aquele voltado para uma audiência específica, o “estilo acadêmico”, e a assumir gradativamente um texto de feição requerido por uma audiência mais numerosa, repleto de metáforas e oposições como “sólido/líquido”, “caçador/jardineiro”, “consumidor/produtor” etc. Ao passo que alterava seu estilo de escrita, sua obra atraía cada vez mais a atenção de numerosos leitores e favoreceu a introdução do seu nome nos espaços do circuito internacional da indústria cultural, por meio da difusão de suas principais obras pelos mercados editoriais nacionais.

Temos, portanto, um perfil de sociologia formalmente próximo ao padrão da difusão da ciência, mas que em vez de tão somente informar ou comunicar conquistas científicas, como no último caso, reivindica seu lugar como ciência, isto é, reivindica o estatuto da



produção e da invenção no âmbito das ciências sociais. Ora, uma ciência cujo principal aspecto é comunicar uma determinada imagem de mundo ao maior público possível deixaria de ser produtora de conhecimento, visto que prescindiria de fundamentos tradicionais da ciência (como a verificação empírica teoricamente orientada) em favor de sua capacidade comunicativa? Para Bauman, o princípio e a força da sociologia residem exatamente nessa capacidade, em sua competência específica para esclarecer a consciência individual frente ao mundo social. A sociologia, nessa acepção, seria uma atividade de natureza intelectual, forçosamente engajada na resolução dos problemas sociais por ela identificados.

Paralelamente ao surgimento desse tipo de ciência social que tem por fim a transmissão de conhecimento, cujo exemplo é a sociologia de Bauman, presencia-se um interesse amplo e cada vez maior por temas e debates próprios do mundo científico, que se manifesta nas demandas por cadernos de cultura e ciência em jornais e revistas de grande circulação, assim como na procura por obras de cientistas *best-sellers* e divulgadores como, por exemplo, o biólogo britânico Richard Dawkins. Tendo em vista esse pano de fundo, algumas questões surgem a propósito da ciência da fluidez social de Bauman e de suas condições de emergência, questões que conduzem ao problema de investigação que será aqui considerado. Antes de tudo, é preciso enfatizar alguns pressupostos básicos deste estudo, a fim de definir com maior precisão o problema propriamente dito e o caminho utilizado para sua explicação.

Na medida em que não se limita apenas aos aspectos formais da produção de Bauman, esta investigação não pretende persuadir a audiência especializada e intra-acadêmica da pertinência da sociologia desse autor, nem tampouco desprezar, por imposição dessa mesma audiência, a possibilidade e a legitimidade de uma “sociologia feita para as massas”. Antes, ela quer situar o perfil teórico de Bauman como uma possibilidade do próprio campo disciplinar contemporâneo. Procura-se saber quais seriam as razões sociais para a emergência de uma sociologia que, ao tentar se aproximar de um público leigo e fazer-se inteligível, vai assim se elaborando nos termos de uma literatura de massa, de uma “sociologia de massa”. Qual seria a natureza dessa sociologia, tendo em vista sua relação com a história dessa disciplina e de suas respectivas tradições teóricas? Quais são as manifestações culturais mais amplas, gerais e de longo prazo que estariam determinando os modos contemporâneos de se fazer ciência? Ao se aproximar do senso comum continuaria ela sendo sociologia, seria ainda ciência, considerando que a ruptura com o senso comum é fundamental para o labor

científico? Estaria ela ligada a uma tradição teórica? Em quais circunstâncias discursivas e históricas uma prática de divulgação científica – uma das dimensões da sociologia da fluidez – pode ser considerada de modo legítimo uma autêntica ciência, isto é, uma autêntica produtora de conhecimento? Mudou a ciência ou sua recepção? Ambos? Em suma, quais seriam as convergências e divergências entre uma ciência social cuja pretensão é dialogar com o senso comum e a prática de vulgarização científica, cujo modelo geral parece ser homólogo à “sociologia feita sob medida para a modernidade líquida” preconizada por Bauman?

Vale dizer que essas interrogações impõem à investigação a situação desconfortável de estar posicionada em meio às rugas entre dois espaços antagônicos e estruturantes da luta pela definição legítima do que chamamos de “cultura”: o campo de produção erudita e o campo da indústria cultural. Situar-se no lugar onde a luta é mais intensa é caminhar em território repleto de armadilhas teóricas e considerações arriscadas. Para enfrentar tal problema, dispusemos de modelos teóricos ajustados e pertinentes às perguntas iniciais da pesquisa e que tiveram o mérito de fazê-las funcionar como guias para a construção do problema a ser investigado. Com base nesses modelos, foi possível caminhar com algum grau de segurança no processo de ruptura com teses genéricas ou pouco consistentes a respeito da produção do autor polonês, formuladas sobretudo pelos principais comentadores de sua obra.

A investigação buscou prevenir-se de modos possíveis de relacionamento com a produção de Bauman. Em primeiro lugar, do modo como ela é apropriada pelo espaço da produção erudita ou científica, em razão daquilo que é considerado legítimo e adequado às leis desse microcosmo. O fato básico que determina o modo de inserção de um autor no espaço da ciência é a instituição e reconhecimento de seu nome pelos pares<sup>1</sup>. O autor consagrado é aquele que detém volume significativo do capital específico do campo científico (estatuto dos periódicos ou editoras em que é publicado, membro de instituições consagradas etc.). Nesse sentido, partimos do reconhecimento da rara ocorrência do nome de Bauman nos debates em torno da noção de modernidade e pós-modernidade, principais temas de seu pensamento. O debate em torno da “condição pós-moderna” é exemplar: o autor polonês é reconhecido como “o teórico da pós-modernidade” e “o grande pensador da modernidade” apesar de seu nome pouco se fazer presente no debate (ele é pouco ou nunca mencionado por autores voltados para o mesmo tema). Seus textos giram em torno de temas e problemas levantados pela controvérsia pós-moderna, mas seu nome raramente é agenciado no seio dessa

---

<sup>1</sup> Cf. Bourdieu (1983).

mesma controvérsia. Em virtude disso, sua produção pode ser vista como uma espécie de compêndio das discussões teóricas sobre o moderno e o pós-moderno, um comentário que do nosso ponto de vista foi gradativamente se ajustando a uma linguagem menos específica e mais compreensível, como um modo de organizar e divulgar as questões levantadas pelos teóricos da modernidade/pós-modernidade. Analisar a produção de Bauman em termos sociológicos é, portanto, romper com um silêncio programático em torno da obra, o qual não é unânime, visto que a ideia de uma teoria social voltada para as massas, para um amplo público, não é exclusividade da sociologia da liquidez, mas deve sua condição de existência à própria história da disciplina, como podemos ver, salvo suas diferenças, em alguns textos de Marx e Engels e na “política da verdade” elaborada por Charles Wright Mills.

Em segundo lugar, procuramos romper com os termos pelos quais a série da fluidez social é caracterizada pelo campo editorial e por fração expressiva do público leitor de Bauman. Para eles, trata-se de um dos maiores e mais influentes pensadores atuais, “o mais importante pensador social contemporâneo”, de “grande maestria” e “percepção aguçada”, que com sua “incomum capacidade de decifrar e compreender a realidade” e seu “célebre conceito de ‘liquidez’” tornou-se “o grande pensador da modernidade”<sup>2</sup>. Por um lado, temos o maior e mais importante teórico de nosso tempo, por outro, o ostracismo e o silêncio em torno da obra. O que se nota, acima de tudo, são dois modos de relacionamento com uma mesma produção, ambos radicalmente opostos. Identificar e compreender o lugar desse autor e de sua produção no espaço da ciências sociais é a questão que nos interessa.

Assim sendo, para que não reproduzíssemos na investigação os esquemas de classificação tanto do senso comum erudito (o silêncio em torno da obra) quanto do senso comum ordinário (a reverência ao grande sociólogo), valemo-nos de perspectivas teóricas engendradas por análises da oposição entre erudito e vulgar, oposição definidora da estrutura do campo de produção cultural moderno: a ideia de “dominância cultural pós-moderna” de Fredric Jameson (2006) e o conceito de campo de produção cultural de Pierre Bourdieu (2009; 1996). A partir dessas matrizes, e com apoio das considerações do filósofo da ciência Philippe Roqueplo (1983), foi possível refletir sobre o trânsito dos elementos eruditos e vulgares entre esses campos antagônicos, assim como analisar o trabalho dos vulgarizadores e difusores da ciência e as homologias entre sua prática e a “ciência da liquidez” de Bauman.

---

<sup>2</sup> Os comentários aqui reunidos foram extraídos em sua maioria das contracapas das obras de maior circulação do autor, assim como da caracterização de seu pensamento e modo de abordagem feita pelas casas editoriais em seus sites.

A sociologia da fluidez moderna será pensada como uma ciência de estilo pós-moderno, na medida em que nela as fronteiras entre conhecimento erudito e o conhecimento vulgar não é princípio fundamental para a construção de seus enunciados, pois seu objetivo é tornar acessível a uma audiência média suas formulações teóricas, reproduzindo-as de acordo com os instrumentos cognitivos do senso comum. Converter-se em senso comum é o principal mote da “ciência pós-moderna” preconizada por Boaventura de Sousa Santos, sociólogo português que afirma a emergência de um novo paradigma de conhecimento em que o saber científico e o saber comum se equivaleriam. A sociologia de estilo pós-moderno de Bauman, bem como a ciência pós-moderna de Santos, opor-se-iam, nesse sentido, ao paradigma da ciência moderna, cujo axioma é a desigualdade epistemológica entre saber científico e saber comum, fundamental para suas conquistas científicas (o “corte epistemológico”).

Com base na investigação do sentido e do caráter da sociologia da modernidade líquida, nomeadamente o modo como ela é operada e o contexto cultural por meio do qual ela emerge e é significada, será possível aproximá-la das práticas de difusão científica e do paradigma pós-moderno de conhecimento vislumbrado por Santos. Em um contexto cultural em que se impõe uma “dominância pós-moderna”, onde a distinção entre erudito e vulgar parece não ter mais sentido, uma prática de difusão da ciência como aquela levada a cabo por Bauman tende a se revestir de produção da ciência. E Boaventura de Sousa Santos está aí para dizer, nos mesmos termos do autor polonês, que uma ciência próxima do senso comum é possível e, mais ainda, salutar e emancipadora! Ela pode reivindicar o estatuto da produção e invenção nos termos de uma ciência que não mais se importa com uma verdade substancial e universal e que não mais se vale da ruptura com o senso comum. Ao contrário, ela só pode realmente converter-se em uma ciência adequada aos modos contemporâneos de se conhecer a realidade à medida que também se converte em senso comum. Vale dizer que é no âmbito das ciências humanas que essa conversão e o impacto desse paradigma se impõe de modo mais ostensivo.

As duas perguntas de partida fundamentais deste estudo podem ser assim exprimidas: a sociologia da modernidade líquida, cujo propósito é produzir conhecimento científico compreensível ao senso comum, representaria uma nova abordagem teórica, como quer seu autor, ou, em virtude da natureza de sua prática e da demanda a que está sujeita, estaria mais próxima de uma forma específica de partilha do saber (ou divulgação científica) no âmbito das ciências humanas? O esbatimento ou desconstrução das fronteiras entre o saber erudito da

alta cultura e o saber comum e padronizado da cultura de massa característicos do estilo cultural pós-modernista e variante dominante no campo de produção cultural contemporânea, nesse sentido, as condições simbólicas fundamentais para a autenticação da cientificidade de uma prática reprodutora e divulgadora da ciência como aquela que Bauman parece levar a cabo na série da fluidez social?

Hipóteses derivadas das perguntas: a sociologia da modernidade líquida é objetivamente uma forma de partilha do saber, de divulgação científica no âmbito das ciências sociais e não exprime uma nova proposta teórica como quer Bauman, pois deve sua existência a tradições do pensamento social constitutivas do campo sociológico que procuram a seu modo ligar a teoria social e as massas. É o pós-modernismo, enquanto configuração de sentido mais ampla, isto é, enquanto dominante cultural de nosso tempo, que converte a sociologia de Bauman em novidade teórica, e seu autor em “pensador mais importante e mais influente da atualidade”, visto que sua produção é adequada ao padrão cultural dominante, o qual se caracteriza pela atenuação da fronteira entre o erudito e o vulgar, que não vê qualquer significado plausível para a diferenciação entre o conhecimento específico e o conhecimento comum.

Primeiramente, procuramos compreender globalmente os aspectos propriamente teóricos da sociologia da modernidade líquida, independente de sua maior ou menor consistência interna, a fim de extrair seu esquema ou fórmula geral. Tais aspectos não são explicitados pelo autor polonês na série da fluidez social, na medida em que esta consiste, conforme seus próprios termos, em uma tentativa de articulação entre sujeito e objeto da ciência e não entre sujeitos da ciência. Contudo, mesmo não explicitados, alguns elementos teóricos são enunciados ou sugeridos pelo autor nas raras passagens em que ele é motivado, pelo próprio andamento de seu ensaio, a dizer algo sobre os parâmetros de sua sociologia e de seu modo de abordagem. A partir de então, pudemos identificar elementos comuns entre a atual proposta sociológica de Bauman e o modelo teórico da “sociologia crítica”, elaborada por ele décadas antes. *Por uma sociologia crítica: um ensaio sobre senso comum e emancipação*, originalmente publicada em 1976, é um esforço de fundamentação teórica da racionalidade e veracidade de uma sociologia cuja legitimidade científica estaria ancorada, segundo o autor polonês, na consciência prática de seu principal objeto de pesquisa, a saber, os indivíduos em interação. É particularmente importante o estudo dessa obra, pois não é possível extrair qualquer sentido teórico mais elaborado apenas com base na série da fluidez

social, na medida em que nela o autor está interessado sobretudo em comunicar os conteúdos das ciências humanas a uma ampla audiência. Do nosso ponto de vista, é possível identificar nesse esforço de Bauman em comunicar uma determinada imagem de mundo a um numeroso público, uma continuidade de sua proposta teórica anterior, uma tentativa de realização da ideia da “sociologia crítica” ou, em outros termos, uma ressonância de sua visão da relação entre teoria e prática.

O segundo passo consiste na análise da convergência formal entre sociologia da modernidade líquida, ciência pós-moderna e vulgarização científica. Cada uma a seu modo manifesta um tipo de “crítica social” que procura engajar-se na produção e transmissão de uma verdade social, cuja objetividade, por seu poder de esclarecimento, é considerada um fator de mobilização política. Nas três perspectivas, bastante representativas desse modelo de crítica, aparece a ideia de uma produção científica que teria por finalidade o incremento científico da dimensão prática da vida humana. Salvo seus atributos próprios, a sociologia da fluidez social, a ciência pós-moderna e a divulgação da ciência são edificadas em bases filosóficas pragmatistas. Assim sendo, ao nível epistemológico, podemos identificar a convergência das três abordagens, inclusive mesmo aquela da divulgação ou alfabetização científica, cuja principal base é a filosofia de John Dewey, intelectual que impulsionou, por assim dizer, o debate sobre a transmissão dos conteúdos da ciência para o amplo público (MILLER, 1983).

Pelas razões apontadas, este estudo está situado no âmbito da sociologia da cultura (e mais precisamente, no que poderíamos chamar de “sociologia da sociologia”), pois visa compreender, mediante a análise da sociologia da liquidez de Bauman, algumas características do estado atual do campo sociológico em suas relações com a cultura de massa, pressupondo para tanto, como pano de fundo, uma lógica cultural em que a tradicional distinção entre alta e baixa cultura – ou, no nosso caso, entre ciência e senso comum – não é ou não se quer mais legítima. Uma das hipóteses é a de que a sociologia da modernidade líquida, a despeito de sua pretensão científica, estaria mais próxima das práticas de divulgação da ciência, um fenômeno mais amplo e difuso nos diversos domínios disciplinares e que parece encontrar no esquema teórico desse autor sua manifestação no campo sociológico.

Finalmente, a sociologia da liquidez de Bauman, na medida em que propõe um modo de fazer ciência articulado ao saber imediato do senso comum, também está próxima, sem grandes ressalvas, do *modus operandi* da assim chamada “ciência pós-moderna”, tal como

elaborada e proposta pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos – “o conhecimento científico pós-moderno só se realiza enquanto tal na medida em que se converte em senso comum” (1987, p. 57). O princípio geral da sociologia de Bauman é o de converter o saber sociológico, geralmente restrito a especialistas, em saber comum, difundindo-o a um amplo público. Eis a sua ciência do mundo social. Essa “ciência da liquidez”, contudo, apresenta traços comuns com as práticas da divulgação da ciência, um processo comunicacional levado a cabo pelos chamados “divulgadores” ou “vulgarizadores” do conhecimento científico. A sociologia da modernidade líquida não produziria assim conhecimento sobre o mundo social, mas apenas reproduziria um repertório de teorias estabelecidas a fim de informar a prática individual de seus leitores. A legitimidade da “ciência da fluidez moderna” de Bauman, do nosso ponto de vista, está baseada numa dinâmica cultural em que a autonomia dos saberes “cultivados” ou “eruditos” em relação aos saberes e práticas culturais “desprestigiados”, “ilegítimos” ou de “massa” (em especial o senso comum), autonomia fundamental para o alto modernismo, não é ou não se quer mais aceita.

O primeiro capítulo procura apresentar a sociologia da modernidade líquida enquanto problema sociológico, apresentando seus aspectos formais nos termos de uma sociologia da produção cultural. Para tanto, levaremos em conta algumas das principais interpretações acerca das obras do autor que, cada uma a seu modo, tentaram imputar um significado plausível para sua produção e pensamento. O que caracteriza parte considerável dos comentários sobre a obra de Bauman é a ausência de qualquer problematização teórica; seus intérpretes em geral se limitam a uma apresentação da biografia do autor polonês associada a temas abordados por ele ao longo de sua trajetória intelectual. Não encontramos neles qualquer análise crítica da obra do autor, mas apenas ensaios que elogiam os motivos de sua reflexão e de sua escrita. Essas análises se caracterizam sobretudo pela difusão do nome do autor e de seus principais temas e não estão voltadas ao escrutínio da obra pela obra nem à elaboração ou sistematização do que chamam de “sociologia de Zygmunt Bauman”. Portanto, elas nos servem menos como fortuna crítica e mais como extensão da própria produção baumaniana.

A reconstrução teórica necessária para a ordenação e apresentação da sociologia da liquidez moderna é objeto do segundo capítulo, onde são cotejados textos do autor das décadas de 1970 e 2000, com o intuito de revelar o horizonte teórico e político para o qual

está voltada sua reflexão, sobretudo sua visão da relação entre teoria e prática (ou da sociologia e senso comum) em uma sociedade moderno-fluida, conforme sua acepção. Com base no desenvolvimento dos capítulos iniciais, será possível aproximar a sociologia de Bauman da ciência pós-moderna de Boaventura de Sousa Santos e do *modus operandi* da divulgação científica. O modelo teórico extraído dos textos de Bauman será considerado como uma sociologia de feitiço pós-moderno, coerente com o diagnóstico de época que o autor considera adequado – a “modernidade líquida” –, assim como à lógica cultural contemporânea, nos termos de Jameson.

Ao final, situaremos o perfil da produção de Bauman no âmbito da dinâmica cultural mais abrangente que a engendra e institui. É a partir dessa nova lógica cultural, pós-moderna, que a divulgação científica feita pelo autor é considerada de modo legítimo uma genuína ciência social, “a sociologia feita sob medida para a modernidade líquida”, tanto para seu público quanto para o próprio autor.



## 1 O PROBLEMA: A SOCIOLOGIA DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Zygmunt Bauman nasceu em 1925, em Poznan, Polônia, no seio de uma família judaica. Na adolescência foi forçado a migrar com ela para a então União Soviética, na tentativa de escapar do avanço nazista em seu país. Lá, uniu-se ao exército soviético, partindo logo depois para a guerra em território polonês ao lado das tropas russas<sup>3</sup>. Foi nessa ocasião, segundo ele, que se interessou tanto pelo socialismo quanto pelo marxismo, dois representantes, em sua visão, das promessas de um futuro menos belicoso e mais livre para a humanidade. Filiou-se então ao Partido Comunista Polonês, em meados da década de cinquenta, mesmo período em que dá início a sua carreira acadêmica, como professor na Universidade de Varsóvia, lugar onde assumiria uma década mais tarde a cátedra de Sociologia Geral e a direção do então Departamento de Sociologia. Após o que chamou de uma “campanha antissemita”, promovida pelas autoridades polonesas em 1968, foi afastado do cargo e expulso da universidade, o que o obrigou a exilar-se<sup>4</sup>. Três anos depois, transitando entre universidades de países como Israel e Austrália, finalmente se fixa na Universidade de Leeds, Inglaterra, onde se estabeleceu como professor e pesquisador até o início da década de noventa, quando então se aposentou.

Nas últimas décadas muito se tem falado sobre a reflexão desse sociólogo radicado na Inglaterra, sobretudo a respeito de seu diagnóstico da modernidade contemporânea. Anthony Giddens, teórico inglês, considera-o um dos principais analistas daquilo que se convencionou chamar de “pós-modernidade”. Dennis Smith (1999), outro inglês, em sua introdução à obra do autor, o chama de “profeta da pós-modernidade”, cujas ideias anunciariam a emergência de um novo padrão de sociabilidade, fluido, instável e inseguro, resultado do avanço da modernização ocidental. A renomada revista inglesa *Theory, Culture & Society* (1998), publicou uma edição inteiramente dedicada a textos versando sobre as ideias desse sociólogo, contando com autores como o filósofo francês Jean Baudrillard; a revista também apresenta em diversos de seus números uma variedade de escritos e resenhas do próprio Bauman.

---

<sup>3</sup> No pós-guerra, Bauman subiu rapidamente na hierarquia militar e tornou-se um dos mais jovens majores do exército polonês (JACOBSEN & PODER, 2008; SMITH, 1999).

<sup>4</sup> O episódio deveu-se à recusa de Bauman e de outros dois professores, Leszek Kolakowski e Włodzimierz Brus, em censurar um manifesto estudantil contrário ao PC polonês. Bauman então foi acusado de corromper a juventude e fomentar ondas de revoltas estudantis contra as autoridades polonesas. Para Jacobsen & Poder (2008), como também para Bauman (2011), as acusações que resultaram em seu afastamento do cargo demonstravam sinais claros de antissemismo.

Como mencionado, uma característica marcante desse sociólogo nos últimos anos é a de ter despertado um consistente interesse por seus escritos em uma ampla gama de leitores pouco ou nada acostumados com os dilemas e problemas levantados pela sociologia, interesse que contrasta com sua produção teórica anterior, mais hermética e voltada a especialistas. Essa marca da recente produção do autor se manifesta de modo mais ostensivo no que aqui chamamos de série da fluidez social, iniciada em 2000<sup>5</sup>. Nessas obras, o autor vale-se de estratégias textuais de inserção de conteúdos do saber sociológico no âmbito do senso comum, através de procedimentos que tentam de algum modo introduzi-los em imagens comuns da vida cotidiana contemporânea, por vezes pinçadas de jornais ou revistas de grande circulação. Em seus termos, os indivíduos leigos estariam atualmente inclinados e em contexto social propício para usufruírem dos bens produzidos pelo campo da sociologia, apesar de alheios à competência específica dessa disciplina (BAUMAN, 1976; 2000a).

Essa última produção de Bauman é um fenômeno que encontra seu lugar e sua razão social na interface entre universos opostos da cultura: aquele do saber erudito e socialmente valorizado dos círculos científicos e acadêmicos e o saber ordinário e pouco refletido do senso comum, o saber que do ponto de vista da ciência é inconsistente, ilógico e baseado unicamente no aqui e agora, no dia-a-dia. Em termos gerais, sua produção transita entre os bens culturais considerados “autênticos” e “valiosos” e aqueles que levam a marca da inautenticidade. Sua sociologia da modernidade líquida seria, portanto, um libelo contra o princípio fundador e mantenedor da ideia de uma ciência da sociedade, na medida em que ela procura a seu modo produzir saber genuinamente sociológico sem romper com o saber comum e leigo. Porém, a ideia de uma ciência social que somente lograria êxito pondo-se à parte do senso comum (como em Durkheim e Bourdieu, por exemplo) não é unânime no campo e pode-se dizer que ela está longe de ser um dado indiscutível nessa prática científica. Uma sociologia que busca compreender seu objeto para além do senso comum sem deixar este inerte, sem ao menos inculcar-lhe suas conquistas, é uma ideia que tem raízes em tradições correntes do pensamento social. Se esse perfil teórico não é percebido como legítimo ou autêntico, o motivo pode residir na posição dominada que ele ocupa no campo disciplinar.

---

<sup>5</sup> No decorrer da exposição, denominaremos de *série da fluidez social* o conjunto de obras em que Bauman interpreta o cenário atual das sociedades ocidentais modernas pelo prisma da fragmentação dos laços sociais. São elas: *Modernidade líquida* (2000), *Amor líquido* (2003), *Vida líquida* (2005), *Medo líquido* (2006) e *Tempos líquidos* (2007) – as respectivas datas referem-se ao ano de publicação da primeira edição das obras em língua inglesa.

Qualquer análise substantiva da sociologia da modernidade líquida não poderá deixar de lado o fato de que ela é antes de tudo uma tomada de posição no seio de um espaço de lutas entre agentes cujo fim é definir aquilo que é legítimo ou ilegítimo em ciências sociais. Portanto, para ser objetivada e analisada de forma prudente, esse tipo de sociologia que Bauman leva a cabo, e que vai contra os modelos teóricos considerados legítimos, exige uma abordagem que rompa primeiramente com o sentido dado a ela pelo próprio cânone disciplinar. O sociólogo polonês vê suas análises como uma sugestão e um modelo às ciências sociais, um exemplo de procedimento que visa realizar, segundo ele, as novas tarefas impostas para essa disciplina, no mundo que considera “moderno-líquido”. Assim sendo, é improdutivo apenas perguntar se a sociologia da modernidade líquida é ou não uma genuína ciência social, ainda que o caminho desta investigação não deixe de contemplar tangencialmente essa questão. Como um perfil de sociologia, independente de sua consistência teórica, pôde se desenvolver enquanto literatura de massa sem deixar de lado suas referências científicas, ou melhor, sem deixar de reivindicar seu estatuto de ciência (suas credenciais de genuína sociologia), parecer ser, do nosso ponto de vista, uma pergunta mais produtiva e sensata.

Ainda que autores como Giddens (2002), Beck (1997), Santos (2001) e Featherstone (1995) façam uso ou citem algumas das ideias de Bauman, não há uma incorporação consistente da produção desse autor no campo disciplinar, algo que poderia ser evidenciado, nesse caso, por estudos contemporâneos em teoria sociológica. Sua fortuna crítica, como veremos, não nos permite avançar no sentido de uma sólida reconstrução teórica de sua sociologia, na medida em que seus principais comentadores, se não são levados em suas análises por certo “biografismo” – a vida que explica a obra –, tendem a reverenciar os motivos humanistas identificados nos escritos do autor polonês e a retomar, por outros termos, ideias contidas em suas principais obras. Além disso, ele figura como coadjuvante em assuntos pelos quais é reconhecido como especialista, como a ideia de “pós-modernidade”. Suas obras, pelo menos no Brasil, têm maior espaço em áreas como Pedagogia, Comunicação Social, Estudos Literários e Psicologia. Em Sociologia, precisamente no campo disciplinar ao qual esteve filiado por décadas e pelo qual é mundialmente conhecido como uma de suas principais referências, há um vazio teórico, um silêncio em relação à produção desse autor.

À falta de uma base segura para caracterização do tipo de sociologia de Bauman, este estudo parte primeiramente do que está dado na série da fluidez social, ou seja, do modo como nela o autor leva a cabo sua análise, segundo ele, exemplo da função que a sociologia

deve assumir em “tempos moderno-líquidos”. Antes de situar esse perfil teórico relativamente a outros modelos de produção e difusão do saber (no caso a ciência pós-moderna e a divulgação científica) é preciso primeiro observá-lo em seus próprios termos, em sua atividade mesma, para que seja possível compreendê-lo no seio da história da disciplina, face a tradições correlatas e modelos contemporâneos similares a ele, tomando-o como uma possibilidade dada pelo estado atual do próprio campo disciplinar. Em oposição às interpretações correntes de sua produção, nossa reconstrução tem em vista menos as ideias mesmas de Bauman (o significado de “pós-modernidade”, “modernidade líquida”, “vida líquida”, “tempos líquidos” etc.) e mais o caminho que o autor trilhou para formulá-las e o motivo que o levou a elaborá-las deste e não de outro modo.

O desenho geral da sociologia da liquidez moderna possibilita não apenas determinar de modo mais preciso o tipo de opção teórica que Bauman está fazendo no quadro contemporâneo do pensamento social, mas também permite dar início ao trabalho de construção da posição que o autor e sua produção representam no espaço das ciências sociais. Haja vista que esta análise quer entender a ciência da liquidez a partir de suas determinações sociológicas, o esquema básico contido na série da fluidez social oferecerá elementos necessários para o entendimento preliminar da classe de produtores contemporâneos à qual Bauman está radicado, uma classe possivelmente interessada em partilhar conteúdos científicos com o grande público, em termos “sociológicos”, “crítico sociais” ou “difusionistas”.

Em estudo anterior<sup>6</sup>, chegamos à conclusão de que os textos de Bauman apresentam um caráter fortemente político, pois são ensaios de feitio muito próximo da escrita jornalística e que prezam sobretudo por temas de grande repercussão na esfera pública. O que venha a ser sua sociologia da liquidez é fato que sua análise importa-se menos com os protocolos da ciência e mais com o seu poder de difusão entre o público, com o poder de seu diagnóstico para ganhar mentes e se fazer conhecer. Trata-se de uma visão da sociologia como uma ciência de intelectuais, uma atividade reflexiva que estaria capacitada a intervir publicamente nos eventos cotidianos. Não por acaso, o autor sempre se atém a aspectos da vida comum que podem ser representativos das mutações ocorridas na esfera pública dessa nova modernidade

---

<sup>6</sup> Cf. Cleto Abreu, *Política, sociedade e modernidade líquida: um estudo sobre o pensamento de Zygmunt Bauman*. Trabalho de conclusão de curso de graduação. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAR/UNESP, 2009.

que procura caracterizar. Poder, público, indivíduo e estado-nação são palavras recorrentes em seu vocabulário.

Bauman é um sociólogo relativamente novo, de florescimento tardio, visto que passou a ser mundialmente conhecido como eminente autor apenas a partir da década de 1990, após dar início ao projeto da série da fluidez social, o qual mantém até o presente momento. Não foi sempre o teórico da pós-modernidade ou da modernidade líquida como ficou conhecido, mas também foi autor de expressiva produção teórica desde meados da década de sessenta do século passado. Como professor e pesquisador nas universidades de Varsóvia (Polônia) e Leeds (Inglaterra), escreveu diversos livros sobre temas variados que vão desde o movimento trabalhista britânico até os pensamentos de Lênin e Marx. Nos anos noventa, após deixar a atividade docente, intensificou seus esforços para a compreensão da natureza do que naquele período se convencionara chamar de “pós-modernidade”, o que lhe rendeu inúmeros livros e artigos até o final da década de noventa. A sociologia da modernidade líquida tem início a partir daí, com o esmorecimento do debate pós-moderno, por um lado, e com o surgimento de novos diagnósticos do presente, por outro, como a modernidade reflexiva de Giddens & Beck ou a hipermodernidade de Gilles Lipovetsky. A reconstrução da trajetória intelectual de Bauman desde o período marxista até sua adoção da metáfora dos líquidos nos últimos anos (passando evidentemente pelo momento “pós-moderno”) oferece elementos de explicação de suas opções teóricas na série da fluidez social, sobretudo a respeito do perfil intelectual que exprime.

Essa nova orientação teórica coincide também com o momento de aposentadoria do autor, quando deixa o âmbito da pesquisa e da docência próprio da academia e suas tradicionais exigências disciplinares e se abre a uma escrita ostensivamente mais prolífica. Entretanto, a sociologia da liquidez moderna não é exclusivamente determinada pela desfiliação institucional de Bauman, visto que ela representa uma continuidade do perfil teórico desse autor, dado, nesse sentido, por suas escolhas metodológicas e epistemológicas anteriores, ainda no período acadêmico, tanto na Polônia quanto na Inglaterra. Em virtude disso, o sociólogo polonês não verá nessa nova guinada de sua produção um mero exercício de divulgação do conteúdo das ciências sociais, mas uma proposta de autêntica sociologia, guiada por um interesse programático de ciência social, um tipo de abordagem sociológica que ele considera necessária e adequada à “modernidade líquida”, pois no próprio movimento de explicação do fenômeno residiria também um esforço estilístico para torná-lo

universalmente inteligível. Uma sociologia que procura aproximar-se do senso comum, mas sem, no entanto, deixar de ser ciência social – eis o propósito que Bauman coloca a si a partir da série da fluidez moderna.

De modo correlato, é também a partir da década de noventa que alguns autores passaram a se dedicar exclusivamente ao entendimento do pensamento e sociologia de Bauman, identificando, cada um a seu modo, as contribuições desse autor para a compreensão da natureza da modernidade ocidental<sup>7</sup>. Esse interesse pela singularidade de sua reflexão ocorreu paralelamente à visibilidade e ao tônus editorial que suas obras passaram a ter no período de sua aposentadoria, momento de grande fertilidade de sua escrita e que pode ser caracterizado pelo volume considerável de artigos, livros e editoriais produzidos, em geral voltados para o debate público e repletos de metáforas e alegorias. Nesse momento, Bauman salienta que sua estratégia teórica tem por pressuposto o estímulo do entendimento sociológico no nível do senso comum e vê seu modo de fazer sociologia como uma tentativa de “promoção da autonomia e da liberdade humanas”, pois seu motivo primeiro seria o de estimular “a autoconsciência, a compreensão e a responsabilidade individuais” em um mundo marcado, segundo ele, pela fragmentação moral (2001, pág. 243).

Nessas interpretações do pensamento do autor há um interesse especial em estabelecer ligações entre momentos da vida de Bauman, em geral episódios traumáticos como a memória da guerra e do exílio, e o modo como ele constrói seus argumentos. Por exemplo, a forma eclética pela qual o autor delimita os fenômenos abordados e a recorrência ao ensaio como um estilo para a livre articulação de ideias, assim como a ausência em sua obra de uma teoria social sistemática, são elementos que, segundo essas interpretações, podem ser associados ao trânsito institucional de Bauman após deixar a Universidade de Varsóvia e aos traumas sofridos desde a Segunda Guerra Mundial. Metáforas empregadas pelo autor como “turista”, “vagabundo”<sup>8</sup> e “estrangeiro”<sup>9</sup>, também são relacionadas ao seu período de exílio

---

<sup>7</sup> A primeira publicação voltada unicamente ao pensamento de Bauman está na forma de coletânea de artigos organizada pelos professores Richard Kilminster e Ian Varcoe, sociólogos da Universidade de Leeds e, portanto, institucionalmente próximos ao autor (Cf. *Culture, Modernity and Revolution: Essays in Honour of Zygmunt Bauman*, Routledge, 1996). Entretanto, apenas dois ensaios são dedicados exclusivamente ao autor polonês: a título de introdução “Introduction: Intellectual Migration and Sociological Insight” e conclusão, “Addendum: Culture and Power in Writings of Zygmunt Bauman”. Os demais ensaios são apenas inspirados por temas habitualmente analisados pelo autor.

<sup>8</sup> “Turista” e “vagabundo” são figuras utilizadas pelo filósofo francês Michel Maffesoli em *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas* (2001). Elas podem ser referidas ao “estrangeiro” de Georg Simmel, na medida em que são também marcadas pelos signos da inconstância, insegurança e indeterminação.

acadêmico. A questão principal para esses comentadores diz respeito ao caminho trilhado por Bauman até a disciplina sociologia e como o autor busca imprimir nela um sentido humanitário e emancipador. Concluem que seu drama subjetivo, resultado das grandes catástrofes sociais ocorridas na Europa no século XX, fez dele um verdadeiro humanista e um sociólogo preocupado em tornar evidentes as fraturas sociais contemporâneas. Essas leituras parecem não contradizer seus próprios objetivos, na medida em que sua intenção primeira é a de divulgar a produção do autor e identificá-lo como um nome proeminente nas discussões sobre a vida moderna e pós-moderna.

If you are new to the hotly raging debate about modernity and postmodernity, start by reading Zygmunt Bauman. He is one of the most interesting and influential commentators on these aspects of our human condition. (...) Zygmunt Bauman has brilliantly described humankind's trek through modernity during the past few centuries. He has also drawn a vivid map of the new world coming into being as modernity turns postmodern. (...) Bauman is part of the story he tells. He can be found on the map he draws (SMITH, 1999, pág. 3).

Tony Blackshaw (2010) considera a sociologia de Bauman uma mudança bem-vinda a uma ciência ainda apegada aos conceitos de seus “pais fundadores”. Para ele, o emprego recorrente de metáforas por esse autor não vai de encontro aos modelos tradicionais da disciplina, pois esse tipo de recurso, segundo ele, sempre esteve presente nas construções teóricas de grandes pensadores como Marx e Weber. A mudança que Bauman estaria impulsionando na sociologia contemporânea, para Blackshaw, nada mais é que uma revitalização do pensamento metafórico típico da disciplina, visto que suas imagens e figuras seriam mais adequadas para a explicação dos fenômenos atuais que aquelas elaboradas pelos “pais fundadores”. Num sentido próximo, Kilminster & Varcoe (1996) destacam o clima de efervescência teórica pelo qual passava o mundo intelectual britânico quando da chegada de Bauman em Leeds, na década de setenta, momento em que o estrutural-funcionalismo de Talcott Parsons e Robert K. Merton, hegemônico até então, estava sob forte ataque, em meio a um ambiente bastante marcado por disputas entre modelos teóricos diversos, como a etnometodologia, o marxismo althusseriano, a teoria crítica, o feminismo e a fenomenologia. A “sociologia crítica” de Bauman, elaborada nesse período, é visivelmente pautada por esse clima de disputa intelectual e crise dos modelos hegemônicos vigentes na Inglaterra, na medida em que ela expressa um posicionamento enfático do autor em relação não só ao

---

<sup>9</sup> A utilização de narrativas individuais como objeto heurístico para a análise de configurações sociais específicas é corroborada por estudos como os de Elias (1995) e Bourdieu (1996). A construção da trajetória intelectual e biográfica de Bauman poderia funcionar para representar uma dada configuração social.

estrutural-funcionalismo de Parsons, mas também aos modelos que ganhavam força no cenário britânico da época, como a fenomenologia. Outhwaite (2010) vai além e identifica Bauman como um dos representantes do grupo de imigrantes que no pós-guerra contribuíram para a formação e fortalecimento do pensamento sociológico britânico, ao lado de intelectuais como Norbert Elias, Ernst Gellner e Karl Popper. As posições de Kilminster & Varcoe, bem como a de Outhwaite, são bastante sugestivas e permitem avançar na explicação do lugar ocupado pela produção de Bauman no cenário inglês da época.

A sociologia da modernidade líquida resulta das opções metodológicas e epistemológicas feitas por Bauman nos períodos subsequentes a sua chegada em Leeds, em meio à crise dos paradigmas funcionalistas na sociologia inglesa. Todas essas escolhas, por sua vez, não deixam de ser também pautadas pelos anos de imersão desse autor no pensamento marxista, que pautou sua produção teórica anterior. O cenário acadêmico polonês, na ocasião em que Bauman integra o quadro de professores da Universidade de Varsóvia, era fortemente pautado pelo socialismo e pelas ideias de Marx, como podemos constatar numa pequena publicação dessa universidade no período pós-guerra.

*L'Université de Varsovie représente aussi, actuellement, l'un des plus grands centres polonais de recherche scientifique. Elle apporte une contribution précieuse à l'élaboration d'une nouvelle synthèse de l'histoire du pays, à la révision des conceptions traditionnelles sur l'histoire du XIX siècle, surtout sur celle de l'économie nationale et de la question paysanne, ainsi qu'aux études d'histoire contemporaine se rapportant en particulier au mouvement ouvrier. L'Université est également devenue le centre principal du développement de la philosophie, de la logique et de la pédagogie marxiste, et un foyer éminent de la pensée économique socialiste (SKUBALA & TOKARSKI, 1959, pág. 158)<sup>10</sup>.*

É notável a força que os pensamentos marxista e socialista dispunham no campo científico polonês nesse período, demonstrado pela predileção a temas como os movimentos operários e camponeses, assim como pelos esforços na escrita de uma nova história do país e do Ocidente como um todo. O marxismo também era bastante valorizado, em seus termos lógicos, filosóficos e pedagógicos. É um período em que as pressões políticas exerciam-se

---

<sup>10</sup> “A Universidade de Varsóvia representa também, atualmente, um dos maiores centros poloneses de pesquisa científica. Ele oferece uma contribuição preciosa para a elaboração de uma nova síntese da história do país, para a revisão das concepções tradicionais sobre a história do século XIX, principalmente sobre a economia nacional e a questão camponesa, assim como estudos de história contemporânea referindo-se, em particular, ao movimento operário. A Universidade tornou-se igualmente o principal centro de desenvolvimento da filosofia, da lógica e da pedagogia marxista e um lar do pensamento econômico socialista”. Tradução livre.



sem muitos obstáculos no campo intelectual do país e estabeleciam os temas e os problemas prioritários de pesquisa.

Poucos anos antes de seu afastamento de Varsóvia, no final da década de sessenta, Bauman, em sua crítica aos “modelos mecânicos” de análise marxista, exprime um pouco da controvérsia pela qual passava o próprio marxismo na Polônia da época<sup>11</sup>. No entanto, é preciso ressaltar que o autor foi professor ao longo de toda década de sessenta em Varsóvia, o que demonstra que suas tomadas de posição iam de algum modo ao encontro da lógica predominante no campo político em ocasião, as quais asseguravam inclusive sua posição de diretor no departamento de sociologia da universidade polonesa. Consciente disso, Bauman afirmaria décadas depois:

(...) na porta pela qual um dia eu acreditei que a reflexão social seria capaz e estaria destinada a entrar na realidade social eu hoje afixaria o cartaz de “proibida a entrada”, lamentando que isso não tenha sido feito antes. Essa era a porta da legislação, em que as escolhas certas teriam de ser determinadas pelos ambientes projetados com cuidado em que elas são feitas, e os erros endêmicos à livre escolha e à livre experimentação excluídos de antemão. Não creio que as pessoas possam ser forçadas à liberdade (BAUMAN, 2011, pág. 175).

No momento de entrada no polêmico cenário intelectual inglês nos anos setenta, Bauman é acima de tudo um teórico de esquerda, um “marxista dos novos tempos”, conforme suas palavras. É anunciando um marxismo contrário ao que chamou de “vulgata soviética” que o sociólogo polonês se posiciona na controvérsia inglesa em torno do paradigma funcionalista. Tanto o marxismo ortodoxo dos tempos de Varsóvia quanto o estrutural-funcionalismo hegemônico na universidade inglesa aparecem como os grandes sistemas teóricos a serem superados. É nesse momento que Bauman chega a Habermas, na tentativa de elaborar uma visão renovada da ligação entre teoria e prática, agora à luz do que considera o “moderno marxismo”, e que se impõe a ele como condição indispensável para uma análise que ainda queria ser fiel a Marx. O problema do nexos entre teoria e práxis, aprofundado por Habermas no final dos anos sessenta, é apropriado por Bauman, em meados dos setenta e já estabelecido no cenário inglês, nos moldes da relação entre sociologia e senso comum. Em contraste com o sistema parsoniano, a proposta do autor polonês é tratar o objeto da ciência do homem não como “coisa”, mas como um par no diálogo entre sociologia e senso comum.

---

<sup>11</sup> Cf. Zygmunt Bauman (1967). *Modern times, modern Marxism*.

O *modus operandi* da sociologia da modernidade líquida guarda elementos desse momento da reflexão de Bauman, mas diferentemente deste, exprime certo desinteresse do autor por qualquer fundamentação teórica nas análises. Não obstante, ela é um tipo de enquadramento da realidade social que não deixa de ser fruto de uma visada pessoal instruída por décadas de especulação teórica e intenso debate. Essa recusa do autor parece dificultar a construção de sua sociologia, já que ele não dispõe de modo claro e preciso os trilhos pelos quais caminha sua explicação. Tudo se torna mais obscuro quando percebemos que sua sociologia da modernidade líquida se estende sobre um território imenso de problemas, desde o âmbito local até os macroprocessos globais. Sua metáfora dos líquidos abarca qualquer fenômeno que tenha repercussão, “valor de acontecimento” nos meios de informação, desde os rumos da ciência contemporânea até as crises financeiras globais e os novos movimentos de protesto europeus. Tudo assume um novo significado em seu texto, sempre associado aos adjetivos “líquido” ou “sólido”. Talvez seja em virtude desse fato que parte de seus comentadores não levem a cabo uma leitura mais aprofundada da produção do autor e se limitem a uma exposição cerimoniosa de seu pensamento. Keith Tester, por exemplo, vê Bauman como um “tradutor do mundo em textos” que se orienta por uma “sociologia eclética” porque considera essa perspectiva teórica necessária e adequada para a leitura da infinidade dos modos assumidos pela experiência humana contemporânea (BAUMAN, 2011). Assim Tester descreve seu estudo sobre o que chama de “pensamento social” de Bauman.

This book is a study of Zygmunt Bauman’s work, the work which dissects the present, which seeks understanding from the past, and which is carried out in the vocational hope that in the future human being in the world might be just that – *human* (2004, pág. 11).

Em outro momento, esse intérprete toma o sociólogo polonês como alguém que “usa uma sociologia eclética para mostrar a seus leitores que o mundo pode ser diferente do que é; e que, apesar de tudo, existe uma alternativa” (*apud* BAUMAN, 2011, pág. 19). Muito cerimonioso e pouco analítico, Tester chega a considerações duvidosas ao afirmar que os textos de Bauman teriam mudado “a natureza de parcela significativa do pensamento social contemporâneo”<sup>12</sup>. O desinteresse de Bauman por teorias sociais sistemáticas decorre, em grande medida, do modo como o autor incorporou o debate pós-moderno em sua obra e como

---

<sup>12</sup> Perry Anderson retoma uma a uma as teorizações mais significativas sobre a pós-modernidade desde a primeira aparição do termo até as obras de Harvey (1996) e Jameson (2006) e não encontramos aí qualquer citação a Bauman. Giddens, que considera o polonês “o teórico da pós-modernidade” [contracapa da edição portuguesa de *Life in fragments* (BAUMAN, 2007b)], cita-o apenas uma única vez, em *Modernidade e identidade*, ao analisar a construção dos estilos de vida nas sociedades de consumo (2002, pág. 183).

teve que lidar desde então com a questão da ligação entre sociologia e senso comum após a crítica pós-moderna das grandes narrativas, sobretudo a crítica das noções de sujeito e de verdade.

Para não cair em uma análise desse tipo, dependente de episódios biográficos ou de certa empatia com a obra como recurso explicativo do modo de abordagem do autor, pensamos o esquema geral da sociologia da modernidade líquida como o produto de um conjunto de elementos teóricos, sucessivamente utilizados pelo sociólogo em seu trajeto de vida, que foram pouco a pouco sendo depurados e subjetivamente fixados ao longo das controvérsias e dos espaços institucionais que pautaram ao fim e ao cabo seu percurso intelectual até o fim dos anos noventa. Em outras palavras, as opções epistemológicas e metodológicas de Bauman serão compreendidas à luz do universo de problemas vigente na ocasião em que foram tomadas. Por essa via, ficará mais clara a proximidade da sociologia da modernidade líquida com a prática de divulgação científica e com o estilo pós-moderno de produção do conhecimento, pois tanto esta quanto aquela correspondem a demandas históricas e teóricas específicas que contribuem para o êxito de Bauman em difundir sua visada sociológica de entendimento da realidade. É nesse processo que sua sociologia pôde assim se desdobrar enquanto um tipo de literatura de massa, assim como seu autor figurar para o mercado editorial como autêntico *best-seller*. O tipo de abordagem contido na série da fluidez social não é, portanto, a realização de um projeto de vida elaborado e conduzido por um homem histórico acochado pela memória da guerra e da perseguição política, mas uma *prática*, um modo de pensamento e construção textual que foi gradativamente se constituindo na formação objetiva e subjetiva do autor.

Para Bourdieu (2009), os campos de produção simbólica, como o universo intelectual e científico, devem sua forma às lutas entre seus agentes em torno da definição legítima dos objetos específicos que neles são admitidamente valorizados e cuja estrutura e caráter são determinados pela prática peculiar da qual resultam. Esta, por sua vez, deve seu sentido à estrutura das posições relativas dos agentes no interior do campo. Quanto mais distinta essa prática, mais o espaço de produção simbólica é capaz de funcionar apenas segundo as leis elaboradas pelo conjunto dos seus próprios agentes, de modo relativamente independente às demandas e interferências externas. Quanto menos diferenciada ela é, menor o poder do campo para refratar as forças externas, isto é, menor sua capacidade de impor suas próprias regras de produção simbólica. Por exemplo, o campo das ciências sociais, diferentemente do

campo das ciências exatas, apresenta uma tênue autonomia diante das demandas de outras esferas de poder, como a econômica e a política. Na medida em que suas práticas diferenciadoras se orientam para a definição legítima do mundo social, o campo das ciências sociais está forçosamente voltado para um objeto cuja natureza qualquer pessoa julga poder acessar imediatamente. Essas ciências estarão, portanto, sempre propensas a entrar em conflito com uma variedade de acepções de sociedade, pois sua prática envolve justamente a produção do principal objeto de disputa no campo político, a verdade legítima do social (BOURDIEU, 1983).

Considerada como uma prática de produção simbólica, a sociologia da modernidade líquida ganha assim elementos para sua compreensão que estão além dos simples episódios da trajetória de vida de seu autor, o que permite captar de modo mais preciso seu significado social, enquanto possibilidade histórica dada pela atual dinâmica de produção de conhecimento no âmbito das ciências sociais. Sendo uma prática, ela deixa de ser apenas resultado das sucessivas opções teóricas de Bauman e se converte em algo de natureza mais ampla, cujas raízes encontram-se no espaço de produtores eruditos que procuram cada um a seu modo vincular sua teorização sociológica ou suas análises críticas ao entendimento comum do mundo da vida.

A fórmula geradora da sociologia da liquidez define-se pela combinação de determinadas conquistas teóricas das ciências humanas que são agrupadas seja em torno de eventos reportados em diários europeus, sobretudo quando referidos a temas que repercutem na esfera pública, seja em torno de episódios comuns da vida cotidiana, como um breve percurso de táxi pela metrópole ou uma propaganda de dieta na TV. Ela é, portanto, uma tentativa de operar discursivamente um incremento teórico ao que está dado imediatamente aos atores leigos, deslocando o conteúdo próprio dessas disciplinas a regiões de significação do mundo mais amplamente inteligíveis. Em virtude de sua natureza, o principal instrumento desse tipo de operação não poderia deixar de ser a escrita, visto que é por meio dela que a comunicação entre sociologia e senso comum pode tanto ser rompida quanto articulada. O recurso à figura dos “líquidos” é exemplar: a cultura moderna, um fenômeno histórico, atualmente comporta-se do mesmo modo que os líquidos, haja vista que nós, enquanto modernos, cada vez mais percebemos nosso entorno como instável e imprevisível. A discussão sobre os novos contornos da modernização social e cultural, que é apreciada teoricamente pelas perspectivas da reflexividade, do risco ou da pós-modernidade, é

apropriada por Bauman e reelaborada segundo os limites cognitivos do senso comum, por meio de um arranjo formal da escrita. Em *Vida líquida* (2007a), por exemplo, o autor recorta um breve fragmento de um filme do grupo inglês de comédia *Monty Python* para dar início a sua reflexão sobre os significados do exercício da individualidade na modernidade. Em *Modernidade líquida*, a partir de um pequeno anúncio à procura de emprego em um diário (“tenho carro, posso viajar”), o autor introduz uma análise sobre o papel e a função dos valores nesse novo capitalismo, que para ele agora viaja “leve” e “apenas com a bagagem de mão, que inclui nada mais que pasta, telefone celular e computador portátil” (2001, pág. 70). A imagem do novo capitalismo é representada pelo CEO global, num registro próximo ao do senso comum (pasta, telefone e computador portáteis), mas que retém ao mesmo tempo os indicadores do novo tipo de modernização, que é veloz, fluida, global e fugidia. Emoldurar a cognição do homem comum com determinadas conquistas teóricas das ciências sociais é, em poucas palavras, a fórmula básica da sociologia da modernidade líquida. Por essa razão, ela não está longe de ser também um dos modos possíveis de se divulgar ciência, já que se orienta para a formação científica de indivíduos leigos. No entanto, seu autor não a apresenta como um dos modos possíveis de difusão da sociologia, mas um modo possível de se levar a cabo a própria disciplina.

A sociologia, como ciência das instituições sociais, é uma forma de saber que está baseada na existência do “social”, de um fenômeno que não é imediatamente visível, mas simbolicamente poderoso, e que pode ser delimitado, entre outras coisas, pelos modos e regras de interação entre pessoas e grupos. Nesse sentido, ela própria não pode deixar de ser também uma instituição social, uma forma de interação entre agentes que visam produzir informação legítima sobre a dimensão social da vida humana, como pudemos ver com a noção de campo de produção cultural de Bourdieu. Para Bauman (2001), a sociologia nada mais é que uma instituição social cujo papel histórico está ligado ao autoconhecimento da própria sociedade. Ela é uma ciência que não pode se desprender de sua natureza reflexiva, na medida em que sua função é a de aprofundar o conhecimento de problemas e temas que devem sua razão à própria sociedade. A ruptura com o senso comum, fundamental para a prática sociológica em Durkheim, por exemplo, para Bauman é apenas um passo no processo de autoesclarecimento social. A sociologia que não é reflexiva, que não repõe o conhecimento produzido socialmente para a própria sociedade, não cumpre seu papel enquanto ciência, enquanto dimensão do autoconhecimento humano (1977).

O nexa entre teoria e prática é uma questão que vem sendo retrabalhada por Bauman conforme os universos de problemas que o tem confrontado historicamente, desde o período intelectual em Varsóvia até o momento de sua aposentadoria e a série da fluidez social. A sociologia da liquidez é, portanto, fruto desse percurso, ela é o produto da convergência entre a trajetória desse autor, antes marxista, agora pós-moderno, e a posição que ocupa relativamente aos teóricos contemporâneos. O problema da ligação entre teoria e prática, reformulada na década de setenta em termos da relação entre sociologia e senso comum por Bauman, num momento crítico da sociologia inglesa, fortemente pautado pela recusa dos paradigmas até então hegemônicos, ganha no período pós-moderno de sua produção um elemento adicional. A pós-modernidade, para ele, define-se pela incapacidade dos intelectuais modernos de proclamarem veredictos sobre a realidade social que possam ganhar a consciência das massas (BAUMAN, 2010a). Com a crítica pós-moderna dos grandes sistemas teóricos, dentre eles o marxismo, o universo de problemas se modifica. Em meados de 1980, em meio ao debate pós-moderno, o autor polonês exprime um modo distinto de relação com a teoria: sua ligação com o senso comum não deve ser buscado no melhoramento de sua competência para se tornar inteligível, mas ela deve isentar-se dos protocolos da ciência para atingir a mentalidade comum, ela deve assumir um novo padrão de produção científica, na medida em que os intelectuais, o sujeito preocupado com a ligação das ideias e as massas, não possui a mesma força de persuasão de outrora, nos tempos modernos (BAUMAN, 1988).

Em *Modernidade e ambivalência* (1999a), o autor polonês analisa o discurso filosófico moderno à luz dos poderes da nova sociedade que emerge e que deixava para trás o mundo medieval. No discurso de pensadores como Kant e Descartes, Bauman identifica a recorrência desses filósofos a metáforas do poder (“polícia”, “violência”, “cidadão”, “paz” e “segurança”) para caracterizar os atributos da razão moderna. Para ele, a proximidade entre conhecimento filosófico e científico e os poderes dos estados nacionais é uma das principais características do mundo moderno. A autoridade política moderna baseia-se, portanto, na autoridade da razão. O próprio estilo da escrita filosófica moderna, segundo ele, tem como propósito acenar aos novos poderes.

Podemos ser facilmente tentados a não dar importância a estes ou outros tropos semelhantes extraídos da retórica do poder como parte previsível de toda *protréptica* – o habitual preâmbulo laudatório dos tratados filosóficos que visa insinuar o assunto para os possíveis leitores e particularmente os poderosos e engenhosos. Mas o caso da razão *legislativa* foi dirigido a um tipo especial de leitor e, assim, a linguagem na qual foi expresso o pedido de atenção e favores era uma linguagem familiar a esse leitor e repercutia suas

preocupações. Esse leitor era antes e, sobretudo, o governo do dia, o déspota abordado com uma oferta de esclarecimento (1999a, pág. 31-32).

No mundo pós-moderno, para Bauman, o intelectual deixa sua função legisladora, de instrumento da razão moderna, e converte-se num intérprete entre culturas específicas, um operador do diálogo e articulador do consenso. O perfil de escrita contido na série da fluidez, tendo em vista o modo como o autor se apropriou das questões pós-modernas, exprime sua tentativa de mediar os frutos do conhecimento sociológico e o mundo da vida cotidiana. Em 1990, ano de sua aposentadoria e em meio às discussões pós-modernas, o autor publica *Thinking Sociologically*<sup>13</sup>, um manual introdutório à sociologia para leitores leigos que apresenta uma linguagem acessível e didática a não iniciados na disciplina e cuja principal característica é a utilização de toda sorte de episódios do cotidiano e analogias simples para expor os principais temas da disciplina. É, portanto, um livro de divulgação da ciência, no caso a sociologia. Sua fórmula é basicamente a mesma que o autor leva a cabo na série da fluidez social, em sua sociologia da modernidade líquida.

Do nosso ponto de vista, não haveria uma descontinuidade teórica entre os textos mais densos e áridos de Bauman e as obras que constituem a série da fluidez social, mas, pelo contrário, uma continuidade de pensamento. Suas anteriores escolhas teóricas sobre o papel da sociologia e a dinâmica da atual modernidade, determinadas agora tanto por um padrão pós-moderno de conhecimento quanto por demandas editoriais por divulgadores da ciência, dão lugar a uma postura intelectual que propõe incrementar com conteúdos das ciências humanas o entendimento comum da vida cotidiana, entendendo aí um movimento que vai da teoria à prática, da sociologia ao senso comum. No âmbito da produção científica, Bauman não poderia ocupar outra posição que não a do difusor da ciência, no quadro da sociologia. Suas metáforas, além de não pertencerem exclusivamente a ele, não são reflexos de sua experiência traumática do exílio e da guerra, mas imagens que o autor considera mais pertinentes para caracterizar os fenômenos sociais de um modo compreensível a um leitor leigo. “Liquidez”, por exemplo, deve sua definição à *Enciclopédia Britânica* e não a uma provável experiência biográfica fluida e transitória.

“Fluidez” é a qualidade de líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos, como a *Enciclopédia britânica*, com a autoridade que tem, nos informa, é que eles “não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando

---

<sup>13</sup> Reeditada dez anos depois, com algumas alterações feitas por Bauman e Tim May, professor de sociologia na Universidade de Salford, Inglaterra. Assim, a segunda edição da obra contou com dois autores, diferentemente da primeira edição.

imóveis” e assim “sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão” (...). Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade (BAUMAN, 2001, pág. 7-9).

Bauman procura extrair dos escritos de outros autores ideias que ele considera interessantes aos seus propósitos no momento, limitando não apenas a sociólogos ou filósofos, mas jornalistas e romancistas. Independente da natureza da informação pinçada, se ela é capaz de auxiliar o autor na caracterização do fenômeno que deseja comentar e se, além do mais, é capaz de tornar o argumento interessante ao homem comum, não haveria para ele porque contestar sua validade para a construção do enunciado. Seus textos nascem de suas leituras de editoriais dos maiores jornais europeus, que lhe fornecem as pistas para a análise de fenômenos sociais com eventual “valor de acontecimento”. A obra *Em busca da política* (2000b) é uma clara manifestação dessa atitude, na medida em que as notas bibliográficas são recheadas de colunistas do *Le Monde* e *The Guardian*, cujos temas mais comentados servem a Bauman como ponto de partida para a reflexão.

Minhas afinidades são seletivas num duplo sentido: eu seleciono os autores, mas também, em seus textos, o que encaixa mais diretamente em meus interesses atuais (ou melhor, isso se “autosseleciona” no curso da leitura). Mas eu os escolhi como parentes e amigos espirituais porque invariavelmente, quando leio seus trabalhos, percebo interesses e propósitos comuns. Com muita frequência eles articulam para mim ideias que corriam abaixo do nível da consciência, pressionando para serem libertadas, ou que eu mesmo fui incapaz de nomear ou expressar de modo claro (BAUMAN, 2011, pág. 45).

No mesmo período pós-aposentadoria, Bauman recebeu o *Premio Europeo Amalfi per la Sociologia e le Scienze Sociali* (em 1992, por *Modernidade e Holocausto*)<sup>14</sup> e o *Theodor W. Adorno Preis* (1998)<sup>15</sup>, o que lhe conferiu e assegurou notoriedade nos vários circuitos da indústria cultural, onde é visto como um dos maiores e mais influentes pensadores de nossos tempos. Desde então, o autor deslocou-se dos bastidores da sociologia para a cena dos teóricos sociais contemporâneos, identificado por muitos como o pensador da pós-modernidade/modernidade líquida<sup>16</sup>. Seu reconhecimento, portanto, está de algum modo

<sup>14</sup> [http://www.dsp.uniroma1.it/index.php?option=com\\_content&task=view&id=148&Itemid=49](http://www.dsp.uniroma1.it/index.php?option=com_content&task=view&id=148&Itemid=49)

<sup>15</sup> [http://www.frankfurt.de/sixcms/detail.php?id=8650&ffmpar\[\\_id\\_inhalt\]=21490](http://www.frankfurt.de/sixcms/detail.php?id=8650&ffmpar[_id_inhalt]=21490)

<sup>16</sup> Também Giddens o reconhece como o maior teórico da pós-modernidade, mas não costuma recorrer às ideias de Bauman quando trata do tema. Ulrich Beck, sociólogo alemão contemporâneo, chega a estabelecer um diálogo crítico com o autor, mas tão somente como consequência do que considera equívocos na leitura por Bauman, de seu *Risk Society: Towards a New Modernity* (1992), em prefácio à edição inglesa da obra.



relacionado ao interesse despertado por seus escritos nos vários nichos nacionais de consumo livreco, organizados segundo a lógica dos mercados editoriais<sup>17</sup>.

A concepção de sociologia do autor aproxima-se da perspectiva em que a sociologia e o senso comum são entendidos como modos de conhecimento interdependentes que se retroalimentam constantemente, o que o aproxima da visão Giddens<sup>18</sup>. Esse é um dos pressupostos teóricos da sociologia da modernidade líquida, já que esta se desenvolve, ao mesmo tempo, como um ensaio sociológico pretensamente erudito sobre o desenvolvimento da modernidade e um diagnóstico da contemporaneidade interpretável pelo senso comum. Podemos dizer que Bauman leva tão a sério a possibilidade do elo entre teoria e prática que realiza uma espécie de “sociologia para as massas”<sup>19</sup>, cujo recurso ao ecletismo não está ligado à pressuposta ininteligibilidade da experiência humana que requereria um inventário de teorias para sua apreensão (BAUMAN & TESTER, 2011), mas à tentativa deliberada do autor de condensar teses sociológicas e informações do cotidiano articuladas pelo senso comum em um enunciado consistente e compreensível. Não por acaso, sua obra é por vezes se aproxima, não sem razão, da literatura de autoajuda<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> Somente no Brasil, são mais de 20 livros publicados e cerca de 250 mil livros vendidos, segundo dados de sua casa editorial no país, a Jorge Zahar Editores.

<sup>18</sup> Giddens (1991) atesta a existência da reciprocidade entre o conhecimento sociológico e o saber imediato de seus objetos. De seu ponto de vista, ela ocorre num movimento frenético de *input/output* entre as informações extraídas do mundo social pelos peritos (sociólogos) e o conhecimento leigo dos agentes sociais, como uma via dupla de dados informativos que são continuamente interpretados e reinterpretados em um processo por ele denominado de *dupla hermenêutica*.

<sup>19</sup> Ao recortar episódios do cotidiano assim como eles aparecem ao senso comum e “ressignificá-los” sob a luz de teorias diversas, sem deixar de lado a dimensão da inteligibilidade dos enunciados construídos, a sociologia da modernidade líquida se volta unicamente para a autorreflexão dos atores leigos em sua vida diária, a despeito dos vários *insights* elaborados por Bauman que também podem oferecer subsídios para a compreensão sociológica *strictu sensu*.

<sup>20</sup> Em resenha à edição brasileira de *Liquid fear* de Bauman, a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz (2008) chega mesmo a afirmar que, em seus momentos proféticos e filosoficamente iluministas, a obra “perde um pouco de seu poder de crítica e se converte numa espécie de livro de auto-ajuda, apesar de seu valor intelectual indubitável”.

## 2 RECONSTRUÇÃO TEÓRICA

Apesar de Bauman não explicitar seu perfil teórico na série da fluidez social, é possível discernir nela alguns sinais que apontam para o tipo de sociologia que ele preconiza e para as tarefas que impõe a essa disciplina em tempos de modernidade líquida. É precisamente a partir das funções que o autor atribui a ela nos termos de seu diagnóstico da sociedade contemporânea que parece lícito estabelecer os contornos iniciais de sua ciência. Em *Modernidade líquida*:

Todos os especialistas lidam com problemas práticos e todo conhecimento especializado se dedica à sua solução, e a sociologia é um ramo do conhecimento especializado cujo problema prático a resolver é o *esclarecimento que tem por objetivo a compreensão humana*. A sociologia é talvez o único campo de especialização em que (como observou Pierre Bourdieu em *La misère du monde*) a famosa distinção de Dilthey entre *explicação* e *compreensão* foi superada e cancelada (BAUMAN, 2001, pág. 241-242, grifo do autor)<sup>21</sup>.

A sociologia deve ser uma ciência cujos resultados de pesquisa, colocados pelo autor sob a rubrica de explicação, funcionem de modo a esclarecer a compreensão de mundo de seus objetos de estudo, os indivíduos. Ao contrário das ciências físicas e naturais, que promoveriam um conhecimento mais aprofundado pelos indivíduos dos objetos físicos, as análises das ciências sociais teriam por objetivo promover um conhecimento mais sofisticado e adequado do indivíduo sobre si mesmo e seu entorno<sup>22</sup>. Em outro momento, o autor afirma que “a primeira ocupação da sociologia feita sob medida para a modernidade líquida deve ser a promoção da autonomia e da liberdade” e “tal sociologia deve focar a autoconsciência, a compreensão e a responsabilidade individuais” (BAUMAN, 2001, pág. 243). Porque, afinal, a ciência da sociedade de Bauman procura endereçar-se aos indivíduos e não às instituições sociais, tradicional objeto de pesquisa dessa disciplina?

---

<sup>21</sup> Este excerto encontra-se em posfácio de *Modernidade líquida*, mas não pertence inicialmente ao livro. Foi publicado primeiramente em *Theory, Culture & Society* Vol. 17 (1): 79-90 (SAGE, London, Thousand Oaks and New Delhi), no mesmo ano de lançamento da obra.

<sup>22</sup> Para Bauman (1977), ao longo de sua história, a sociologia sempre se pautou pelo movimento inverso, a saber, a percepção dos objetos sociais como “coisas materiais” tais como os objetos das ciências físicas e naturais. As conclusões desse tipo de conhecimento da vida social procurariam caracterizar os indivíduos como elementos quase físicos, sem nenhuma vontade própria a não ser aquela determinada pela sociedade, esta caracterizada pela onipotência sobre as escolhas individuais, muito próxima daquilo que, em ciências naturais, se costuma denominar “leis da natureza”. A única autocompreensão que os indivíduos teriam com base nesse modelo de sociologia seria obtida por meio da superposição das concepções de natureza e de sociedade, o que resultaria na naturalização das coerções sociais.

O autor parte da premissa, sustentada por sua imagem da modernidade, de que a força política das grandes organizações coletivas (os partidos políticos e os estados nacionais sempre visados por ele) foi gradativamente exaurida concomitantemente ao empoderamento do indivíduo. Tal fato é importante em sua caracterização da modernidade contemporânea e, conseqüentemente, para a formulação de sua sociologia. Nesse sentido, cabe considerar aqui sua análise do estatuto dos indivíduos ao longo da história moderna, não obstante sua imagem da modernidade se aproximar de um pastiche de máximas teóricas de outros autores. Ademais, é essa imagem que lhe serve de panorama para assentar sua proposta sociológica.

A fórmula geral de Bauman consiste em apresentar a história da modernidade de modo que seus leitores se autopercebam inscritos no curso dessa história e, mais profundamente, de modo que a sociologia da fluidez lhes apareça como o momento de autorreflexão a respeito dessa mesma história, como um elemento importante para o conhecimento dela, como um modo de autoconhecimento. Portanto, a caracterização do fenômeno da individualização feita pelo autor estimula seus leitores a aproximarem esse quadro teórico de suas próprias vivências, demonstrando-lhes de certo modo a razão da necessidade da disposição sociológica frente ao mundo contemporâneo, os motivos sociais para a introdução de informação científica em suas vidas.

O autor polonês exorta o conhecimento sociológico a voltar-se para a consciência individual e não para a dimensão coletiva por um motivo fundamental: a sociedade líquido-moderna caracteriza-se sobretudo pelo advento daquilo que alguns autores denominam “política-vida” (GIDDENS, 1991), outros, de “individualização” (BECK, 2010), e que ele prefere denominar de “individualidade *de jure*” ou “autonomia de direito” (2001). Esses três termos, respeitando suas sutis diferenças, podem ser articulados no mesmo território da “autorrealização pessoal” ou da autorreflexão do eu moderno que, na relação consigo mesmo, seleciona os elementos de seu presente histórico com base nos sedimentos das tradições herdadas e estabelece, a partir dos resultados obtidos, novas formulações sobre si e seu entorno que passam então a pautar sua conduta, comportamento e estilo de vida futuros. Esse fenômeno não é novo e pode ser encontrado ao longo de toda história moderna, assim como não se trata de uma ação meramente individual, já que a individualização, o tornar-se continuamente singular e diferenciado, é um processo atravessado por fatores sociais que participam ativamente na constituição do eu e são por ele também reformulados e impulsionados na conformação de novas dinâmicas e configurações. Dessa forma, para esses autores, a “reflexividade” do sujeito, a qual pode ser vista como princípio de sua contínua e

irrefreável mudança, é característica das sociedades modernas e tende a assumir contornos radicais no mundo contemporâneo.

O princípio moderno da autorreflexão pessoal, segundo Bauman, sofre modificações não pouco importantes com a expansão da cultura ocidental de modo global, por meio do avanço do capitalismo e dos estados nacionais. Na nascente sociedade moderna (fase “sólida”), as formas de individualidade eram dadas pelo modo como os atores, então livres das restrições identitárias tradicionais, como os laços hereditários atribuídos, se acomodavam conforme os novos modos de existência que surgiam concomitantemente à industrialização capitalista e à formação dos estados nacionais. Esses modos de vida – as classes sociais e o gênero, por exemplo – resultariam do esforço levado a cabo pelos atores sociais para a realização de sua autonomia real, depois de assegurada sua autonomia de direito. No entanto, a possibilidade de escolha da própria identidade não assegurava a sua realização concreta: no início da era moderna a individualidade foi gradativamente instituída segundo o volume global de recursos disponíveis a cada ator para a satisfação de suas necessidades de autorrealização. Conforme Bauman, burgueses e proletários emergiram como classes sociais mais ou menos homogêneas de acordo com a natureza e o volume dos meios que tinham à mão para a realização de seu direito à singularidade pessoal.

Retrospectivamente, pode-se dizer que a divisão em classes (ou em gêneros) foi um resultado secundário do acesso desigual aos recursos necessários para tornar a auto-afirmação eficaz (...). As pessoas com menos recursos e, portanto, com menos escolha, tinham que compensar suas fraquezas individuais pela “força do número” – cerrando fileiras e partindo para a ação coletiva (BAUMAN, 2001, pág. 41).

Assim, na fase inicial do processo de individualização<sup>23</sup>, segundo Bauman, os atores sociais constituiriam o que, posteriormente, na moderna sociedade capitalista, seria denominado classes sociais, proletária ou burguesa, conforme as possibilidades de desenvolvimento da individualidade<sup>24</sup>. Devido ao seu caráter não eletivo, as classes sociais

---

<sup>23</sup> Bauman usa o termo descritivo “individualização” na acepção de Ulrich Beck em *Risikogesellschaft: auf dem Weg in eine andere Moderne*, de 1986 (*Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*, editora 34, 2010). Contudo, enquanto o termo “individualização” tenta descrever o processo histórico do “tornar-se singular mais ainda”, os termos utilizados por Bauman, individualidade *de jure* e individualidade *de facto*, permitem compreender que, na individualização generalizada, interfere a posição do indivíduo nos diversos estratos sociais. Nesse sentido, a individualização seria uma fatalidade imposta a todos nas sociedades modernas, mas desempenhada com recursos desiguais.

<sup>24</sup> Na fase sólida da modernidade os indivíduos *de jure* desprovidos de chances plenas de autorrealização e escolha – sendo sua única propriedade a força de trabalho – pertenciam única e exclusivamente ao nicho identitário que se formou a partir daquilo que era comum entre aqueles que jamais chegariam ao *status* de indivíduos *de facto*, a solidariedade de interesses expressa pela classe dos trabalhadores, situação em que os

não diferiam muito dos antigos estamentos pré-modernos. Sendo desigual o exercício da liberdade juridicamente instituída (o volume e a natureza dos meios para a autorrealização pessoal como medida dessa liberdade), a nova condição de classe – em especial da classe operária do século XIX – caracterizava-se pela gama restrita de escolhas individuais não negociáveis, ainda que não herdadas ou atribuídas. Por essa razão, gradativamente se acentua aí uma espécie de identidade comum ou de classe, fruto da distribuição social desigual dos recursos econômicos entre os atores na moderna sociedade capitalista, recursos necessários, segundo o autor, para a construção e execução dessa individualidade de direito trazida pelo iluminismo. Para Bauman, a identidade burguesa teria sido derivada da nascente identidade operária, na medida em que aquela somente se apresentava, com toda força e vigor conhecidos, quando “a distribuição desigual dos recursos era desafiada e contestada” pelo lado dominado da relação econômica (2001, pág. 42). Assim sendo, no período inaugural da modernidade, a divisão econômica combinada com o interesse na autorrealização pessoal teria imposto uma subsequente divisão identitária e, com ela, uma nova organização político-econômica. De modo concomitante a essa mudança infraestrutural, o sistema de ideias nesse período foi por sua vez insuflado pelo espírito de uma racionalidade controladora que atribuía ao mundo natural e social um sentido puramente instrumental. Foi certa homogeneidade de perspectivas dada pelas identidades coletivas instituídas que, articulada ao teor instrumental do conhecimento científico derivado da razão iluminista, determinou, para Bauman, o caráter “sólido” da sociedade moderna no século XX. É nesse sentido que o autor associa a natureza rígida das classes sociais modernas ao caráter não eletivo dos antigos estamentos pré-modernos.

Quanto mais homogêneos os recursos utilizados na individualização, mais homogêneo o grupo, assim como as modos de reivindicação da autorrealização genuína: a paralisação das atividades, a força política do número, a instituição do partido como uma parte da sociedade que pensa e se orienta por valores comuns. Tudo caminharia, no nascedouro da modernidade, para o estabelecimento de uma configuração social delineada e orientada por identidades e valores mais ou menos uniformes. “A rigidez da ordem é o artefato e o sedimento da liberdade dos agentes humanos”, sentencia o autor. Com efeito, na fase “sólida” da modernidade<sup>25</sup>, em

---

interesses privados (a individualização forçada, mas não garantida) se traduziam em “interesses comuns” (a emancipação dos limites à tarefa de autorrealização plena e a libertação efetiva dos constrangimentos estruturais que reduziam o inventário de opções realistas aos indivíduos).

<sup>25</sup> Bauman não explicita em marcos históricos sua caracterização da transição da fase “sólida” para a fase “líquida” da modernidade. A intenção do autor é apenas ressaltar a fluidez/liquidez como elemento intrínseco da modernidade durante sua história. Para ele, a solidez da modernidade resultou da dissolução anterior da antiga

meados do século XX, os escritos de Adorno, Horkheimer e Marcuse buscaram a seu modo denunciar os elementos autoritários da sociedade moderna, contidos nas relações entre capital, estado e sindicatos, na mitificação da Razão enquanto racionalidade instrumental e na colonização da esfera privada pelo sistema (HABERMAS, 1992, pág. 432).

Em contraste com a configuração social própria da fase sólida da modernidade, nos “tempos líquidos”, segundo Bauman, alterou-se a natureza da individualidade. Diferentemente dos “tempos sólidos”, em que os lugares para a acomodação dos indivíduos eram dados segundo o material disponível para sua autorrealização, os “tempos líquidos” somam a esse processo a privatização ou desregulamentação das tarefas de autorrealização pessoal. Em outras palavras, o horizonte anterior de valores, que guiava os indivíduos *de jure* na tarefa de se tornarem indivíduos *de facto*, não se destaca mais pela uniformidade dos valores orientadores de conduta individual, mas pela abundância de valores legítimos para a concretização plena da individualidade. Na era da “vida sólida”, o único meio disponível para a efetivação da autonomia individual era cerrar fileiras e questionar coletivamente as condições precárias e desiguais em que essa tarefa era desempenhada, algo compreensível e real para indivíduos cujo principal propósito era romper com uma sociedade pautada pela desigualdade de acesso à efetiva autonomia. Para o autor, a presente fase (líquida) do processo de individualização caracteriza-se, sobretudo, pela fragmentação e particularização dos objetivos de autorrealização aspirados pelos indivíduos. Na modernidade líquida, os valores aparecem sob uma roupagem singularizada e aparentemente adequada aos atores sociais de maneira individual, tais como mercadorias atrativas feitas sob medida para o consumidor. Por conseguinte, as identidades anteriores (sólidas), cujo lastro era a uniformidade dos meios disponíveis de autorrealização pessoal, fragmentam-se em microidentidades (líquidas) que respondem a uma demanda não mais coletiva, mas puramente individual. Os meios homogêneos próprios do trabalho de construção identitária na modernidade sólida, determinados pela relativa uniformidade dos valores perseguidos, assumem caráter heterogêneo, na medida em que cada indivíduo é agora orientado por valores que lhe são exclusivos, ajustados a sua individualidade específica, que demandam, para sua consecução, meios também específicos. A força política da coletividade nesse novo cenário arrefece e

---

ordem feudal (estamentos; princípio da hereditariedade), que abriu caminho para a emergência de uma nova ordem racionalizada, atualmente alvo dos “poderes de derretimento” da modernidade. Esse novo processo foi identificado, em outros termos, pelo sociólogo americano David Riesman *et alii*, em 1950, ao investigar o surgimento de um novo tipo de “caráter social” nos EUA em meados do século XX, distinto daquele que imperava no século XIX.

ganha cada vez mais espaço uma espécie de “pequena política” baseada unicamente na reflexividade individual.

(...) as aflições mais comuns nos dias de hoje são *não-aditivas*, não podem ser “somadas” numa “causa comum”. Podem ser postas lado a lado, mas não se fundirão. Pode-se dizer que desde o começo são moldadas de tal maneira que lhes faltam interfaces para combinar-se com os problemas das demais pessoas (...) A única vantagem que a companhia de outros sofredores pode trazer é garantir a cada um deles que enfrentar os problemas solitariamente é o que todos fazem diariamente – e portanto renovar e encorajar a fatigada decisão de continuar a fazer o mesmo (BAUMAN, 2001, pág. 45, grifo do autor).

Partindo de seu diagnóstico sobre o processo de individualização nas sociedades líquido-modernas, Bauman procura desenvolver uma sociologia deliberadamente voltada para as consciências individuais e não coletivas, na medida em que, segundo suas teses, um pensamento que procure atualmente, a qualquer custo, um agente histórico capaz de fazer frente ao precário processo de individualização, teria pouco ou nenhum impacto num cenário em que os laços sociais entre indivíduos são cada vez mais fluidos e não-aditivos<sup>26</sup>. Daí a sociologia da fluidez social ser aquela ciência cujo problema prático é construir explicações dos fenômenos sociais voltados para a autocompreensão dos indivíduos<sup>27</sup>. Mas, porque, afinal, esse tipo de sociologia deve ter por mote a autocompreensão individual para Bauman? Ora, porque, de acordo com o autor, a força transformadora típica da modernidade reside justamente no impulso dado pelos esforços de “autorrealização pessoal”, cujo desenvolvimento histórico, após ter deixado para trás a antiga ordem tradicional, voltar-se-ia atualmente contra a própria ordem que até então figurava como adequada para sua consecução, a ordem moderna.

Nesse sentido, a crítica da realidade é algo intrínseco à sociedade moderna e ela persiste hoje, mas nos limites de uma autorrealização puramente privada. Retomando Giddens, o autor polonês lembra que “estamos hoje engajados na ‘política-vida’; somos ‘seres

---

<sup>26</sup> Com essa expressão, Bauman quer sublinhar o caráter desintegrativo e não complementar dos vínculos sociais na “modernidade líquida”.

<sup>27</sup> Podem ser levantadas objeções em relação ao fato de Bauman imputar à explicação sociológica um vetor emancipador. Não obstante a aproximação do autor a correntes de pensamento pós-modernas, cuja crítica se endereça às grandes narrativas da modernidade, sua trajetória intelectual, pelo menos no período inicial, foi fortemente marcada pelos estudos de cunho marxista, que incluíram a releitura dos escritos de Lênin e a análise histórica do movimento trabalhista britânico. A questão da consciência e de seu esclarecimento, cara às teorias sociais radicadas no marxismo, permanece forte, na análise que o autor faz das sociedades líquido-modernas, ainda que com contornos diferenciados devido às profundas transformações ocorridas em sua morfologia clássica.

reflexivos' que olhamos de perto cada movimento que fazemos, que estamos raramente satisfeitos com seus resultados e sempre prontos a corrigi-los", porém

(...) essa reflexão não vai longe o suficiente para alcançar os complexos mecanismos que conectam nossos movimentos com seus resultados e os determinam fazendo com que nossa crítica seja “desdentada”, incapaz de afetar a agenda estabelecida para nossas escolhas na ‘política-vida’ (2001, pág. 31).

Para Bauman, o potencial crítico da modernidade mantém-se presente, mas não é capaz de causar qualquer dano ao modelo de sociedade vigente. Essa crítica é, segundo ele, “desdentada” (*toothless*), não agride. Portanto, trata-se de munir essa crítica reflexivamente orientada com recursos científicos, no caso endereçando a sociologia para o âmbito individual. Vale dizer que não se trata de qualquer sociologia, mas daquela “feita sob medida para a modernidade líquida”, uma vez que aquela feita na medida da modernidade sólida, segundo o autor, parece hoje superada pela nova realidade histórica. Na visão do autor polonês, a “sociologia da modernidade sólida” era atenta às condições de obediência e conformidade e sempre esteve preocupada com a oposição entre norma e desvio. Ela era, nesse sentido, a própria autorreflexão de uma sociedade cujos principais valores eram a ordem e a pureza. Em contrapartida, a sociologia da liquidez interessa-se, sobretudo, pela promoção da autonomia e da liberdade individuais, fixando-se especialmente na oposição entre a responsabilidade e a indiferença.

Essa história do processo de individualização apresentada por Bauman é o alicerce no qual é assentada sua proposta sociológica, e não apenas. De modo lógico, aquilo que ele denomina de sociologia da modernidade líquida aparece cada vez mais ao eventual leitor como conhecimento indispensável para o dia-a-dia, em prejuízo de outras teorizações<sup>28</sup>. Não obstante a falta de clareza do autor quanto ao modo como essa sociologia deveria ser levada a cabo, assim como quais seriam seus limites e possibilidades, o melhor exemplo de um esforço

---

<sup>28</sup> Um ponto importante a ser ressaltado diz respeito ao estatuto da tradição sociológica na reflexão de Bauman. Não poucas vezes essa tradição é pintada negativamente, como um saber insuficiente e quase sempre controlador e instrumental, já que produto da racionalidade (sempre autoritária) moderna. Por conseguinte, os sociólogos aparecem com frequência como portadores da dominação sistêmica sobre os indivíduos, como “engenheiros sociais” (as teorias sociais de Durkheim e Parsons sempre visadas). Salvo Norbert Elias e em especial Georg Simmel, parte considerável do que resultou da pena de outros autores como Max Weber, por exemplo, aparece para o autor polonês como não mais adequado para a análise contemporânea: “Quaisquer que sejam as aplicações do conceito de racionalidade referida a valores no esquema weberiano da história, esse conceito é inútil se quisermos captar a essência do momento histórico presente” (BAUMAN, 2001, pág. 72). Em contrapartida, romancistas e filósofos são expostos por ele em cores positivas, assinalando, por exemplo, que a literatura tem o poder de atingir regiões da significação humana que as limitações próprias das ciências sociais dificilmente perceberiam. Vale lembrar que, a despeito de sua visão da tradição sociológica, o repertório dessa disciplina constitui o alfa e o ômega de seus escritos.



nesse sentido é precisamente a aqui denominada “série da fluidez social”. Ela oferece-nos o aporte necessário para que seja lícito ordenar de modo coerente o tipo de abordagem que Bauman diz ser sociológica e adequada aos “tempos líquidos”. O desinteresse do autor em fundamentar sua ciência é perfeitamente justificável: uma sociologia que se orienta para o senso comum, que deseja tornar os frutos desse modo de pensamento acessível a um público médio, pode dispensar as preocupações epistemológicas ou metodológicas, na medida em que tais questões são de interesse de outra audiência, a acadêmica. Segundo ele,

(...) a única entidade a quem a sociologia se dirige hoje é aquela que realmente está assumindo a responsabilidade – o indivíduo. Ora, a experiência individual é normalmente muito estreita para que o indivíduo seja capaz de ver os mecanismos internos da vida. Não saberíamos o que está acontecendo nesse mundo da modernidade líquida se não fôssemos alertados para as possíveis consequências do processo em andamento. Explicar como as coisas funcionam, ampliar a visão necessariamente limitada dos indivíduos, alargar seus horizontes cognitivos, enfim, dar a eles condições de enxergar além de seu próprio nariz é o que cabe à sociologia agora (PALLARES-BURKE & BAUMAN, pág. 309, 2004).

Cabe agora aprofundar mais a análise no sentido de apreender o significado dessa ciência social preconizada pelo autor, a fim de articulá-la posteriormente às condições teóricas e sociais – nos termos de uma mudança cultural e científica – que asseguram o seu estatuto enquanto ciência. Sua fórmula geral reverbera, portanto, a lógica de funcionamento de um campo de produção cultural em que há o esbatimento das fronteiras entre alta cultura e cultura de massa.

## 2.1 A ideia de sociologia crítica como prelúdio à sociologia da fluidez moderna

Reconhecemos, portanto, que a sociologia da fluidez social está orientada para a construção de explicações compreensíveis aos leitores leigos e o objeto desse esclarecimento é a consciência individual e não a coletiva, sendo a série da fluidez social o exemplo representativo do modelo de explicação sociológica que Bauman acredita adequado. Para tanto, foi exposta até aqui a visão do autor acerca da natureza dessa nova modernidade, bem como do estatuto do indivíduo contemporâneo, e o papel a ser executado pela sociologia nesse novo momento, a saber, comentar o mundo social de modo acessível ao leitor, qualquer que seja ele, a fim de fornecer-lhe um diagnóstico adequado para a vivência nos tempos líquidos. O modelo é relativamente simples: episódios específicos da vida cotidiana são selecionados e explicados segundo o seu ponto de vista por meio de teses de outros teóricos. Todavia, o autor não se vale de nenhum outro critério de seleção e ordenamento que não seja o de tornar acessível a visão sociológica a um público amplo (no caso, a sua visão, já que essa sociologia aparece como indispensável e salutar para a autorrealização pessoal esclarecida e consciente, bem representada pela ideia de que a sociologia feita sob medida para o mundo líquido, segundo Bauman, é aquela que se encontra voltada para a autocompreensão e a autorrealização individuais e não para sujeitos coletivos). Uma ciência para um público não especializado tendo em vista seu esclarecimento.

Ainda que esse tipo de ciência engajada na formação de um público amplo possa, à primeira vista, ressoar o legado da tradição de esquerda comprometida com uma quase indistinção entre o mundo da teoria e o da prática, o significado dessa questão em Bauman deve ser especificado. Em um sentido bastante geral, o autor polonês parece recuperar a tradicional linha de pensamento social de ligação entre teoria e prática, comumente associada ao pensamento marxista ou socialista. Em razão desse fato, seria permitindo, à primeira vista, situá-lo como um partidário desse campo de estudos. No entanto, essa proximidade tem mais a ver com elementos ligados à trajetória intelectual do autor (um dos primeiros formandos da escola polonesa de sociologia no período comunista) que propriamente uma filiação teórica expressa. Atualmente, pouco restou daquele Bauman dos anos cinquenta e sessenta, preocupado, sobretudo, com os fenômenos da “infraestrutura” e os escritos de Lênin e Marx. Hoje o autor polonês ainda reproduz elementos desse período que se sedimentaram e são parte constitutiva de suas principais formulações, mas seu socialismo, antes objeto de escrutínio teórico, parece ter se convertido em mera questão valorativa.

Nunca abandonei Marx, apesar de minha intoxicação pelo “marxismo realmente existente” ter sido, felizmente, breve; de fato, terminou bem cedo, no momento em que vi como era: um imenso obstáculo para a recepção e a manutenção da mensagem ética de Marx. (...). Socialismo para mim não é o nome de um tipo particular de sociedade. É, exatamente como o postulado de Marx de justiça social, uma dor aguda e constante de consciência que nos impulsiona a corrigir ou a remover variedades sucessivas de injustiça. Não acredito mais na possibilidade (e até no desejo) de uma “sociedade perfeita”, mas acredito numa “boa sociedade” – definida como aquela que se recrimina sem cessar por não ser suficientemente boa e não estar fazendo o suficiente para se tornar melhor... (PALLARES-BURKE & BAUMAN, 2004, pág. 314).

Portanto, é tênue a conexão entre o significado do nexos teoria-prática para Marx & Engels – nomeadamente aquele expresso no *Manifesto do Partido Comunista* - e aquele de Bauman na série da fluidez social. Para os primeiros, a prática de seu tempo (leia-se o estado do desenvolvimento capitalista e o fortalecimento da classe trabalhadora) manifestava-se de modo necessário na ciência revolucionária do capitalismo, a qual era o reflexo, no domínio das ideias, das transformações concomitantes na base material da sociedade. Na medida em que para esses autores a consciência é determinada pela realidade concreta e não o contrário, a crítica radical do capitalismo deveria ser uma crítica da própria prática, nos termos de uma transformação total das relações concretas existentes (a revolução), a qual seria levada a cabo pelo sujeito histórico portador da mudança, o proletariado. A ideologia capitalista, espécie de véu mistificador da verdadeira realidade, seria assim extinguida, pois, segundo os teóricos alemães, as “formas e produtos da consciência só podem ser eliminados por meio da ‘inversão prática das relações sociais existentes’, e não por meio da ‘crítica intelectual” (ABBAGNANO, pág. 922). Em oposição a eles, a ênfase de Bauman está na crítica intelectual. Sua narrativa do desenvolvimento da modernidade, como foi visto, procura inserir o leitor em um *continuum* histórico cuja compreensão teria por exigência o tipo de ciência que apregoa. Na modernidade líquida, a autorrealização pessoal, força motriz de sua mudança, tem caráter não-aditivo, pois a diversidade de valores teria como contrapartida a não afinidade entre as escolhas individuais e a consequente impossibilidade de projetos verdadeiramente coletivos. Numa realidade instável como essa, visto que não há mais um valor soberano e orientador, cumpre revelar às consciências individuais um significado plausível, coerente e compreensível de tal instabilidade, a fim de que, esclarecida, a consciência individual possa caminhar com alguma segurança no terreno movediço da realidade. Consciente dos motivos sociais de suas escolhas, dado pelo diagnóstico de Bauman, seus leitores poderiam então decidir se querem ou não o tipo de sociedade vigente. Logo, é a transformação da consciência e não da prática que tem preeminência na reflexão de Bauman, diferentemente do que está

presente nos teóricos alemães. O sentido ético da mensagem de Marx, que Bauman atesta estar contido em sua obra, serve, no máximo, para atribuir-lhe um teor “crítico” e “negativo” da realidade, de modo que por sua leitura seja possível reconhecer as angústias e dilemas do tempo presente.

Para diferenciá-lo da tradição marxista, assim como para refazer sua trajetória teórica até a série da fluidez social, é indispensável expor a caracterização de Bauman do nexo entre teoria e prática, tendo em vista a centralidade do tema no pensamento marxista e a persistência do nosso problema referente aos fundamentos da sociologia da modernidade líquida. Se a sociologia adequada à modernidade líquida deve, segundo seu autor, pôr-se diante do indivíduo e tentar um diálogo, apontando para aquilo que está dado imediatamente na sua vida cotidiana (os programas de TV, os filmes de sucesso, os anúncios publicitários) e ressignificando-o de maneira sociológica e acessível, é preciso saber que concepção de sociologia e de consciência individual está em jogo.

O problema acerca das relações entre ciência e senso comum não é novidade na reflexão de Bauman. Antes mesmo da série da fluidez social e dos ensaios em que o autor se vale da noção de pós-modernidade, entre as décadas de 1980 e 1990, há um ensaio intitulado *Por uma sociologia crítica: um ensaio sobre senso comum e emancipação (Towards a Critical Sociology: An Essay on Commonsense and Emancipation Routledge & Kegan Paul)*, de 1976, no qual ele discute o problema a partir de três correntes do pensamento sociológico: o funcionalismo, a fenomenologia e o marxismo. Nesse texto, ele explicita os fundamentos teóricos e metodológicos de um tipo de ciência social interessada em dialogar com seus objetos de investigação. A importância desse ensaio deve-se ao fato de que nele se encontra um interesse claro do autor em fundamentar teoricamente um modo de abordagem sociológico voltado para o senso comum. Nele está expressa a fórmula geral do que, posteriormente, será encontrado na série da fluidez social, ainda que com algumas diferenças, dada a trajetória do autor. A reconstrução teórica da sociologia da liquidez de Bauman deve passar, portanto, por seu ensaio de 1976.

Ao longo de todo o ensaio, o autor preocupa-se especialmente com as formas assumidas pelo nexo entre teoria e prática no decorrer da história da filosofia moderna e, em especial, da história da sociologia, ressaltando o impacto, no mundo da prática rotineira dos atores sociais, dos elementos conservadores ou transformadores das diversas elaborações teóricas. Para ele, toda teorização sobre a experiência humana é, acima de tudo, uma

sofisticação daquilo que já está diretamente dado no senso comum, nas consciências dos indivíduos leigos, em sua vivência cotidiana.

Todo conhecimento sistematizado do processo da vida humana, incluindo a sociologia, é uma tentativa para emprestar inteligibilidade e coesão à experiência desorganizada, desordenada do senso comum; é uma elaboração sofisticada sobre o senso comum no seu estado bruto, um refinamento teórico da matéria-prima do “diretamente dado” (BAUMAN, 1977, pág. 53-54).

O senso comum é aquele conhecimento intersubjetivamente compartilhado pelos atores acerca de suas relações interpessoais, que se cristaliza em padrões e códigos morais que determinam suas ações, fornecendo expectativas de conduta “ótimas” para a continuidade e reprodução do grupo social em que estão inseridos. É o reino dos significados “pré-predicativos”<sup>29</sup>, que não exigem explicações exaustivas sobre sua natureza e função, e nos quais o “normal” é “tudo aquilo que é recorrente, repetível, rotineiro, tudo aquilo que se espera que aconteça vezes após vezes dentro do território demarcado pelo olho humano interessado” (BAUMAN, 1977, pág. 53). Sendo um conhecimento pré-predicativo, para o senso comum a realidade social não é um problema, visto que para ele não interessa saber como vemos o mundo ou porque o significamos desse e não de outro modo.

Fundamentado na prática humana, segundo Bauman, o senso comum se apropria dessa experiência, a partir de uma oposição fundamental: entre *liberdade* e *não-liberdade*. A primeira teria origem no exercício da vontade humana sobre os objetos naturais e sociais, “quando se tem a sensação de dominar uma força exterior”, tomada como “real” devido a sua resistência. A segunda, por sua vez, residiria na sensação de fracasso dessa tentativa de domínio do universo objetal pela vontade humana (BAUMAN, 1977, pág. 53-54). Na medida em que, para o autor, tais aspectos da condição humana só podem aparecer necessariamente em conjunção, isto é, no curso da ação prática, “qualquer conhecimento (incluindo a sociologia) que descreva a estrutura da não-liberdade isoladamente é uma visão parcial da

---

<sup>29</sup> O termo refere-se aos significados atribuídos aos objetos pelos atores em sua vida cotidiana, sem a mediação de qualquer conhecimento que não aquele intersubjetivamente compartilhado pelos membros do grupo. A noção remete a Husserl que denomina de “pré-predicativa” a percepção de determinada coisa ainda não articulada na relação sujeito-objeto, em que não se coloca o problema da autocompreensão do conhecimento enquanto tal (Cf. DRUMMOND, 2009). Ela está relacionada à “atitude espiritual natural” dos sujeitos, em que todo conhecimento está radicado na apreensão dos objetos assim como aparecem à consciência. “A *atitude espiritual natural* não se preocupa ainda com a crítica do conhecimento. Na atitude espiritual natural viramo-nos, intuitiva e intelectualmente, para *as coisas* que, em cada caso, nos estão dadas e obviamente nos estão dadas, se bem que de modo diverso e em diferentes espécies de ser, segundo a fonte e o grau de conhecimento” (HUSSERL, 2000, pág.39).

experiência humana” (BAUMAN, 1977, pág. 55)<sup>30</sup>. É nesse sentido que, para o autor, as teorias sociais de Durkheim e Parsons são conservadoras<sup>31</sup>, pois compreendem os dois pólos da experiência humana separadamente, enfatizando a dimensão de não-liberdade da ação. Para essa perspectiva, a experiência de liberdade seria determinada por uma força coercitiva externa, de natureza similar às forças legais que pautam o mundo natural, impondo restrições necessárias e indispensáveis à ação individual, tendo em vista a manutenção da vida em sociedade – logo, todo ato individual estaria obrigatoriamente voltado à reprodução da ordem social. Essa “ciência da não-liberdade” (como Bauman denomina as teorias sociais preocupadas preponderantemente com as estruturas coercitivas da ação individual) acentuaria, portanto, uma única dimensão da experiência humana pré-predicativa, a da não-liberdade. Segundo o autor polonês, os conceitos formulados por essas teorias teriam como pressuposto a universalização e a naturalização de uma face da experiência humana que, apesar de autêntica e verdadeira, não é a única. São precisamente “ciências da não-liberdade” pelo fato de considerarem apenas aquilo que é rotineiro e habitual na mundivivência dos atores, isto é, aquilo que é passível de se apresentar à observação científica como regular e invariável. Nesse sentido, ao somente observarem o que é regular em meio à diversidade das condutas individuais (do mesmo modo que as ciências naturais em relação ao mundo físico), a “ciência da não-liberdade”, concentrando-se nesse único domínio da experiência humana, acaba suprimindo o outro par da oposição, a experiência da liberdade, aquela ação que aspira à realização de seu projeto ante as estruturas sociais.

A sociologia, tal como a conhecemos, nasceu da investigação do regular, do invariável, (...) na condição humana (...) [ela] aceita de boa vontade as idiosincrasias do indivíduo, mas declara-as não interessantes: o campo da investigação sociológica começa onde o único, o irrepitível e o insubstituível terminam (BAUMAN, 1977, pág. 52-53).

O interesse de Bauman não é invalidar os resultados de pesquisa da “ciência da não-liberdade”, mas expor sua negligência em relação à experiência da liberdade; quer frisar que tal conhecimento está assentado em um único domínio da experiência humana. Inspirada no

---

<sup>30</sup> Bauman parece acusar a “ciência da não-liberdade” de atinar somente para o que é “social” na experiência humana, para aquilo que, tal como o domínio da natureza, exerce um contraponto à vontade individual. A partir dessa tese, as teorias sociais radicadas nesse paradigma são parciais e universalizantes de um único domínio da realidade social, negligenciando a ação individual com pretensões de realização, que o autor chama de “experiência de liberdade”. Todavia, sua afirmação revela uma concepção similar àquela a que busca opor-se. Falar em experiência de liberdade e não-liberdade é também restringir-se a um único domínio – a subjetivação dos fenômenos sociais – haja vista que tais experiências se referem a conteúdos percebidos individualmente.

<sup>31</sup> Bauman denomina *sociologia durksoniana* os modelos teóricos alicerçados no espírito comum da “ciência da não-liberdade”, um neologismo cunhado com base na fusão dos nomes de Durkheim e Parsons.

espírito instrumental da racionalidade moderna, essa ciência esforça-se por encontrar leis e regularidades em meio ao caos da realidade no sentido de sua manipulação. Na sociologia da modernidade líquida, como foi mencionado, esse tipo de conhecimento representa a autorreflexão de uma organização social moderno-sólida. Logo, a experiência da não-liberdade, único elemento do mundo social passível de conhecimento por essa ciência, é apropriado pelo senso comum moderno como sua experiência única, e qualquer outra dimensão postulada dessa mesma experiência que não responda a leis gerais é admitida como mera fantasia, devaneio ou utopia.

A sociologia não contém mais valores partidários do que a realidade que ela descreve tem incorporado e cristalizado. Mas os sociólogos tomam uma decisão fatal: a de permanecerem totalmente no campo dessa realidade, a de não *transcendê-la*, a de reconhecer como válida e digna de conhecimento unicamente a informação que puder ser confrontada com esta realidade, aqui e agora. *As alternativas que esta realidade torna irrealistas, improváveis e fantásticas, a sociologia prontamente as declara utópicas e sem interesse para a ciência.* Nisto, e talvez só nisto, reside o papel intrinsecamente conservador da sociologia como ciência da não-liberdade (BAUMAN, 1977, pág. 66-67, grifo nosso).

Desse modo, conforme o autor, um conhecimento interessado na transcendência da experiência humana, que ambicione contrapor-se a esse paradigma, deve admitir como objeto primordial de investigação aquilo que ao senso comum, informado pela “ciência da não-liberdade”, aparece como irreal, anormal e utópico, “o potencial humano não-realizado” (BAUMAN, 1977, pág. 152).

Essa ideia reaparece em *Modernidade líquida*. Tal como a atividade dos poetas e da história, a sociologia tem como função primordial descobrir “possibilidades humanas ainda ocultas” (BAUMAN, 2001, pág. 231). Fiando-se na estética de Milan Kundera, o sociólogo polonês concebe a atividade da escrita como uma forma de “romper a muralha atrás da qual se esconde alguma coisa que ‘sempre esteve lá’” (KUNDERA apud BAUMAN, 2001, pág. 231). Assim, a história, a poesia e a sociologia seriam atividades que antes descobrem – e não inventam – capacidades humanas latentes. No processo humano de autocriação ou de autodescoberta, a poesia, a história e a sociologia formariam as correntes paralelas do ato de transcendência da experiência humana. Para Bauman, desde o seu surgimento, a sociologia sempre foi pautada por esse princípio, “embora tenha sido repetidas vezes desviada por ter tomado equivocadamente as aparentemente impenetráveis e ainda não decompostas muralhas como os limites últimos do potencial humano” (BAUMAN, 2001, pág. 233). Isto é, quando assume a forma de uma ciência da não-liberdade.

Se cotejarmos as duas obras de Bauman, percebemos que algumas proposições contidas na primeira (1976), cujo propósito é propiciar uma “sociologia crítica” na forma de uma “ciência da transcendência” ou da “liberdade humana”, repercutem na segunda (2000), na qual encontramos a ideia de uma sociologia da fluidez social. Para Bauman, ao escrever sociologia, os intelectuais poderiam ir além da especulação acerca da realidade social presente e transcendê-la, no sentido de um envolvimento dialógico e ativo com a consciência dos atores sociais imersos na vida cotidiana, com o senso comum. As teorias de Durkheim e Parsons, por exemplo, são compreensíveis e legítimas, mas o modo como elas dialogam com o senso comum tende para a conservação da sociedade visada e não para sua transcendência.

Em outras palavras, não é verdade que os sociólogos tomam atitudes conservadoras, a fim de emprestar apoio e exaltar as virtudes burguesas; eles poderão, inadvertidamente, emprestar tal apoio, se por casualidade a realidade que eles “naturalizam” institucionalizar tais virtudes; mas também prestariam serviço análogo se fossem outros princípios o objeto dessa institucionalização (BAUMAN, 1977, pág. 67).<sup>32</sup>

A análise sociológica voltada para a transcendência da experiência humana, que procura explicar suas limitações estruturais ao mesmo tempo em que dá vazão às suas potencialidades, deve, nos termos de Bauman, assumir o paradigma marxiano:

Marx adivinhou que não havia nada na condição objetiva dos trabalhadores que pudesse proteger as barreiras de comunicação contra o impacto erosivo da verdadeira teoria social. Ao contrário da burguesia, eles não considerariam uma realidade alternativa, purificada da forma corrente de dominação, como sendo uma ameaça direta às condições que constituem a única identidade social aceitável, concebível. É por isto que a exposição das raízes históricas da dominação e os determinantes objetivos da comunicação distorcida tiveram a possibilidade de ser voluntariamente recebidos pelos trabalhadores, destinados ao lado perdedor da distorção (BAUMAN, 1977, pág. 177).

Mais que marxiana, a concepção do autor da interação entre a teoria e a prática cotidiana é fundamentalmente habermasiana<sup>33</sup>. A ênfase no processo de esclarecimento está

---

<sup>32</sup> Bauman também estende ao que chamou de “vulgata marxista soviética”, que se recusava a aplicar a análise marxiana da história ao chamado socialismo real, a função conservadora das teorias sociais (2001).

<sup>33</sup> A obra *Por uma sociologia crítica: um ensaio sobre senso comum e emancipação* de Bauman segue uma argumentação muito similar à de Habermas em *Conhecimento e Interesse (Erkenntnis und Interesse)*, de 1968. Uma das teses do autor nessa obra assevera que não há neutralidade nas ciências naturais, na medida em que elas resultam do interesse da espécie humana em organizar e tornar inteligível os fenômenos empíricos, a fim de aperfeiçoar e controlar os processos naturais para a eficiente manutenção e reprodução material dos seres humanos – o interesse técnico (HABERMAS, 1982). As ciências empírico-analíticas resultam desse interesse fundamental, como também as ciências histórico-hermenêuticas (interesse prático) e a teoria crítica (interesse em emancipação). Bauman, na obra supracitada, utiliza exposição similar, mas limita-se ao domínio da teoria sociológica, identificando autores em que os interesses geradores do conhecimento se expressariam: Durkheim,



na *comunicação* entre o teórico e o indivíduo leigo, com destaque para o papel do primeiro enquanto estimulador do diálogo. Mais ainda: Bauman atesta ser a leitura do nexa teoria-prática feita por Habermas a única elaboração capaz de fornecer um método adequado ao sociólogo cuja pretensão seja a de transcender as formas sociais naturalizadas pela experiência humana.

Articulando a tradição gramsciana do marxismo ao vernáculo da ciência social moderna, Habermas tem probabilidade de fazer chegar a mensagem a essa audiência que viu com equanimidade as ofertas enroupadas num vocabulário não familiar (BAUMAN, 1977, pág. 171).

Segundo o filósofo alemão, toda produção de conhecimento é orientada pelo que chama de “interesses do conhecimento”, isto é, princípios “ontológicos” da espécie humana que estão historicamente voltados para a manutenção e a reprodução de sua existência. O autor distingue três interesses: o interesse prático, o técnico e de emancipação. Os tipos de conhecimento gerados por eles seriam, respectivamente, os saberes empírico-analíticos, os histórico-hermenêuticos e os teórico-críticos. Os dois primeiros tipos de conhecimento voltar-se-iam para a explicação do mundo natural (interesse técnico) e para a compreensão do significado das tradições históricas que determinam o conteúdo moral da ação humana e lhe atribuem sentido (interesse prático). Por essa razão, esses interesses se cristalizariam especialmente no domínio do trabalho e da interação. O interesse na emancipação teria como foco situações em que a comunicação diária é sistematicamente distorcida<sup>34</sup>, convertendo-se em uma desigualdade no diálogo, isto é,

uma situação em que um dos interlocutores é incapaz, ou está incapacitado, até ao ponto de não poder assumir uma postura simétrica para com seu interlocutor, de não compreender e de não assumir os outros papéis operativos no diálogo (BAUMAN, 1977, pág. 173)<sup>35</sup>.

---

Parsons (positivismo, interesse técnico); Schutz, Berger e Luckmann (interesse prático) e Habermas (interesse em emancipação). Vale ressaltar que Habermas também se refere a autores e teorias em sua análise: Gotlib Frege (técnico), William Dilthey (prático) e Freud/Marx/Teoria Crítica (interesse em emancipação).

<sup>34</sup> Nos termos de Habermas, a distorção na comunicação refere-se à presença de desigualdade entre atores no diálogo intersubjetivo, em que uma das partes é impossibilitada de assumir os papéis operativos da comunicação devido à dominação que a priva dos elementos necessários para a manutenção do diálogo. A comunicação é distorcida quando ideologias sociais dominantes obstaculizam a compreensão que os atores têm de si mesmos e de seu entorno social, impossibilitando a construção de formas de vida alternativas e a superação de formas opressivas de convivência.

<sup>35</sup> Bauman não deixa claro o que entende por “comunicação sistematicamente distorcida” no quadro geral de sua interpretação da relação entre sociologia e senso comum, o que dificulta a identificação dos interlocutores aos quais está se referindo quando a menciona. Pelo desdobramento de sua argumentação, é possível inferir que a distorção ocorre quando os teóricos sociais, portadores do discurso verídico, se posicionam num nível acima do

Para Bauman, é justamente essa distorção que ocorre no diálogo entre a “ciência da não-liberdade”, enquanto discurso considerado verdadeiro, e o senso comum, discurso tomado como falso, pré-predicativo e equivocado. As fronteiras entre os dois discursos são arbitrariamente protegidas e constantemente vigiadas de modo que os eflúvios que emanam da comunicação vulgar, rotineira e não científica não contaminem o debate científico. Esse distanciamento é resultado do próprio processo de objetivação do senso comum em discurso científico, o qual passa a responder unicamente aos seus próprios princípios.

Da “comunicação” – a articulação pré-reflexiva da prática rotineira, o reconhecimento dos “fatos” pelo senso comum – [os interesses] extraem o “discurso”, livre das compulsões imediatas da ação, que está sujeito às suas próprias regras racionais e tem possibilidade de fornecer justificação razoável ao que tem sido reconhecido unicamente como factual. É graças a esta autonomia relativa do discurso que as afirmações teóricas acerca do domínio fenomenal das coisas e dos acontecimentos (no caso do interesse técnico), ou das pessoas e dos juízos (no caso do interesse prático) podem ser feitas e justificadas (BAUMAN, 1977, pág. 172).

No entanto, essa autonomia do discurso científico é relativa, pois “é continuamente posta em movimento pelas necessidades ou dúvidas que brotam da prática da comunicação diária” (pág. 172) – e aqui reside o ponto para Bauman. O problema está no modo como as afirmações teóricas são justificadas: a “transformação do ‘meramente reconhecido’ no ‘realmente conhecido’, está totalmente incluída no domínio do discurso, onde pode ser propositadamente controlado e regulado por regras” que são sustentadas pelos proprietários do discurso, os cientistas, “como agentes conhecedores e ‘testadores’ da teoria válida” (pág. 172). Em outras palavras, o único discurso verdadeiro, confiável e com autoridade suficiente para proclamar a verdadeira realidade do mundo social é de domínio exclusivo das ciências sociais e de seus portadores. Em virtude desse fato, as ciências sociais (especialmente as de caráter nomológico) tendem a exercer um impacto acentuadamente conservador no senso comum, ao definirem como única realidade – posto que a única passível de conhecimento verdadeiro – as “leis sociais” que regem as condutas individuais. Autonomia relativa do discurso e monopólio da verdade social por especialistas, assim como o avanço de um tipo de conhecimento orientado para o estabelecimento de leis e regularidades na sociedade, teria

---

senso comum, como detentores dos procedimentos legítimos de compreensão da realidade social cuja natureza não é acessível aos atores leigos. Os últimos, imersos em sua condição pré-reflexiva, estão impossibilitados de oferecer uma argumentação plausível aos portadores da ciência, já que os critérios de justificação das afirmações teóricas pertencem exclusivamente ao domínio do saber perito. Assim, resta ao senso comum receber passivamente os veredictos da teoria social e tomá-los como a realidade social objetiva.

como resultado, para Bauman, a naturalização da experiência da não-liberdade humana, em detrimento da experiência de liberdade.

Partindo desses pressupostos, o autor polonês propõe o que denomina de “sociologia crítica”, um tipo de conhecimento que segundo ele responderia ao terceiro tipo de interesse de conhecimento, o de emancipação. Essa nova ciência admitiria de antemão a equivalência de posições na comunicação entre ciência e senso comum e buscaria estabelecer um diálogo ativo com seus objetos de investigação, a fim de esclarecê-los. Qual seria afinal o procedimento dessa ciência social crítica?

A sociologia, para ser efetivamente “crítica”, deve “levar o ator a produzir, ao nível da consciência (onde podem ser criticamente dominados) as ocorrências e ações não vistas que deram forma à situação atual e a sustentam como uma comunicação distorcida” (BAUMAN, 1977, pág. 173)<sup>36</sup>. Para tanto, é necessário que o indivíduo seja esclarecido e não somente “explicado” pela teoria social; o conhecimento orientado pelo interesse em emancipação deve explicitar os elementos ideológicos que suprimem alternativas de existência que poderiam derivar da experiência da liberdade. A partir do momento em que o senso comum admite como históricas (e, portanto, mutáveis) as estruturas sociais que demarcam sua experiência do mundo, o sentimento da transcendência é estimulado. É importante assinalar que para o autor o discurso da “sociologia crítica” apelaria para as mesmas propriedades do discurso científico, para suas regras de justificação racional da experiência, mas seu interesse está no diálogo com o senso comum, no quadro cognitivo próprio da vida cotidiana.

Ao assim proceder, o ator é auxiliado pela ‘reconstrução racional’ de sistemas de regras que o discurso científico torna explícitos e que determinam a maneira como a experiência pode ser processada e justificada (BAUMAN, 1977, pág. 173).

Desse modo, a sociologia crítica pode até se servir dos mesmos procedimentos das “ciências da não-liberdade”, mas deve buscar sua autenticação além do domínio exclusivo dos

---

<sup>36</sup>Ainda que, no ensaio de 1976, Bauman compreenda a “comunicação sistematicamente distorcida” como uma incompatibilidade entre o discurso teórico e o saber do senso comum, o problema da distorção na comunicação foi apresentado primordialmente por Habermas como pressuposto de um consenso obtido por meio de “ideologias que fornecem uma explicação ilusória das sociedades [que se caracterizam] pelo domínio de uma seção sobre outra (...) o consenso, em tais condições, tem todas as possibilidades de ser falso ou distorcido, isto é, o resultado de uma ‘comunicação sistematicamente distorcida’” (BLEICHER, 1996, pág. 353; HABERMAS, 1992). Creio ser essa concepção da “comunicação distorcida” de Habermas, que prevê fatores estruturais e ideológicos na distribuição dos papéis operativos do diálogo, a mais próxima daquela que pressupõe Bauman na “série da fluidez social”, na medida em que a sociologia da fluidez social do autor pretende uma aproximação com os leitores leigos, na tentativa de equilibrar o diálogo entre teoria e prática, já que, para o sociólogo polonês a sociologia para o mundo líquido deveria se voltar para a autocompreensão e autoafirmação individuais.

sociólogos. O âmbito de validação das afirmações da sociologia crítica seria, nesse sentido, o senso comum, na medida em que somente por meio dele o conhecimento histórico pode ser articulado na experiência prática. Em razão disso, o exame da verdade desse tipo de ciência observaria parâmetros distintos daqueles que geralmente pautam a investigação científica.

Ao contrário do discurso que nasce do interesse técnico e prático, o diálogo realizado pelo interesse emancipatório não pode ser, em nenhuma fase, separado do seu empenho prático na comunicação, no processo vital. Não se confina ao objetivo da justificação razoável; quer, além disso, examinar-se a si mesmo na aceitação real da sua solução hipotética na práxis dos interlocutores. Procura não só validar-se a si mesmo, mas “autenticar”. Envolve, portanto, uma noção diferente, mais ampla, de exame da verdade. As hipóteses que traz à luz são reclamadas quando o interlocutor no diálogo aceita e assume o papel de que foi privado no decurso da comunicação distorcida. Na opinião de Habermas, a terapia psicanalítica fornece o padrão típico para o diálogo ativado pelo interesse emancipatório (BAUMAN, 1977, pág. 173-174).

Esse processo comunicativo pretendido pela “sociologia crítica” nunca está livre de atritos, na medida em que sempre estará posta a possibilidade da não aceitação de seus veredictos pelo senso comum. Em virtude desse fato, é necessário que o senso comum esteja disposto a assumir o papel de “paciente” dessa “terapêutica sociológica” e, de modo correlato, que os sociólogos procurem atender a essa demanda. É precisamente a partir desse ponto que abrimos a análise da sociologia da modernidade líquida propriamente dita. Com efeito, é sua caracterização da modernidade (líquida) que permite a Bauman suprimir essa possível falha na comunicação entre teoria social e senso comum.

Como pode ser apropriadamente organizada a tradução da teoria para a prática? (...) No caso do diálogo psicanalítico, esta tradução torna-se relativamente simples, devido à submissão voluntária do paciente. Embora o processo não esteja (...) isento de fricção, (...) a vontade, por parte de um dos interlocutores, de conformar-se com o papel de paciente ajuda o diálogo a desbastar as arestas mais salientes. Esta pressuposição de forma alguma é válida para a vida social (...). Os advogados da crítica podem recusar-se a tentar entrar no diálogo significativo com alguns de seus interlocutores potenciais e pressupor *a sua inabilidade em manter um tal diálogo*. Os possíveis recipientes do conhecimento crítico podem recusar-se a se considerarem como pacientes, e chegar ao ponto de considerar todas as tentativas para *redefinir a realidade como ameaças dirigidas contra a própria base de sua existência rotineira* (BAUMAN, 1977, págs. 175-176, grifo nosso).

Há, portanto, duas possibilidades de “fricção” na comunicação entre ciência e senso comum, as quais se originariam, por um lado, da indisposição dos sociólogos para o diálogo e, por outro, da defesa do senso comum da realidade social que aceita como certa e estável.

Esse dilema, no entanto, pode ser enfrentado de dois modos correlatos, ambos encontrados na sociologia da fluidez social: (a) admitir que na “modernidade líquida” a vida cotidiana assume um caráter instável e irregular e, nessa medida, já é por si mesma percebida pelo senso comum como ameaça a sua existência rotineira; a fase “líquida” da modernidade ofereceria condições sociais propícias ao trabalho do sociólogo crítico, na medida em que a ameaça dirigida ao senso comum já é dada pelo próprio objeto da crítica, a vida cotidiana e; (b) os sociólogos devem reconhecer a racionalidade específica do senso comum e aceitar sua legitimidade enquanto conhecimento particular do mundo. De modo mais ou menos nítido essas duas orientações são encontradas na sociologia da modernidade líquida, em especial a primeira, que trataremos no próximo item deste capítulo, quando ela será caracterizada em seus próprios termos. A segunda orientação, porém, ultrapassa os domínios da sociologia de Bauman, visto que ela reflete um estilo pós-moderno de ciência, fortemente pautado por uma lógica cultural que a engendra e sustenta, e que encontra sua elaboração teórica mais explícita na assim chamada “ciência pós-moderna” do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos. Para esse autor estaríamos presenciando mutações nos diversos domínios do saber que resultariam do que ele afirma ser uma “transição paradigmática” ou, em outras palavras, a passagem do “velho” paradigma da ciência moderna ao “novo” paradigma da ciência pós-moderna, processo que traria em seu bojo mudanças profundas na relação entre ciência e senso comum.

## 2.2 A sociologia “feita sob medida” para o mundo moderno-líquido

Escusado dizer que a ideia de uma sociologia da modernidade líquida não é formulada por seu autor de modo tão explícito como será apresentado aqui, visto que tal abordagem, voltada que está para a compreensão leiga, prescinde de elaboração e fundamentação teórica. De fato, ela encontra-se espalhada em todos os textos da série da fluidez social, acentuando-se em um momento ou outro em determinados pontos do texto em que o autor é impelido, ante ao desenvolvimento do próprio argumento, a esboçar o esquema geral da sua “sociologia” (os flashes apontados no início desta análise). No entanto, a imagem mais acabada da ideia da sociologia da liquidez moderna na acepção de Bauman reside no posfácio de *Modernidade Líquida*.

O pequeno ensaio de Bauman não pertence originalmente à obra, mas foi publicado no mesmo ano de seu lançamento em um periódico inglês. Pode ser visto como uma espécie de manifesto teórico e político, que exorta a sociologia a cumprir o que seria para ele sua verdadeira missão histórica, a saber, a de trazer à tona o elo entre a aflição objetiva e as experiências subjetivas. Essa tarefa estaria ligada ao processo da autodescoberta humana (*autopoiesis*), a sociologia sendo uma das três correntes desse movimento histórico, juntamente com a poesia e a história. Por essa razão, a missão dos poetas, assim como dos historiadores, seria similar à dos sociólogos: a revelação de possibilidades humanas ainda ocultas, ressaltar aquilo que é virtualmente possível. Vejamos que aqui já está presente uma ideia básica da “sociologia crítica”, a saber, a ciência crítica como um trabalho de desnudamento do potencial humano contido na experiência de liberdade do senso comum.

Como afinal ocorreria a realização dessa sociologia missionária? Para Bauman, a disciplina deve ultrapassar aquilo que está dado a ela como óbvio e, portanto, que está encerrado em seu universo linguístico-cultural próprio, os fundamentos preestabelecidos que a mantêm e informam. Orientando-se para fora de seus domínios restritivos, seria possível à sociologia testar as potencialidades de sua linguagem, por meio do trânsito entre as várias “visões de mundo” além de seus limites, o que abriria espaço para novos modos de “escrever sociologia”. Na medida em que essa disciplina é parte fundamental do esforço cultural humano de autocompreensão e autodescoberta (logo, de autorrealização pessoal), estão dadas a ela todas as condições para que caminhe junto a esse processo de modo consciente, a fim de revelar aqueles elementos emancipadores que, sem ela, não poderiam ser comunicados. Por conseguinte, a sociologia deve avançar em sua jornada missionária ao lado de outros modos

de conhecimento e deixar para trás seu antigo paradigma (aquele da “ciência da não-liberdade” que vimos anteriormente).

Para o autor polonês, na medida em que a sociologia feita sob medida para a fluidez social deve procurar transitar entre diferentes linguagens, o sociólogo que toma para si essa responsabilidade assume de modo correlato a condição do exilado, visto que, nesse movimento para fora do âmbito restrito de sua disciplina, ele estará sempre propenso ao confronto com o desconhecido, com todos seus riscos e perigos. Essa sociologia teria lugar na encruzilhada entre códigos culturais diversos, dentro e fora ao mesmo tempo, numa posição que, segundo Bauman, é privilegiada para capturar elementos que nunca seriam problematizados em cada universo em separado. A sociologia de autor polonês, nesse sentido, seria a própria expressão da ambivalência moderna, pois ela residiria justamente nas regiões ainda não nomeadas ou classificadas, no lar da diferença e da transitoriedade.

Não é apenas o sociólogo da modernidade líquida que assume o papel do exilado, mas também os próprios habitantes do mundo moderno fluido. Segundo o autor, na modernidade líquida os indivíduos são “pessoas fluidas”, pois vivem em “territórios flutuantes” e “realidades porosas” de caráter “pouco aderente”, que acabam sabotando qualquer tentativa de fixação identitária. São como nômades contemporâneos, transitando em meio a uma profusão de identidades, códigos de conduta e estilos de vida. Apesar de essa experiência poder oferecer novas realidades e códigos, os “indivíduos fluidos” carecem da habilidade para tecer ligações entre sua experiência subjetiva e a aflição objetiva. Como saída para a aflição e a infelicidade privadas, os atores empreendem toda espécie de estratégias para mitigar sua angústia, desde o conformismo e resignação pelo consumo até explosões grupais de ódio xenófobo e racista. O compartilhamento de condições tornaria o sociólogo equivalente ao indivíduo leigo e propiciaria um diálogo ativo entre os pólos teórico e prático.

Para Bauman, o diagnóstico dado pelo tipo de sociologia que preconiza estaria apto a identificar as causas sociais dessa infelicidade generalizada, na medida em que sua tarefa precípua é estabelecer o elo entre aflição objetiva e experiência subjetiva. Citando Beck, nosso sociólogo assinala que vivemos em uma “sociedade de risco”, onde a experiência subjetiva dos males sociais é sempre mediada pelo conhecimento técnico e científico (o trabalho de autorrealização pessoal demandaria cada vez mais informações sobre os riscos globais e locais). O problema mais grave, para Bauman, reside nas interpretações científicas do risco, que procuram excluir a viabilidade dos perigos latentes, o que pode deixar à margem da esfera pública a urgência diante dos perigos de alto impacto. É nesse sentido que a

sociologia se torna “mais necessária do que nunca”, pois lhe está reservada justamente a tarefa de tecer os elos entre percepção subjetiva do risco e sua percepção social e objetiva. Somente ela poderá realizar essa tarefa, já que se trata de uma das dimensões da autodescoberta humana, bem como aquela disciplina em que a distinção entre explicação e compreensão não tem mais lugar. Vale ressaltar que não se trata de qualquer tipo de sociologia, mas somente aquela voltada para a autorrealização humana, feita sob medida para a “modernidade líquida”. Para Bauman, portanto, a sociologia ajustada ao mundo moderno-líquido – ou qualquer ciência social que tenha por objetivo a compreensão humana por meio de comentários acessíveis - é o modelo de ciência mais adequado à lógica de funcionamento do mundo social contemporâneo.

Se a sociologia ortodoxa, nascida e desenvolvida sob a égide da modernidade sólida, se preocupava com as condições da obediência e conformidade humanas, a primeira ocupação da sociologia feita sob medida para a modernidade líquida deve ser a promoção da autonomia e da liberdade; tal sociologia deve focar a autoconsciência, a compreensão e a responsabilidade individuais (BAUMAN, 2001, pág. 243).

Esse tipo de sociologia ofereceria a um só tempo o diagnóstico e a terapia, já que, combinada ao esforço cultural em nomear a realidade, bem como à sua colaboração histórica ao processo de autodescoberta humano, estaria ela em condições de articular a experiência individual e subjetiva aos motivos sociais e coletivos que a determinam.

(...) por mais céticos que possamos ser quanto à eficácia social da mensagem sociológica, não podemos negar os efeitos de permitir que aqueles que sofrem descubram a possibilidade de relacionar seus sofrimentos a causas sociais; nem podemos descartar os efeitos de tornarem-se conscientes da origem social da infelicidade “em todas suas formas, inclusive as mais íntimas” (BAUMAN, 2001, pág. 245).

De modo direto, é visível no autor o papel fundamental que o conhecimento da sociedade tem e teve durante toda história humana, como uma das correntes culturais de autodescoberta e autocriação de homens e mulheres ao longo de sua história. É notório como Bauman não está preocupado com a consistência de suas afirmações, as quais, nesse sentido, não têm por base outro fundamento que não o de sua retórica. Entretanto, essa caracterização da sociologia, encontrada logo de entrada nesse texto meio metodológico meio político que é “Escrever; escrever sociologia” é a base onde o autor procura apoiar o empreendimento de sua sociologia da modernidade líquida. A série inteira da fluidez social – ou melhor, parte considerável de seus textos pós-aposentadoria – pode ser lida por meio dessa chave. As breves formulações teóricas do autor servem ao mesmo princípio: a indispensabilidade de sua



sociologia da liquidez para o trabalho de autorrealização pessoal. Isso talvez explique, em parte, o teor terapêutico manifesto na série da fluidez social – em que diagnóstico e terapia se mesclariam, conforme o autor –, traço típico da chamada “literatura de autoajuda”. O que está em jogo para o sociólogo polonês não é saber se o conhecimento científico-social é objetivamente uma tarefa de autodescoberta humana. Sabê-lo não é importante e reserva-se, segundo ele, ao escrutínio das “mentes escolásticas”. Se a sociologia é um esforço humano em classificar a realidade, ela está em condições de ligar-se ao senso comum, já que caminhariam lado a lado no trabalho de classificação do mundo. Em razão disso, o princípio ético da ciência da sociedade é juntar-se conscientemente aos indivíduos em suas tarefas cognitivas.

### 3 A ESTRUTURA INTERNA DA SÉRIE DA FLUIDEZ SOCIAL

Neste capítulo procuramos identificar e explicitar as ocasiões em que a sociologia da modernidade líquida é operada expressamente nos textos de Bauman. A análise não consistirá na exposição minuciosa dessa operação em toda a série da fluidez social e será feita apenas nos casos mais demonstrativos da tentativa do autor em se fazer acessível ao seu leitor, geralmente expresso no uso recorrente da primeira pessoa do plural como instrumento da língua, para igualar-se à condição do outro, em contraste, portanto, com o discurso distanciado típico das ciências, cujo enunciador parece estar se debruçando sobre uma realidade alheia a ele, de modo a voltar-se a uma audiência ao mesmo tempo restrita e universal.

Na medida em que os momentos de “enunciação compartilhada” são abundantes na série, decidimos valer-nos da obra em que Bauman inaugura sua proposta, *Modernidade líquida*, para mapear as circunstâncias em que o olhar sociológico do autor procura tratar os objetos na medida do senso comum. É a partir desse ensaio que ele deixa progressivamente a densidade teórica característica de textos anteriores, como *Ética pós-moderna* e *Modernidade e ambivalência*, cujo conteúdo reportava-se à audiência especializada da filosofia e da sociologia. Algumas obras diretamente anteriores à série da fluidez, como *Globalização: as consequências humanas* e *Em busca da política* serão oportunamente consideradas, na medida em que já anunciam os princípios de uma escrita visivelmente preocupada com outro público. Vale ressaltar que os escritos mais áridos do autor, como *Towards a critical sociology*, *Culture as praxis*, *Hermeneutics and social sciences* e *Memories of class*, ainda não foram publicados no Brasil, apesar da existência de uma “legião de leitores” seus e da brevidade do intervalo entre a publicação inglesa de seus livros e sua versão brasileira.

Dessa forma, sua imagem de sociólogo “perspicaz”, dos mais importantes da atualidade, resulta de uma apropriação de alguns de seus escritos, envolvendo critério de seleção que parece estar radicado numa disposição menos erudita e mais industrial cultural. Segundo nossa perspectiva, esse elemento da produção de Bauman, a saber, seu tônus editorial, tem como pano de fundo uma lógica cultural que tende a privilegiar autores que procuram atenuar a distinção entre o discurso do mundo ilustrado e aquele próprio do mundo cotidiano, problema que discutiremos em outra ocasião. Outro fator que nos leva a delimitar *Modernidade líquida* como o modelo da série da fluidez social diz respeito a uma das principais características da prática textual desse autor: a repetição. Suas formulações, por não se alinharem a um eixo metodológico condutor da análise a não ser à ideia de que tudo é

“líquido” (ou está a ponto de liquescer), são constantemente repisadas e aparecem inadvertidamente ao longo da série, sem economia de sua exposição. Não poucas vezes elas se reduzem aos limites de um comentário pessoal, um dos atributos, por sinal, da “ciência pós-moderna”, de Boaventura de Sousa Santos, cujos fundamentos apresentam grande número de afinidades com a sociologia de Bauman. Sua produção, portanto, não deve ser vista como meramente autoral – como nas leituras de seus principais comentadores expostas anteriormente –, pois manifesta aspectos significativos da cultura contemporânea.

As opções teóricas do autor não seriam estratégias de ruptura com os modelos teóricos anteriores, a fim de revelar novos objetos que nunca seriam percebidos segundo aqueles esquemas? Absolutamente. Não são discutidos na série os modelos teóricos e suas possíveis insuficiências, mas tão somente apresentados jargões bem comuns à disciplina [como a “jaula de ferro” weberiana, a sociedade como algo de natureza distinta da mera soma de suas partes individuais (Durkheim) e a colonização do privado pelo público (Habermas), para citar alguns], por vezes com o propósito de desdizê-los diante da fatalidade da fluidez moderna. Não há um esforço em reconstruir teoricamente os caminhos propostos pela tradição do pensamento social, a fim de identificar e apontar suas eventuais lacunas diante da realidade atual, mas apenas uma evocação de conclusões e conjecturas consagradas com o propósito de colá-las a uma imagem de sociedade que, segundo ele, jaz no passado. E depois, qual a razão de tal trabalho teórico, “próprio de mentes escolásticas” segundo o autor, se o advento da modernidade líquida demanda uma ciência mais ajustada a sua dinâmica?

Nosso interesse não está voltado para a invalidação da natureza científica da sociologia da modernidade líquida ante o *establishment* das grandes teorias consagradas e de seus autores. Não interessa aqui ratificar o senso comum acadêmico sobre Bauman, mas compreender esse autor como um fenômeno que não seria possível sem a existência desse mesmo mundo acadêmico, com seus respectivos prêmios e títulos. Logo, o dado mais significativo da produção analisada não está em sua eventual nulidade ou validade teórica, mas no fato básico de que seu autor reivindica para si e endossa para seu público que essa sociologia é um modo possível de fazer ciência da sociedade; não só possível, mas necessário e relevante para o enfrentamento da “vida líquida” instaurada contemporaneamente.

O fato de Bauman garantir que essa prática discursiva é uma ciência (não se fala em “crítica”, “comentário”, “avaliação” ou “diagnóstico” da “modernidade líquida”, mas de uma *socio-logia*) aparece aqui como um dos elementos mais pertinentes, na medida em que, para além do mundo restrito dos pares, a sociologia da liquidez moderna impõe-se *ab ovo* para

seus admiradores como uma genuína ciência social, justamente porque, para todos os efeitos, está sendo vertida da pena de alguém radicado nesse campo disciplinar.

Examinaremos a proposta em questão, *a título puramente heurístico*: um saber erudito que se aproxima do senso comum a fim de esclarecê-lo, sem deixar de ser por isso ciência, ainda que apresentada de outro modo – supostamente emancipador e preocupado com a liberdade genuína. Essa ideia é a orientação geral da sociologia de Bauman, bem como o mote principal do estilo pós-moderno de ciência advogado por Boaventura de Sousa Santos.

### 3.1 A ciência pós-moderna de Boaventura de Sousa Santos

Em um pequeno texto, versão ampliada de uma palestra proferida pelo autor na Universidade de Coimbra, em 1985, Santos procura de maneira puramente especulativa e imaginativa, esboçar os primeiros elementos teóricos e sociais do paradigma científico que, segundo ele, estaria sendo gestado no seio da ciência moderna e que em momento oportuno superaria seus esquemas e princípios. Esse novo paradigma, de nascimento iminente, mas ainda não consolidado, é por ele chamado de “ciência pós-moderna”.

A argumentação desenvolve-se com base em uma “pergunta simples”, segundo o autor, sobre o tempo atual, como aquela feita a Rousseau, no século XVII, a propósito da transição do modelo religioso de conhecimento para os padrões científicos modernos: o avanço da ciência moderna irá propiciar felicidade aos seres humanos? Santos impõe-se pergunta similar, tendo em vista o novo paradigma pós-moderno de ciência que procura delinear: a ciência pós-moderna trará em seu bojo um mundo mais feliz?

Para responder a essa questão, Santos debruça-se sobre as principais características do que chama de “paradigma dominante” (a ciência moderna), com o objetivo de identificar os elementos que anunciam sua crise e estabelecem os fundamentos do novo paradigma que está a emergir (a ciência pós-moderna). Ainda que o ensaio tenha por meta somente identificar os seus traços mais visíveis, fica cada vez mais clara no desenrolar do argumento a tomada de posição do autor, bem representado pelo seu tom otimista em relação à ciência pós-moderna; assumi-la é libertar o pensamento das sólidas amarras de uma ciência já caduca. A ciência moderna é autoritária, a pós-moderna, emancipadora; a primeira fala somente uma língua e é limitada aos especialistas, a segunda, é uma convivência harmônica de racionalidades que somente se concretiza quando apropriada pelo senso comum.

Além da estratégia de seu discurso, mais um manifesto político-científico que uma discussão epistemológica, Santos procura ainda mapear os indícios objetivos de que o paradigma pós-moderno já está presente. A crise, segundo ele, já estaria contida na “sociologia fenomenológica” de Weber, mas teria se aprofundado de modo mais aberto nas ciências naturais, com Einstein, Heisenberg e Bohr, Prigogine e Gödel. O que parece interessá-lo sobremaneira é o fato de que a crise das ciências naturais desencadeou uma sua aproximação com as ciências sociais, implodindo a antiga distinção entre conhecimento científico-natural e científico-social. A ruptura com o modelo dual de conhecimento (sujeito/objeto, ciência/senso comum, natureza/cultura) é o princípio basilar da passagem para

o novo paradigma, momento em que as duas ciências apresentarão novos contornos – ou mesmo desaparecerão quaisquer contornos –, para dar lugar a modelos de conhecimento ao mesmo tempo universais e locais, o conhecimento pós-moderno.

Segundo o autor em questão, toda essa configuração histórica não resultaria da carência de conhecimentos, mas do próprio avanço da ciência moderna. É, portanto, fruto do desenvolvimento histórico da modernidade, que pôs em xeque os padrões básicos que guiaram o conhecimento moderno sobre o mundo natural e social. Não por acaso, a ciência pós-moderna é o avesso da ciência moderna. Ainda é moderna no sentido da ampliação do conhecimento sobre o mundo social e natural, mas é pós-moderna em seus modelos de análise. Isso pode ser bem representado pelas noções de natureza que baseiam as proposições de Santos: para a ciência moderna, a natureza respeita uma ordem e regularidade próprias, passíveis de apreensão, ao passo que para a ciência pós-moderna, a natureza é puro caos, imprevisível e não determinada, o que impossibilitaria sua objetivação (o conhecimento, nesse caso, só se poderia concretizar em contextos particulares, por meio de uma pluralidade de métodos).

Não obstante as tentativas de identificar os traços do novo paradigma que está a nascer, o que implicaria uma análise objetiva das condições históricas e teóricas de sua emergência – algo que é feito pelo autor, ainda que de modo superficial –, sua análise dissimula um julgamento moral sobre a modernidade e a pós-modernidade. Santos opta de modo claro pelo discurso pós-moderno e vê na modernidade apenas autoritarismo, controle e, segundo seus termos, infelicidade. Sua perspectiva estaria próxima da de Lyotard, já que, para o sociólogo português, a pós-modernidade representaria uma crise desencadeada pelo próprio desenvolvimento da ciência moderna. O que Lyotard apresenta como o alto modernismo nascente, representa para Santos a pós-modernidade. O julgamento moral de Santos é bem visível na passagem abaixo:

Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente) (1987, pág. 37).

A indistinção entre ciências naturais e ciências sociais não se dá somente em termos de intercâmbio entre categorias, mas também em termos de metodologia, o que talvez seja o ponto mais problemático do texto em exame. Para o autor, a distinção entre ciências naturais e

sociais é uma das dicotomias fundamentais para constituição da ciência moderna. De fato, as ciências sociais sempre levaram a etiqueta do atraso, haja vista sua dificuldade em estabelecer consenso sobre seus princípios, bem como pela resistência dos seus objetos à análise científica. As obras de Durkheim e Weber são representativas de uma tentativa obstinada em estabelecer critérios precisos para uma genuína ciência da sociedade. No limiar do paradigma pós-moderno, segundo Santos, a distinção desaparece e as ciências naturais e sociais passam a compartilhar das mesmas preocupações epistemológicas. Na medida em que essas preocupações sempre estiveram no cerne do debate das ciências sociais, são elas que impulsionam a ruptura com o paradigma antigo. Nos termos de Bourdieu, estaria havendo, por um lado, a heteronomia do campo das ciências naturais e, por outro, a autonomia do campo das ciências sociais, que agora é sujeito – essa palavra é importante para compreender o autor lusitano – do desenvolvimento científico<sup>37</sup>.

A intenção de Santos em *Um discurso sobre as ciências* é construir uma interpretação plausível e legítima do estado atual do campo científico, em que as ciências humanas teriam, como missão histórica, a libertação das demais ciências (naturais e exatas) de sua cegueira instrumental. Interessante notar que o autor identifica nas ciências naturais – e não nas ciências sociais – o início da crise paradigmática pela qual passamos. Einstein, Heisenberg, Bohr, Gödel e Prigogine, todos cientistas naturais, seriam os arautos da nova ciência. Como é apontado por ele, a crise emerge de um avanço da ciência moderna quando esta passa a problematizar seus próprios fundamentos; tal problematização é identificada pelo autor no desenvolvimento das teorias da física (Einstein, Heisenberg e Bohr), da química (Prigogine) e da matemática (Gödel). Nesse sentido, segundo seu diagnóstico, seriam as ciências naturais e exatas que impulsionariam uma transição paradigmática rumo à ciência pós-moderna; elas seriam os principais sujeitos dessa mudança, não as ciências humanas como quer Santos. Ademais, todos os princípios teóricos que o autor identifica na emergente ciência pós-moderna têm como pressuposto insuficiências teóricas radicadas nas ciências naturais e exatas, apontadas pelos próprios cientistas desse domínio disciplinar e não por sociólogos.

---

<sup>37</sup> “Heteronomia” na análise de campo de Bourdieu diz respeito à característica de um microcosmo de produtores que está mais propenso a ser influenciado por regras externas a eles em virtude da fragilidade de sua legalidade interna. Inversamente, um campo autônomo diz respeito a um microcosmo de produtores fortemente pautado por uma legalidade própria, a qual teria o poder de refratar as interferências externas, sejam elas econômicas, sociais ou políticas (Cf. Bourdieu, *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*). No caso de Sousa, estaríamos presenciando, portanto, uma interferência da legalidade própria ao campo sociológico no campo das ciências naturais.

Em contraste com suas próprias formulações, Santos parece reproduzir novamente a tradicional ideia da preeminência das ciências naturais sobre as ciências sociais. Ainda que, como afirma, o processo de ruptura com as dicotomias modernas já estivesse em gestação na “sociologia fenomenológica”, a crise paradigmática que procura demonstrar somente teve início no seio das ciências naturais, com as teorias da relatividade e da mecânica quântica. Ainda que a crise apareça nas obras de alguns cientistas naturais, a formulação de novos métodos ainda não está dada e tampouco o saber produzido por essas disciplinas parece ser feito sob medida para o senso comum, para ser compartilhado (um traço básico, para ele, da ciência pós-moderna). Não há, portanto, nenhuma modificação substantiva de métodos que imponha um novo rumo ao saber como um todo, encaminhando-o para um paradigma pós-moderno. Assim sendo e não por acaso, Santos irá localizar os primeiros sinais do conhecimento pós-moderno menos nos avanços metodológicos nas ciências naturais e mais no estado atual das ciências sociais. Nessas últimas, o sociólogo português não irá selecionar qualquer modelo exemplar, mas somente propor, com base em suas especulações, como deveria ser uma ciência genuinamente pós-moderna. É nesse momento que seu argumento revela o que lhe está subjacente: o dever de uma ciência prudente para uma vida decente. É a partir dessa caracterização que os princípios teóricos da ciência pós-moderna podem ser cotejados com as proposições de Bauman, a sociologia da modernidade líquida e seu *modus operandi*.



### 3.2 Rumo a uma sociologia pós-moderna

Com base no mapeamento das insuficiências teóricas das ciências naturais, dadas pelas novas formulações da física, química e matemática, Santos procura estabelecer os futuros princípios da incipiente ciência pós-moderna. Assim como em Kuhn, o que baseia seu argumento é a constatação de um “acúmulo de problemas” não resolvidos pelo paradigma da ciência moderna, cuja magnitude estaria impulsionando uma ruptura radical com seus principais postulados. Vale ressaltar que Kuhn identifica a emergência da ciência normal (moderna) e sua consolidação em uma série histórica de longo alcance, diferentemente de Santos, cuja análise está situada no interior de uma breve série histórica, permutando Newton, Galileu e Copérnico, os arautos da ciência moderna, por Einstein, Heisenberg, Bohr e Gödel. Com efeito, a análise da transição paradigmática atual elaborada por Santos está mais próxima de uma aposta teórica pessoal que de uma constatação da realidade objetiva, análise pautada por argumentos valorativos em favor dessa nova ciência que procura constatar e que leva o autor a expressar um julgamento mais ético-moral que propriamente epistemológico sobre as ciências modernas. O que seria então a ciência pós-moderna para Santos?

A ciência pós-moderna, como foi dito, impõe-se como o avesso da ciência moderna. Ela é a negação radical dos aspectos mais representativos do conhecimento científico tradicional. Se a distinção entre conhecimento científico-natural e conhecimento científico-social é uma marca significativa da ciência moderna, ela desaparece completamente no paradigma pós-moderno. A produção do conhecimento pós-moderno não será feita a partir de uma repartição e classificação do mundo em objetos sociais e naturais, como no paradigma moderno, mas segundo um intercâmbio de racionalidades e linguagens, o que possibilitaria, conforme Santos, “fazer análise filológica de um traçado urbano”, “entrevistar um pássaro” ou realizar “observação participante entre computadores” – ou, no caso de Bauman, apreender a modernidade a partir da natureza dos líquidos e sólidos. Isso está ligado diretamente ao segundo princípio negativo do conhecimento pós-moderno em relação ao moderno: todo conhecimento é local e total. Na medida em que não há mais fronteiras entre os domínios da ciência, tampouco divisões simplificadoras do real, o cientista pós-moderno, provido de conceitos híbridos (científicos naturais-sociais), poderá então ampliar a dimensão de análise de seu objeto ao compreendê-lo de modo “perspectivista”, sob variados ângulos disciplinares, o que Santos denomina de “transgressão metodológica”. Nesse processo, o papel do cientista muda de estatuto e a ciência torna-se autobiográfica, na medida em que o ato de conhecimento, com toda sua carga biográfica dada pela experiência de vida do cientista, pode

ser combinado a uma natureza que também é sujeito, já que não é mais vista como mero objeto inerte. O conhecimento é, então, produto de uma criação e não de descoberta, criação que é, antes de tudo, feita pelo homem e pela natureza, conjuntamente. Assim sendo, a ciência pós-moderna aproximar-se-ia da crítica literária, numa relação intersubjetiva entre sujeitos de conhecimento.

A última característica do novo paradigma, e que mais nos interessa, reside na relação entre ciência e senso comum. Na medida em que a racionalidade moderna é apenas uma no interior de uma pluralidade de racionalidades, a ciência pós-moderna teria como condição de existência a relação íntima com diversos modos de conhecimento, inclusive o senso comum, ao produzir formulações que combinariam o saber científico e erudito, de um lado, e o saber comum cotidiano, de outro, suprimindo assim o tradicional distanciamento entre eles. Para Santos, o “conhecimento científico pós-moderno só se realiza como tal na medida em que se converte em senso comum”. Por conseguinte, não haverá mais ciência no sentido moderno, metodologicamente distanciada do senso comum, mas uma “comunidade democrática do saber”.

Para Santos, ainda não são visíveis ciências pós-modernas de facto, já que se vive em uma época de transição entre paradigmas. Seu texto é de meados da década de 1980, período em que o discurso pós-moderno se impunha cada vez mais às ciências humanas, suscitando toda sorte de adesões e recusas. Naquele momento, o debate sobre a pós-modernidade era mais um dado do discurso que da prática, e muitos foram aqueles que viam no termo apenas uma moda fadada ao esquecimento. No entanto, o modelo de ciência pós-moderna, que não se limita às considerações de Santos evocadas aqui, acabou instituindo sua escola e se difundiu por todas as disciplinas das ciências humanas. Como nenhuma outra abordagem, a sociologia da modernidade líquida de Bauman se impõe como a forma mais acentuada e significativa desse modelo.

Desde a década de setenta, como vimos, Bauman flerta com a ideia de que as ciências sociais deveriam encaminhar seus enunciados ao senso comum e deixar para trás sua tradicional aversão à opinião daqueles que constituem seus temas e objetos de estudo; orientando-se para o saber leigo e deixando os limites impostos pela cidadela científica, a sociologia poderia, de acordo com o autor, desenvolver enfim sua dimensão emancipadora. Ora, e a questão da objetividade? Deverá ser buscada no próprio senso comum, o qual tornará objetivos aqueles enunciados que ele mesmo reconhece na sua atividade prática diária. Eis a “sociologia crítica” de Bauman, verdadeiro prelúdio à sua sociologia da liquidez, que

estabelece já na década setenta os termos da ciência pós-moderna de Sousa Santos. Não por acaso, na década seguinte, Bauman entrará com todo fôlego e interesse no debate pós-moderno.

As condições teóricas e políticas para a entrada do sociólogo polonês no debate pós-moderno são as melhores: revela-se liberal, crítico da vulgata marxista soviética (mas grande admirador das obras de Marx e Gramsci), crítico da sociologia de Durkheim e de Parsons e dos postulados da ciência moderna assumidos pela disciplina sociológica, assim como portador de disposições científicas heterônomas, resultado da formação teórica em um espaço de produtores mais pautado por interesses políticos que propriamente científicos. Esse dado de sua trajetória o propõe a uma visão cada vez menos ortodoxa da ciência e mais aberta a interferências externas. Antes engajado na construção do socialismo polonês, viu-se forçado, em meados da década de sessenta, a reconhecer a insuficiência de tal projeto e as sutis ligações entre o caráter autoritário da ciência e a dominação política na modernidade. No final da década de setenta, Bauman se encontrava imerso em uma sociedade cujo paradigma político resultou dos desdobramentos de maio de 1968, ou seja, uma sociedade que começava a ver com desconfiança tanto o capitalismo (a relação entre tecnologia militar e aparato industrial) quanto o socialismo (as ideias de Marx a serviço do autoritarismo nos países do leste europeu). Esses elementos históricos, políticos e teóricos compõem o cenário que subsidiará sua entrada no debate pós-moderno. Ademais, sua obra participa da constituição do próprio debate, pois, combinada à sua crítica teórica, há uma tentativa contumaz em derrubar os postulados políticos e teóricos do que denominara “durksonismo”, o espírito que insuflara os modelos sociológicos da época e que no cenário intelectual britânico era representado pelo estrutural-funcionalismo de Parsons e Merton<sup>38</sup>.

Lembremos que, para Santos, o novo paradigma não está diretamente dado e o que sabemos sobre ele é, segundo o próprio autor, fruto de pura especulação individual combinada à imaginação sociológica. Assim sendo, o que o autor lusitano está chamando de ciência pós-moderna é mera prescrição, é um modelo de ciência mais normativo que descritivo, produto que é de uma análise da ciência mais ética do que teórica – como deve ser a ciência feita sob medida para nossa felicidade face às circunstâncias científicas e sociais que estão em jogo atualmente?

---

<sup>38</sup> Durksonismo é um neologismo criado por Bauman a partir dos nomes de Durkheim e Parsons (Cf. Bauman, 1977).

Assim como o conhecimento científico pós-moderno, a sociologia de Bauman é também um modelo prescritivo de ciência. Em contraste com a análise de Santos, não há nela qualquer discussão epistemológica ou metodológica prévia que sirva de fundamento teórico para a construção de seu modelo de análise. Todavia, o que falta no sociólogo português, a atividade prática da ciência pós-moderna, a qual o autor ainda não vê esboçada, está diretamente dada na série da fluidez social de Bauman. O conjunto de textos da série exhibe traços comuns à ciência pós-moderna tal como proposta por Santos, e pode ser visto como uma tentativa, informada por esse novo paradigma (que não está reduzido ao programa do sociólogo português), de produção científica nos termos culturais e teóricos preconizados pelas análises pós-modernas. Os elementos discursivos desse debate e que do nosso ponto de vista abrem espaço para o surgimento de formas de saber como a “sociologia da modernidade líquida” de Bauman e a “ciência pós-moderna” de Santos serão discutidos no último capítulo. Ainda que o autor polonês tenha preferido nas últimas décadas o termo “modernidade líquida” a “pós-modernidade”, entendemos que essa mudança foi apenas terminológica, na medida em que ainda se mantém em seus escritos a ideia de que estaríamos presenciando um fim, mas agora em relação ao período clássico da modernidade, rumo a uma nova modernidade.

Em termos gerais, o que liga a reflexão epistemológica de Santos à prática discursiva de Bauman é precisamente a instituição e difusão de modos de pensar “pós-modernos” que, independente de seu estatuto no campo científico (por vezes apenas uma moda teórica), acabou encontrando espaços de legitimidade na esfera pública e passou a ser cada vez mais articulada pelo senso comum. A ciência pós-moderna parece mesmo ter se convertido em senso comum, na medida em que este se tornou o fundamento simbólico de sua autoridade científica. Não nos compete agora essa discussão, mas é visível a articulação das proposições pós-modernas pelo campo do jornalismo e principalmente publicitário, os quais têm a vantagem de revelar, devido a sua natureza, as transformações culturais mais profundas que estão no cerne das atuais relações entre os mundos da produção erudita e da indústria cultural. O fenômeno da vulgarização científica, que será tratado no último capítulo, também participa, por seu turno, dessa dinâmica da cultura, na medida em que intensifica a circulação de informações entre esses dois universos simbólicos, gerando, por um lado, toda sorte de distorções e apropriações problemáticas da ciência pelo senso comum e, por outro, ingerências publicitárias no próprio modo de produção do conhecimento científico.

### 3.3 A metáfora modernidade líquida como produto de uma ciência pós-moderna

A ideia da produção científica pós-moderna apresentada até aqui e que encontra nas considerações de Santos sua formulação mais precisa e mais nítida, não está a serviço apenas da aproximação das teses de ambos os autores. Segundo o nosso entendimento, tanto a “ciência pós-moderna” quanto a “sociologia da modernidade líquida” são respostas a um mesmo período histórico para o qual um conjunto de análises está voltado. No nosso caso, a sociologia da liquidez de Bauman corresponde a uma fração desse conjunto, cujos modos de abordagem e intervenção prática correspondem ao que chamaremos adiante de “estilo pós-moderno de ciência”, uma “ciência” que recusa o paradigma moderno e o caráter de sua produção científica em favor de uma ciência que procura estar mais próxima do senso comum, sem tomá-lo como falso ou inverídico, mas como um dos modos de se conhecer a realidade social que, a despeito de seu estatuto na sociologia clássica, possui valor indubitável. Encontramos essa ideia de forma mais consistente em Santos, que a seu modo procura fundamentar os termos do que chama de “paradigma científico pós-moderno”, mas também em Bauman, seja em relação a ideia de uma “sociologia crítica” formulada pelo autor em meados da década de 1970, a qual se opõe aos modelos funcionalistas, seja em relação à sociologia da fluidez moderna, a qual segundo ele deveria se voltar, face a fragmentação política contemporânea e a emergência da “política-vida” – a ação política própria de uma “sociedade individualizada”, empreendida de modo exclusivamente individual –, ao esclarecimento da ação dos indivíduos, na medida em que eles representariam o sólido derradeiro no processo de dissolução próprio da fase líquido-moderna. De acordo com Bauman (2001), a tarefa mais apropriada para a ciência social que deseja estar em sintonia com o novo mundo líquido, tarefa que recupera, portanto, sua anterior formulação a respeito do nexo teoria e prática na década de setenta, é a de produzir enunciados práticos aos homens e mulheres comuns, conforme o significado imediato que eles imputam às suas práticas rotineiras. No entanto, esse trabalho deve estar voltado para o esclarecimento desse significado comum, através do esforço de adensamento científico-social e humanístico das situações diárias tal como confrontadas pelos atores sociais.

Sim, somente a vida humana individual vê crescer sua durabilidade, enquanto a vida de todas as outras entidades sociais que a rodeiam – instituições, ideias, movimentos políticos – é cada vez mais curta. Assim, o único sentido duradouro, o único significado que tem chance de deixar traços, rastros no mundo, de acrescentar algo ao mundo exterior, deve ser fruto de seu próprio esforço e trabalho (BAUMAN & PALLARES-BURKE, 2004).

Para Bauman, portanto, a sociologia feita sob medida para o estado atual da modernidade é uma sociologia feita para o esclarecimento da ação individual, de modo articulado aos temas que aparecem imediatamente à vida cotidiana, em jornais ou informes publicitários. A ideia da ligação entre teoria e prática, no sentido de uma ação intelectual voltada para a transformação do mundo social, se manifesta em Bauman (1999) nos termos de uma intervenção nas consciências individuais, já que, segundo ele, os movimentos sociais são “fluidos”, “esporádicos” e a ligação dos indivíduos que o compõe é “até segunda ordem”. Nesse sentido, a sociologia da liquidez pressupõe um mundo sem sujeitos coletivos capazes de fazer frente aos problemas de origem sistêmica, mas apenas indivíduos voltados para a solução desses mesmos problemas de modo exclusivamente privado. Em relação a esse cenário, a posição do autor é a seguinte:

A sociabilidade é, por assim dizer, flutuante, procura em vão terreno firme onde ancorar, um alvo visível a todos para mirar, companheiros com quem cerrar fileiras. (...) Oportunidades de extravasão surgem por vezes em festivais de compaixão e caridade, às vezes em eclosões de agressão acumulada contra um inimigo público recém-descoberto (isto é, contra alguém que a maior parte do público identifica como inimigo pessoal), outras em um acontecimento no qual a maioria das pessoas se sente fortemente envolvida ao mesmo tempo e que portanto sincroniza sua alegria, como no caso da seleção nacional que ganha a Copa do Mundo, ou sua tristeza, como no caso da morte trágica da princesa Diana. O problema com todas essas oportunidades, no entanto, é que elas perdem força rapidamente, assim que voltamos às questões rotineiras do nosso dia-a-dia, as coisas também retornam, inalteradas, ao ponto inicial (BAUMAN, 1999, pág. 11).

Em virtude desse cenário, em que parece não haver um sentido coletivo, consistente e coerente de ação política, fadada que parece estar a pequenos eventos de clamor público, o conhecimento científico-social deveria endereçar seus resultados ao mundo da vida cotidiana, não para reproduzir o senso comum, o qual, como se vê no excerto, não é capaz de formular projetos coletivos de longo prazo, mas somente reuniões efêmeras em torno de celebridades ou “inimigos públicos” (precisamente pelo fato de que não haveria, segundo Bauman, valores aditivos e agenciadores na modernidade líquida), mas para produzir em seu seio, por meio de escritos de caráter abertamente político, novos significados aos problemas sociais e aos modos de se intervir sobre eles. Segundo o autor polonês, a comunicação entre a esfera pública e a privada, já que para ele é exatamente disso que se trata, necessitaria de um espaço ambivalente, uma espécie de “ágora” (no mundo grego, o lugar onde as questões privadas se convertiam em questões públicas e vice-versa). O problema, no entanto, é que de acordo com Bauman esse espaço está gradativamente se diluindo na atual fase da modernidade e, devido a

isso, parece não haver mais espaços para a construção de instituições públicas para essa comunicação. A sociologia da modernidade líquida, nesse sentido, seria nos termos do autor uma tarefa pública, de tradução das questões privadas que pautam o senso comum em temas coletivos, nos termos de uma problematização da sociedade de uma perspectiva que é individual (o “sólido” derradeiro), mas sem perder o horizonte da reflexão coletiva. Logo, a sociologia da liquidez, em oposição à “sociologia da solidez” ou “clássica”, quer reatar com o senso comum, tendo em vista que este se converteu no lugar propício e derradeiro de intervenção pública para aqueles intelectuais ainda desejosos da tarefa de esclarecimento. É nesse sentido, portanto, que ela manifesta afinidades com o “estilo pós-moderno” de ciência e com o paradigma cultural contemporâneo, que prevê o fim das grandes organizações coletivas e a aproximação com o senso comum ou com a cultura de massa.

Dois princípios da ciência pós-moderna são bastante explícitos na série da fluidez social: o conhecimento como autoconhecimento e como senso comum. Este último princípio é apoiado pelos demais, já que para penetrar no senso comum e transmutá-lo em ciência, o conhecimento pós-moderno deve romper com a linguagem douta a fim de significar teoricamente a vida humana em seu contexto local e imediato. Tais significados, se eficazes em determinados contextos, podem ser transpostos para outros lugares, conforme seu grau de validade prática (SANTOS, 1987).

Como assinalado anteriormente, a “ciência pós-moderna” é menos uma constatação objetiva que uma especulação pessoal, o que é visível nesse trecho de Santos: “ao falarmos de futuro, mesmo que seja de um futuro que já nos sentimos a percorrer, o que dele dissermos é sempre o produto de uma síntese pessoal embebida na imaginação, no meu caso, na imaginação sociológica” (1987, pág. 60). Logo, não é exagero dizer que essa síntese, que menos constata do que propõe, acha-se bastante próxima da própria sociologia da liquidez moderna de Bauman, a qual, a seu modo, também representa uma prescrição pessoal aos cientistas sociais, sobretudo àqueles que ambicionem estabelecer um diálogo eficaz com o senso comum. Por conseguinte, é perfeitamente lícito enxergar essas duas receitas como representações individuais de um mesmo motivo cultural: a ascensão do senso comum como instrumento de verificação e validação científica nas ciências sociais.

Em virtude desse fato, a “sociologia pós-moderna”, pois é exatamente disso que se trata, encontraria os seus princípios de legitimidade, na sua capacidade de difusão, persuasão e significância em meio ao senso comum, em detrimento, portanto, da sociologia “escolástica”, gestada no paradigma da “ciência moderna” e feita sob medida para uma

“sociedade moderno-sólida” já em processo de dissolução. Como resultado, o âmbito da comunicação pública (os canais de difusão editorial, as colunas em jornais, os ensaios-manifestos) converte-se em lugar privilegiado para a publicidade de um tipo de reflexão que, devido ao seu caráter antiabstrato, não encontraria espaço na constelação de autores/teorias que compõem o microcosmo relativamente autônomo da disciplina, na medida em que, nesse universo, as afirmações sociológicas devem estar voltadas exclusivamente para os pares.

Assim como a prática jornalística, que visa antes de tudo “comunicar”, “informar” e “noticiar” de modo acessível determinado acontecimento a fim de ampliar o escopo de seus eventuais receptores, a sociologia de Bauman, por sua vez, também pretende transmitir a uma ampla escala de leitores as informações da disciplina sociológica, de modo acessível e do ponto de vista de sua significação prática na vida cotidiana. Em princípio as duas práticas são análogas, precisamente porque o sociólogo polonês tem em vista a arena da esfera pública, esse âmbito privilegiado para formação de opiniões e mobilização coletiva na dinâmica cultural contemporânea (BOURDIEU, 1997). Essa posição ambígua, entre sociólogo e jornalista, que de algum modo tem a ver com o lugar que o autor ocupa no mundo da cultura, como transmissor do senso erudito ao senso comum, está refletida em sua visão da lógica política atual. Não raro, queixa-se ele da ausência de um espaço público genuíno nos “tempos líquidos”, único lugar, na sua visão, em que seria concebível a tradução dos problemas de ordem privada em temas públicos.

Em certa medida, esse posicionamento reverbera fenômenos ligados ao atual estado do mundo jornalístico, cuja composição social não se reduz apenas a jornalistas, publicitários e editores, mas também inclui toda sorte de profissionais do mundo acadêmico que porventura possam responder em nome da ciência acerca de questões suscitadas pelo viver cotidiano. É precisamente nessa relação entre saber científico e saber comum mediada pela imprensa que a divulgação científica tem lugar e onde a sociologia da liquidez igualmente encontra sua razão de ser, já que a saída de Bauman, como vimos, é atingir o senso comum por meio da difusão de seu “olhar sociológico”. Segundo Bourdieu (1997), esses agentes aparentemente estranhos ao campo jornalístico teriam por maior interesse a visibilidade e a publicidade de suas ideias, a fim de buscar em outro campo o reconhecimento não alcançado no campo de origem. Todavia, o próprio sociólogo francês admite que, atualmente, nenhuma manifestação política será eficaz se prescindir dos meios de comunicação de massa.

A relação entre esfera pública e esfera privada nas sociedades modernas é um dos temas em que Bauman mais se detém em suas análises, se não for a preocupação central de



toda sua reflexão: a impossibilidade da tradução das necessidades individuais em problemas coletivos, assim como a ausência de instrumentos capazes de efetivá-la podem ser vistos como seu mote mais evidente. A sociologia da modernidade líquida teria como ponto de partida esse diagnóstico, na medida em que, segundo o autor, a sociologia é um dos poucos conhecimentos objetivos capazes de traduzir, por meio de um diagnóstico social, as preocupações da vida individual em grandes temas coletivos. Nesse sentido, o conhecimento objetivo do mundo social seria, ao mesmo tempo, diagnose e terapia, na medida em que a ausência de uma descrição coerente dos sintomas teria por consequência o agravamento do quadro patológico. Para Bauman,

Diagnosticar uma doença não é o mesmo que curá-la – essa regra geral vale tanto para os diagnósticos sociológicos como para os médicos. Mas note-se que a doença da sociedade difere das doenças do corpo num aspecto tremendamente importante: no caso de uma ordem social doente, a falta de um diagnóstico adequado (silenciado pela tendência de “interpretar como inexistentes” os riscos observada por Ulrich Beck) é parte crucial e talvez decisiva da doença (2001, pág. 245).

Eis aqui um dos princípios básicos da “ciência pós-moderna” de Santos: o “conhecimento prudente para uma vida decente” deve ser aquele que procura converter-se em senso comum. Ele deve observar esse preceito ajustando a linguagem da ciência à linguagem ordinária e pressupor um intercâmbio de racionalidades e linguagens (no caso entre senso comum e ciência). Nesse único excerto de Bauman encontramos elementos ligados ao saber intra-acadêmico (a questão, central para Ulrich Beck, da interpretação científica dos riscos) e ao saber comum (a sociedade pode adoecer assim como nosso corpo; é possível diagnosticar os sintomas; podemos curá-la?). Às eventuais perguntas sobre a cura dessa sociedade enferma, possivelmente suscitadas pela apropriação de sua obra, dada por algum leitor que ali tenha identificado a origem de seus males individuais, a resposta é imediatamente ministrada por Bauman, quase como uma receita: o diagnóstico inadequado exacerba o quadro mórbido, mas o diagnóstico apropriado é indispensável para amenizar essa condição. O diagnóstico, por sinal, deve ser aquele mais “adequado” a uma “ordem social doente” em tempos de “modernidade líquida”.

O teor dos textos do sociólogo polonês parece bem próximo daquele encontrado nas práticas textuais da assim chamada “literatura de autoajuda”, cuja natureza não deixa de expressar também um modo de transmissão de saber específico (propriedade exclusiva de um número reduzido de conselheiros que, em virtude desse saber – muitas vezes oriundo da ciência –, estão autorizados a indicar receitas para a vida) a um amplo público leitor. Não é,

portanto, sem propósito afirmar que Bauman parece ter construído na série da fluidez uma fórmula teórica que vem lhe permitindo escrever em uma roupagem sociológica qualquer coisa sobre a realidade atual em larga escala (“autor prolífico”, diriam seus editores e comentadores).

Em outras palavras, para o autor, a sociologia deve ir além do conhecimento puramente teórico e abstrato, do saber intra-acadêmico e restrito a especialistas. Ela deve emprestar seu conhecimento também a uma atividade prática, no sentido de uma atividade pública, voltada para todo e qualquer indivíduo. Ela deve reconstruir teoricamente aquilo que aflige a vida individual e também formular os instrumentos para sua solução – a qual, para Bauman, é “esclarecer a compreensão humana”. Nos termos do autor, não haveriam mais estados nacionais fortes nem partidos de massa aos quais a classe culta dos intelectuais geralmente recorria para a tarefa de emancipação, como no caso da “sociologia do mundo sólido”<sup>39</sup>. Por conseguinte, o mundo da esfera pública ou dos meios publicitários parece ser o espaço privilegiado de Bauman para o apelo às consciências individuais. Por exemplo, uma de suas obras mais recentes, *44 Cartas para um mundo moderno-líquido* (2011), um compêndio de pequenos ensaios que o autor publicou durante dois anos em uma revista italiana dirigida especialmente ao público feminino, o autor indica a natureza de sua reflexão sobre o “mundo moderno-líquido”, a qual, como vimos, prevê um “comentário da experiência humana” (como relatado em entrevistas) e uma “sociologia” voltada para o “esclarecimento” e “autocompreensão” individuais.

Como filtrar as notícias que importam no meio de tanto lixo inútil e irrelevante? Como captar as mensagens significativas entre o alarido sem nexos? Na balbúrdia de opiniões e sugestões contraditórias, parece que nos falta uma máquina de debulhar para separar o joio do trigo na montanha de mentiras, ilusões, refugio e lixo. (...) Proponho-me fazer nessas cartas o que essa máquina hipotética (desgraçadamente ausente, e talvez por muito tempo) poderia realizar por nós se a tivéssemos à mão: pelo menos começar a separar as coisas que importam das matérias não substanciais – que parecem ser cada vez mais importantes –, dos alarmes falsos e fogos de palha (BAUMAN, 2011).

Entretanto, assim como, para Bauman, no mundo líquido, a tarefa de solução das contradições sociais se converteu em prerrogativa individual, sua sociologia parece também sofrer dessa mesma patologia, na medida em que, como apresentada pelo autor, parece ser

---

<sup>39</sup> Segundo Bauman (1999, 2010), os intelectuais modernos possuíam um sentimento de responsabilidade pelas massas ignorantes e incultas e encontravam na força política dos estados nacionais seu principal instrumento para a emancipação humana. Com a crise do modelo estatal-nacional (no mundo “moderno-líquido” ou “pós-moderno”), os intelectuais perderam seu principal instrumento de intervenção.

uma das poucas áreas do conhecimento capazes de resolver contradições que parecem extrapolar seu restrito domínio disciplinar. Nossa sociedade, segundo ele menos atribulada pela fome do que pelos riscos, converteu a sociologia – a possível mediadora e tradutora das questões privadas em temas públicos – em uma disciplina “mais necessária do que nunca”.

Numa sociedade pressionada principalmente pela necessidade material não havia opção entre “eliminar” a miséria e “interpretá-la como inexistente”. Em nossa sociedade, mais assombrada pelo risco que pela necessidade material, a opção existe – e é feita diariamente. (...) os riscos, ao contrário da necessidade material, não são experimentados subjetivamente; pelo menos não são “vividos” diretamente a não ser que sejam mediados pelo conhecimento. Podem nunca chegar ao domínio da experiência subjetiva – podem ser trivializados ou expressamente negados antes de chegar lá, e a possibilidade de que sejam impedidos de chegar  *cresce* junto com a extensão dos riscos. (...) Segue-se que *a sociologia é mais necessária do que nunca* (BAUMAN, 2001, pág. 241, grifo do autor).

É exatamente nesse espaço em que as subjetividades são informadas acerca dos riscos sistêmicos que a sociologia adequada à liquidez moderna encontraria seu lugar. Como chegar, portanto, ao “domínio da experiência subjetiva” e alertá-la sobre os eventuais riscos sociais que interferem na vida cotidiana sem apelar, por conseguinte, aos domínios e instrumentos pelos quais essas mesmas subjetividades são informadas? Se, como assinalado por Bauman, os veículos coletivos e institucionais de transformação caros à modernidade (como os partidos políticos e os estados nacionais) estão atualmente em processo de dissolução e fragmentação, restaria à intervenção intelectual o espaço onde as consciências individuais são formadas, o que exige, conseqüentemente, um novo modelo de produção de conhecimento científico-social, um estilo de ciência pós-moderna, a sociologia da modernidade líquida que é, de acordo com Bauman, um diagnóstico e terapia<sup>40</sup>.

Nos termos do autor, o espaço público está fora do alcance das pessoas que mais necessitariam dele, os “localizados” (ou “vagabundos” da pós-modernidade), subproduto humano da globalização, os quais se situariam numa posição diametralmente oposta aos “globalizados” (também caracterizados pela figura dos “turistas”), detentores do poder de

---

<sup>40</sup> Gargano (2008) identifica na reflexão de Bauman – “um comentário sobre a experiência humana” – um dos princípios da “sociologia clínica”. Para ele, alguns “conceitos” e “ideias” do autor polonês, considerado por Gargano “o pai da sociologia contemporânea” (pág. 155), “são o melhor modo para introduzir a sociologia clínica”. Segundo o autor, o “sociólogo clínico” procuraria explorar, por meio de significados de ação mutuamente aceitos, as situações tal como percebidas por seu cliente, a fim de elaborarem conjuntamente um plano para solução de determinada situação-problema. O quadro dado pelo diagnóstico e a resolução do problema seriam sociologicamente orientados.

mobilidade<sup>41</sup>. Os últimos seriam aqueles mais ajustados a esse novo cenário em que “os centros de produção de significado e valor são extraterritoriais e emancipados de restrições locais” (BAUMAN, 1999, pág. 9). Segundo o autor, “a liberdade de movimentos (...) logo se torna o principal fator estratificador de nossos tardios tempos modernos ou pós-modernos” (pág. 10). A aurora da liberdade individual coincidiria, portanto, com o outono da potência coletiva, anteriormente representada pelos partidos de massa, típicos da “fase sólida” da modernidade.

O problema, no entanto, é que restou pouco dos espaços público-privados à moda antiga, ao passo que não se vêem novos espaços capazes de substituí-los. As velhas ágoras foram ocupadas por empreiteiras e recicladas como parques temáticos, enquanto poderosas forças conspiram com a apatia política para recusar alvarás de construção para novos espaços (BAUMAN, 1999, pág. 11-12).

De entrada percebemos a nostalgia do autor em relação àqueles espaços público-privados “à moda antiga” (leia-se, à moda dos partidos políticos de massa) os quais, segundo seus termos, pertencem ao período áureo da modernidade, à fase sólida de sua história, em que as preocupações individuais eram traduzidas nas deliberações do partido e a questão da ordem sistêmica estava em condições de ser colocada em xeque. A “ágora”, que segundo o autor pode ser exemplificada pela ação política coletiva típica da modernidade sólida, perdeu-se e foi colonizada por “parques temáticos” ou por grandes concentrações de massa em torno do consumo de espetáculos, de diversões e de lazer, bem como em relação a eventuais “inimigos públicos” ou “celebridades” da TV. O espetáculo desempenharia um papel de mobilização tão ou mais eficaz e mais abrangente que os antigos partidos de massa. É em virtude desse cenário que a sociologia da liquidez de Bauman exerceria sua função dialógica entre as esferas coletiva e individual, nos termos de uma “terapêutica social”, demonstrando o extraordinário no ordinário da vida cotidiana e revelando aquilo que lhe subjaz e engendra: os nexos sociais que, apesar da fluidez, podem ser revelados sociologicamente de modo a estimular uma tematização coletiva das necessidades privadas.

---

<sup>41</sup> “Turista” é uma metáfora utilizada por Bauman (1998) para caracterizar aqueles “andarilhos” do “mundo pós-moderno” que podem se mover de acordo com as circunstâncias que lhe parecem mais atraentes e irresistíveis; eles seriam necessariamente “globais” e “cosmopolitas” (a figura corresponde em sua obra tanto aos consumidores desejados pelo “mundo pós-moderno”, quanto aos executivos do “capitalismo leve” que viajam “apenas com celular e pasta na mão”); são as manifestações individuais do que o autor chama de “mobilidade pós-moderna”. Por sua vez, os “vagabundos” ou “localizados” não teriam poder de decisão e seriam eles próprios forçados à mobilidade devido às circunstâncias vigentes no “mundo pós-moderno”, nomeadamente o deslocamento dos postos de trabalho dos locais pouco atraentes ao capital globalizado. “Os vagabundos são o refúgio de um mundo que se dedica ao serviço dos turistas” (pág. 101). Turistas e vagabundos são, na caracterização do autor polonês, duas faces da mobilidade pós-moderna.

Em *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*, o autor conclui, após comentário sobre a metáfora do “homem sem vínculos” do escritor austríaco Robert Musil:

Carecendo da visão aguda de Musil, tanto quanto da riqueza de sua paleta e da sutileza de suas pinceladas (...), devo restringir-me a traçar um painel de *esboços imperfeitos e fragmentários*, em lugar de tentar produzir uma imagem completa. O máximo que posso esperar obter é um *kit identitário*, um retrato compósito capaz de conter lacunas e espaços em branco quanto seções completas. Mesmo essa composição final, contudo, será um *trabalho inacabado, a ser concluído pelos leitores* (2004, pág. 8).

Esse excerto é representativo da posição de Bauman, pois manifesta uma de suas escolhas metodológicas. Não sendo romancista ou poeta, mas sociólogo, o autor polonês deixa subjacente que não está pretendendo revelar de modo objetivo a possível realidade social de seu objeto (os laços sociais) com o quadro que irá construir no decorrer do texto (logo de entrada, a literatura se apresenta, nesse caso, como um saber mais qualificado para a compreensão da vida humana, um traço recorrente em suas tomadas de posição teórica, também presente em outras obras). A incompletude pressuposta pelo autor na imagem que irá esboçar em sua obra revela o princípio que a enseja: não quer construir uma “imagem” objetiva, produto de uma análise exaustiva de todos ou pelo menos de um conjunto considerável de elementos e fatores implicados no objeto, mas pretende, ao contrário, formular um “retrato compósito” e incompleto, cujas lacunas serão preenchidas pelos leitores, que poderão utilizar a obra como um “kit identitário” (*identity kit*), isto é, como um conjunto de ferramentas para a construção da própria identidade. Enquanto cabe ao escritor mapear os sintomas e a elaborar o “diagnóstico adequado” da realidade fluida, ao seu leitor restaria a tarefa de reconhecer na sua vida privada as “patologias” apontadas. Nos termos de Bauman, a sociologia da modernidade líquida pode ser realmente tomada como uma coleção de peças e equipamentos simbólicos cuja função seria auxiliar o leitor na arte da construção de sua própria identidade.

Em outro momento, o autor parte de um excerto do filósofo Albert Camus em que é sublinhada a incapacidade do indivíduo para capturar a incomensurabilidade de seu mundo interior, o qual tende sempre a aparecer como fragmentado, disperso e pouco coerente, a despeito de seu esforço consciente em ordená-lo e plasmá-lo. Esse trabalho consiste, segundo Bauman, em um contínuo empenho de reconstrução, autoexame e criação individuais, muito próximo da atividade do artista – a “identidade”, nesse caso, representaria uma verdadeira “obra de arte” feita a partir de elementos próprios a cada indivíduo. Bauman introduz essa questão apelando diretamente ao leitor.

Essa obra de arte que *queremos* moldar a partir do estofado quebradiço da vida chama-se “identidade”. Quando *falamos* de identidade há, no fundo de *nossas* mentes, uma tênue imagem de harmonia, lógica, consistência: todas as coisas que parecem – para *nosso* desespero eterno – faltar tanto e tão abominavelmente ao fluxo de *nossa* experiência. A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme. *Lutamos* para negar, ou pelo menos encobrir, a terrível fluidez logo abaixo do fino envoltório da forma, *tentamos* desviar os olhos de vistas que eles não podem penetrar ou absorver (2001, pág. 97, grifo nosso)<sup>42</sup>.

É significativo nesse trecho o uso por Bauman dos pronomes “we” e “our”, como se, por meio da escrita, o autor desejasse equiparar-se com seu eventual leitor; mais uma vez, é ilustrado no próprio texto o esforço do escritor em estabelecer um diálogo entre dois sujeitos de conhecimento que, por meio da leitura, poderiam caminhar lado a lado no trabalho de desnudamento da realidade e construção individual da identidade. Após inserir seu leitor no tema, o autor serve-se de outros portadores de saber erudito: além do já citado Camus, os filósofos Deleuze & Guattari e a teórica da cultura da Universidade de Leeds, Efrat Tseëlon. De forma alguma os conteúdos científicos ou filosóficos evocados serão alvos de reformulações ou escrutínio, posto que o principal objeto de interesse para Bauman não é o saber erudito, mas o comum (ainda que por vezes o autor tente desdizer algumas das conquistas do campo sociológico).

A proximidade característica da produção de Bauman deve-se a várias razões, tanto teóricas, no sentido de fazer-se cada vez mais presente no domínio da vida cotidiana, a fim de comunicar as conquistas do mundo erudito aos atores leigos, quanto práticas, devido à capacidade desse autor em relacionar qualquer elemento de seu repertório pessoal em seus escritos (suas leituras diárias de jornais de grande circulação, os programas televisivos que pinça a propósito de uma dada reflexão etc.). Muitas das informações jornalísticas que o autor inclui nos seus enunciados são contemporâneas do período em que estava redigindo o texto em que elas aparecem. Qualquer dado, seja um fragmento do *The Guardian*, uma propaganda televisiva ou um filme em cartaz servem de ponto de partida para sua reflexão. Atento à dinâmica do campo midiático, Bauman entrega-se sem ressalvas à sua lógica e procura construir seus escritos sempre do ponto de vista do indivíduo comum, que talvez tenha assistido a aquele filme de sucesso ou comprado aquele produto anunciado na TV. Em mais

---

<sup>42</sup> “That work of art which *we want* to mould out of the friable stuff of life is called 'identity'. Whenever *we speak* of identity, there is at the back of *our* minds a faint image of harmony, logic, consistency: all those things which the flow of *our* experience seems – to *our* perpetual despair – so grossly and abominably to lack. The search for identity is the ongoing struggle to arrest or slow down the flow, to solidify the fluid, to give form to the formless. *We struggle* to deny or at least to cover up the awesome fluidity just below the thin wrapping of the form; *we try* to avert *our* eyes from sights which they cannot pierce or take in.” (*Liquid Modernity*, 2000, Polity Press).

uma de suas meditações acerca da identidade “líquida” na sociedade de consumo, Bauman combina uma propaganda de cosméticos, cenas do filme *Elizabeth* e considerações do historiador e crítico social estadunidense Christopher Lasch.

Num arroubo de sinceridade (...), um comercial de TV mostra uma multidão de mulheres com uma variedade de penteados e cores de cabelos, enquanto o narrador comenta: “Todas únicas; todas individuais; todas escolhem X” (X sendo a marca anunciada de condicionador). O utensílio produzido em massa é a ferramenta da variedade individual. A identidade – “única” e “individual” – só pode ser gravada na substância que todo o mundo compra e que só pode ser encontrada quando se compra (...). Quando no filme *Elizabeth* a rainha da Inglaterra decide “mudar de personalidade”, tornar-se a “filha de seu pai” e forçar os cortesãos a obedecerem a suas ordens, ela o faz mudando o penteado, cobrindo o rosto com grossa camada de pinturas artesanais (...). Como diz Christopher Lasch: “A vida moderna é tão completamente mediada por imagens eletrônicas que não podemos deixar de responder aos outros como se suas ações – e as nossas – estivessem sendo gravadas e transmitidas simultaneamente para uma audiência escondida, ou guardadas para serem assistidas mais tarde” (2001, pág. 99).

Um comercial trivial, um filme de sucesso. Elementos que informam e compõem o enquadramento da vida cotidiana considerados do ponto de vista de um sociólogo que quer se mostrar interessado em partilhar o saber erudito acumulado em sua trajetória intelectual ao mundo leigo. Ao refletir sobre a incerteza e os riscos contemporâneos, Bauman fala de “síndrome do Titanic”, com base em um *blockbuster* de James Cameron.

A “síndrome do *Titanic*” é o horror de atravessar a “casca fina como uma hóstia” da civilização para cair naquele vazio destituído das “bases elementares da vida civilizada, organizada” (...). O ator principal (embora silencioso) na história do *Titanic* foi, como sabemos, o iceberg. Mas o iceberg, esperando “lá fora” numa emboscada, não foi o *terror* que destacou essa história (...). Esse terror foi toda a ação violenta que aconteceu “aqui”, nas entranhas do luxuoso transatlântico: por exemplo, a falta de um plano sensato e viável para evacuar e salvar os passageiros de um navio que afundava, ou a aguda ausência de botes de segurança e coletes salva-vidas – algo para o que o iceberg “lá fora”, na escuridão da noite subártica, serviu apenas de catalisador e, ao mesmo tempo, papel de tornassol (2008, pág. 27).

A ideia do Titanic é tomada de outro autor, o economista francês Jacques Attali (um autor também “prolífico” e voltado para temas cotidianos), mas Bauman a apresenta como uma “síndrome” típica de nossa sociedade “enferma”. O conteúdo fílmico serve aqui para introduzir a questão do risco e da exclusão no âmbito da vida cotidiana, valendo-se de um canal de acesso à consciência de seu leitor. Ainda a propósito do tema da incerteza contemporânea, o autor polonês apresenta a seus leitores um episódio do *reality show Big*

*Brother*, a fim de revelar o sentimento de medo generalizado a partir das expressões de Craig, um dos participantes, na iminência de sua exclusão do programa.

Pobre Craig, a ameaça da eliminação realmente o deixou preocupado. “Iminente eliminação”... ”O último dia inteiro”... Tendo “apenas a si mesmo como companhia”... Tudo isso parece dolorosamente familiar. Bem, quando você leu a matéria, foi como se alguém lhe tivesse fornecido amavelmente um espelho. Ou melhor, como se alguém tivesse conseguido enfiar milagrosamente uma câmera de TV, acompanhada de microfones e *spots*, nos recantos mais sombrios de sua mente, que você mesmo temia visitar... Será que você, como o restante de nós, não sentiu um Craig no seu interior tentando sair? (2008, pág. 36).

Notemos que a experiência é tipificada e usada como modelo da angústia geral, a qual também deve afligir seus leitores, imersos que estão em um jogo de permanência e exclusão, mas decididamente real. Interessa, sobretudo, o apelo direto do autor ao seu leitor: “será que você...?”. Em relação ao tema da liberdade, o autor tenta suscitar em seu leitor um sentimento de desconforto em relação ao exercício da ação livre, de modo a revelar sua inautenticidade na sociedade de consumo contemporânea. Para tanto, recupera de uma versão apócrifa da *Odisseia* a alegoria dos marinheiros de Ulisses que, enfeitados e transformados em porcos, resistiram bravamente contra o herói que a todo custo tentava reavê-los em forma humana.

Ulisses conseguiu afinal prender um dos suínos; esfregada com a erva maravilhosa, a pele eriçada deu lugar a Elpenoros – um marinheiro (...) em todos os sentidos mediano e comum, exatamente “como todos os outros, sem se destacar por sua força ou por sua esperteza”. O “libertado” Elpenoros não ficou nada grato por sua liberdade, e furiosamente atacou seu “libertador” (BAUMAN, 2001, pág. 25).

Essa imagem mítica serve-lhe como instrumento de aproximação com o leitor leigo, com o propósito de fazê-lo problematizar a natureza e as consequências da liberdade; também não deixa de ser uma transmissão de saber erudito, dada pela seleção de um fragmento da *Odisseia*, bem como pelas questões levantadas por Bauman logo em seguida: “a liberdade é uma benção ou uma maldição? Uma maldição disfarçada de benção, ou uma benção temida como maldição?” A essas perguntas ele articula as visões da liberdade humana ao longo da história moderna, com especial atenção a Hobbes, Durkheim, Adam Smith e Dennis Diderot, assim como menciona sociólogos e filósofos contemporâneos como Anthony Giddens, Richard Sennett, Alain Touraine, Erich Fromm e Deleuze & Guattari. O propósito de Bauman é elaborar um enunciado que reúna a um só tempo uma imagem acessível a qualquer pessoa (quase como um “conto moral”) e elucubrações diversas a respeito do assunto evocado, com o



objetivo de levar o leitor a produzir ao nível de sua consciência um olhar crítico em relação à liberdade.

Um bom exemplo da imersão deliberada de Bauman nos canais de informação pode ser demonstrado por sua formulação a respeito do estatuto dos estados nacionais em tempos de globalização. Parágrafo a parágrafo vemos constituir-se um inventário de críticos sociais, jornalistas, filósofos, historiadores e sociólogos, cuja função é articular, ao fenômeno de enfraquecimento das funções do estado-nação, informações que estão dadas diretamente na vida cotidiana daquele que lê os diários, assim como pelo *mainstream* teórico-erudito. Por exemplo, em *Globalização: as consequências humanas* o parágrafo inicial do capítulo “Depois da Nação-estado, o quê?” é uma citação literal do sociólogo Richard Sennett, a respeito do poder anterior que os estados nacionais exerciam em seus territórios, acompanhada de uma referência ao geógrafo e crítico social David Harvey, a propósito do fenômeno da compressão tempo/espaço e seu impacto na ordem econômica. Segue-se uma citação de Martin Woollacott, jornalista do *The Guardian*, utilizada a título de dado empírico da análise, a qual é desenvolvida com base em mais exemplos opinativos: de Vincent Cable (político liberal-democrata britânico), Alberto Melluci e G. H. Von Wright (filósofo finlandês). O descontrole da economia globalizada, característico desse cenário em que o estado-nação está a mercê dos fluxos financeiros transnacionais, tem como referência considerações do cientista político estadunidense Kenneth Jowitt. O sociólogo polonês detém-se nas teses de Jowitt, articulando-as com expressões de Anthony Giddens e Émile Durkheim, bem como de Max Weber, Cornelius Castoriadis e Eric Hobsbawn. O ensaio conclui com colunas de Victor Keegan (repórter do *The Guardian*), René Passet e Jean-Paul Fitoussi, do *Le monde diplomatique*, bem como considerações de Claus Offe, Michel Crozier e Roland Robertson.

O pensamento de Bauman que muitos comentadores procuram e asseveram é, portanto, uma mobilização de um conjunto de teorias sociais e de editoriais que giram em torno de um determinado fenômeno. O autor não está interessado em desenvolver uma reflexão própria acerca dele, mas a delimitá-lo com base em informações e exemplos que podem ter o mérito de transitar entre os mundos da ciência social e do senso comum. Nos termos de Bauman (e isso revela o caráter pragmático de seu pensamento), se uma informação pode favorecer a montagem de um panorama inteligível do mundo atual para o grande público, não há qualquer objeção em utilizá-la, independente de sua natureza.

Se admitirmos o princípio de homologia entre a estrutura interna das obras e a função que elas desempenham no espaço da produção da cultura, o perfil teórico característico de Bauman parece corresponder ao aparecimento gradativo de uma fração do campo intelectual, cujo interesse específico seria não apenas divulgar o conhecimento científico, mas também conquistar audiência e reconhecimento por um público amplo e leigo, o qual, venerando o erudito apenas por o ser, teria por principal exigência uma contrapartida simbólica capaz de se fazer ver como saber consagrado. Nesse caso, a produção baumaniana, sendo um dos modos possíveis de se divulgar ciência, revestir-se-ia com as marcas da questão, mais próxima do saber erudito, do diálogo entre teoria social e prática cotidiana. Sua reflexão seria, portanto, a manifestação de uma forma específica de transmitir conhecimento científico ao público leigo conforme a legalidade e as tradições do campo sociológico, uma vez que está situada entre a produção erudita e a industrial cultural, entre a ciência e o senso comum.

Claro está que Bauman não cogita estar fazendo divulgação científica, já que, para ele, trata-se de sociologia ou é pelo menos isso que seu discurso tenta demonstrar. De fato, pode ser subjetivamente sociologia (da perspectiva de seu autor), mas é objetivamente divulgação científica. É um modo de difundir ciência que se reveste de teoria sociológica, na medida em que busca seus fundamentos no campo científico-social, especialmente nas tradições preocupadas em transmitir as conquistas do saber especializado para as massas, a fim de esclarecê-las.

Nas sociedades pós-modernas ou líquidas, segundo Bauman, a ausência de uma grande narrativa histórica comum a todos se expressa numa verdadeira concorrência entre pequenas narrativas grupais com força relativa para mobilizar e agenciar ações. Essa é uma das conclusões a que o autor chega em meados de 1980, no período em que se debruçou sobre as novas funções assumidas pelos intelectuais na “pós-modernidade”, funções distintas, segundo ele, daquelas operadas pelos seus antecessores modernos. Por conseguinte, para que uma narrativa obtenha êxito e eficácia nesse cenário – como, por exemplo, a narrativa sobre a fluidez social – ela deve apelar diretamente ao sujeito, à sua vida privada e aos problemas que a envolvem. A sociologia da modernidade líquida encontra aí sua razão de ser: trata-se de interpelar discursivamente os indivíduos, por meio da difusão da visada sociológica sobre a vida imediata, a fim de introduzir eficazmente uma narrativa histórica num cenário pautado pela distopia e pelo “eterno presente”. Como uma espécie de intelectual-intérprete da cultura moderna, segundo sua própria acepção (2010), Bauman procura intervir diretamente na vida individual no “aqui e agora”, lançando mão de qualquer material, seja jornalístico, sociológico

ou filosófico. Representa, assim, um perfil intelectual próximo daquele dos chamados “novos filósofos” franceses da década de sessenta, muito próximos do campo da imprensa<sup>43</sup>. No caso de Bauman, seu diagnóstico apresenta certa resignação e capitulação diante das transformações observadas pela sociologia contemporânea, como se ao pensamento utópico nada mais restasse que a intervenção discursiva na esfera pública, apelando apenas para a consciência moral individual. Seu diagnóstico, por sinal, possui uma alta capacidade de mobilização, haja vista a inserção de suas obras em vários países, mas tal diagnóstico, que, segundo o autor se presta a uma função quase emancipadora, acaba reservando-se apenas à mobilização do sentimento geral de insegurança existencial, de todos os tipos e cores. A reflexão do autor tende geralmente a esboçar a mudança social de modo negativo e, por outro lado, imputar à continuidade social um teor positivo e até nobre.

---

<sup>43</sup> Cf. François Dosse. *História do estruturalismo*. v. 2. Edusc, 2007.

### 3.4 Adendo: pós-modernidade ou modernidade líquida?

Para Bauman, em sua revisão do termo, a ideia de pós-modernidade apenas associa um sinal negativo aos tradicionais conceitos utilizados nas descrições da modernidade e não oferece nenhuma pista sobre a identidade dessa “outra forma que está emergindo, de suas regras próprias, de sua lógica própria e de suas características definidoras” (2010, pág. 11). No entanto, a metáfora da liquidez, que para o autor parece um instrumento mais adequado para interpretar essa “outra forma”, não deixa também de adicionar aos conteúdos tradicionais da modernidade um sinal negativo, do término de sua fase “sólida”. Não mais o prefixo “pós”, mas agora o adjetivo “líquido” e “fluido”.

Em prefácio à edição brasileira de um livro da década de oitenta (*Legisladores e Intérpretes*), Bauman desculpa-se com seu público de leitores, então habituados ao termo “modernidade líquida”, pelo fato de que essa metáfora não se encontra na obra. Nela, o autor vale-se pela primeira vez da noção de “pós-modernidade”, para caracterizar uma práxis intelectual distinta daquela exercida pelos intelectuais modernos. Para ele, na época de redação da obra, se impunha cada vez mais o sentimento de que a modernidade passava pela refundação de suas bases tradicionais, que alguma coisa mudava, mas não se sabia exatamente o quê. Sua primeira aproximação do fenômeno ocorreu por meio de uma ideia, para ele “bastante popular naquele momento, de 'pós-modernidade'” (BAUMAN, 2010, pág. 10). Todavia, para o autor havia um problema metodológico crucial: a noção era puramente “negativa” e não dizia nada a respeito do que estava emergindo da crise da modernidade. A solução, que somente viria mais de uma década depois, seria a metáfora “modernidade líquida”, a qual, como mencionado, é uma forma de repor a mesma problemática da descontinuidade histórica no desenvolvimento da modernidade ocidental, antes delimitada pela noção de pós-modernidade. O que antes era chamado de “moderno” pelos “pós-modernos”, incluindo Bauman nas décadas de oitenta e noventa, é agora chamado por ele de “modernidade sólida” e, conseqüentemente, o que era denominado “pós-moderno” recebe o título de “modernidade líquida”. Se a justificativa do autor para essa mudança é o fato de que a noção de pós-modernidade nada dizia sobre a novidade que emergia, mas apenas descrevia aquilo que desaparecia no devir histórico, sua metáfora não parece melhor, pois ela se fia apenas na questão da dissolução dos sólidos, do enfraquecimento das instituições modernas e do fim de um período histórico (agora visto como “sólido”). Nada diz sobre a “outra forma” que está surgindo, pois seu diagnóstico é uma narrativa do declínio do período sólido da modernidade, em que suas formas e elementos rígidos são fragmentados por sua própria força

diluidora e transgressora. O quê exatamente não era percebido pelo autor quando se valia da noção de “pós-modernidade” e aparece, agora, mais nitidamente com a metáfora “modernidade líquida”? Ora, uma das principais características do que o autor antes chamava de “sociedade pós-moderna” era a privatização e desregulamentação das tarefas da modernidade. Contudo, esses aspectos são aqueles mais reafirmados quando ele tenta descrever o cenário da “modernidade líquida”.

Ao derreter os sólidos modernos, segundo o autor, a modernidade revela novamente seu princípio geral, a dissolução ininterrupta dos laços sociais, já discutida desde o início do século XX e antes, como ele próprio afirma em relação a Marx & Engels. Logo, a modernidade sólida, seguindo os termos de Bauman, seria apenas um período temporário no trajeto da modernidade, na medida em que essa fase foi necessária para a constituição de uma sociedade baseada em seus princípios. Ora, se o autor deseja realmente caracterizar uma nova forma social e histórica cuja natureza a noção de pós-modernidade não era capaz de captar, a saída mais eficaz seria aquela que vai justamente contra a sua: preocupar-se mais com aquilo que produz e reproduz esse novo ordenamento social que procura caracterizar, e menos com a crise e declínio de uma determinada ordem social. Se tudo é líquido, como reafirma constantemente, sem novos sólidos à vista, o que sustenta esse cenário, o que mantém esse estado de coisas sem que a sociedade se fragmente a ponto de a vida social não poder mais se reproduzir? Sendo a “dissolução dos sólidos” a verdadeira face do ser moderno e a vida líquida sua morfologia característica, a ponto de o autor asseverar a impossibilidade de construção de novos sólidos nesse cenário, então Bauman retorna ao velho dilema do “fim da história”, do “fim da modernidade”, cujos significados foram dados, segundo ele, pela noção de “pós-modernidade”, a qual condena agora e pensa ter substituído de modo eficaz. Uma sociologia propositiva deveria buscar o que se solidifica nesse cenário, o que se mantém, o que é regular e contínuo, para que essa “outra forma” histórica – de que as noções “pós-modernidade” e “modernidade líquida” não dão conta – pudesse ser efetivamente apreendida. Sendo a única continuidade apontada pelo autor justamente a descontinuidade, a qual também incapacitaria a vida social de gestar padrões de amplo alcance, restaria apenas a capitulação frente a esse cenário e os livros de sociólogos como ele, para sabermos que pelo menos o nosso isolamento individual é compartilhado?

Geralmente Bauman apoia-se em causalidades simples e definições peremptórias sobre o mundo social, não aprofundando sua análise e mantendo-se à superfície dos fenômenos. Ele frequentemente recorre àquilo que Bourdieu denomina de “conceitos-

ônibus”<sup>44</sup>, como é o caso da metáfora da “liquidez”: “modernidade líquida”, “vida líquida”, “medo líquido”, “sociedade líquida”, “amor líquido”, “ciência líquida”, “tempos líquidos”, “arte líquida”, só para citar alguns. Em todos os casos, o adjetivo “líquido” serve ao autor para designar, de modo puramente opositivo e negativo, aquilo que a modernidade tradicional não é. E vai além: as categorias e conceitos construídos pela teoria social clássica para a análise da fase primeira da modernidade foram em sua maioria superados pela nova realidade líquida. Em alguns momentos, Bauman refere-se aos teóricos da “modernidade sólida” sem efetivamente clarificar suas análises e conceitos. Por exemplo, segundo o autor, “quaisquer que sejam as aplicações do conceito da racionalidade referida a valores no esquema weberiano da história, esse conceito é inútil se quisermos captar a essência do momento histórico presente” (BAUMAN, 2001, pág. 72). Porém, a tipologia da racionalidade de Weber sempre pressupôs a impossibilidade da universalidade e da transposição sem ressalvas de conceitos e tipos construídos a propósito de um dado fenômeno histórico a outras realidades empíricas, ou seja, um tipo ideal está sempre sujeito à superação pela realidade histórica. Não obstante esse fato, reiterado pelo próprio autor alemão em textos metodológicos<sup>45</sup>, o modo como Bauman coloca a questão abre espaço para que o pensamento weberiano seja tomado como “universalista”.

Essas questões levam de algum modo ao significado da obra de Bauman no interior do campo em que ela tem notoriedade e onde ele pode falar da teoria social e de suas conquistas como “autoridade no assunto”, como especialista: o campo da divulgação científica. Neles e para seu público, o autor não necessita de um “fazer”, mas de um “saber” sociológico, na medida em que se trata de fornecer uma narrativa histórica coerente, um diagnóstico de fácil entendimento, e não uma proposição sobre a realidade social que respeite todos os protocolos científicos, algo que, mesmo que o fizesse, não despertaria a atenção do grande público, como é típico das abstrações da ciência. Deve-se, portanto, deixar a questão da objetividade àqueles cuja ação a ela se volta e mobilizar aquilo que foi conquistado por essa mesma ação no sentido de oferecer, ao final, uma afirmação plausível e compreensível para o grande público. Bauman denomina essa prática discursiva de “sociologia da modernidade líquida”, como uma “sociologia feita sob medida para a modernidade líquida” ou uma “sociologia voltada para os indivíduos”. Isso segundo o posicionamento do autor, que nada mais é que reflexo de sua posição no campo de produção cultural contemporâneo, em meio ao erudito e o vulgar. Assim

---

<sup>44</sup> Cf. Pierre Bourdieu. *Sobre a televisão*. Jorge Zahar, 1997.

<sup>45</sup> Cf. Max Weber. *A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais e na política social*. Ática, 2003.

sendo, a obra de Bauman assume o feitio de sociologia não porque parte considerável de seus leitores tenha a capacidade de decidir sobre seu teor científico, mas apenas porque ela é amplamente conhecida como sociológica. A ausência de qualquer crítica à série da fluidez social é um bom indicativo dessa apropriação acrítica dos interlocutores do autor, os quais geralmente confessam em suas obras o encantamento e admiração pelas suas ideias.

Nos nossos termos, a obra de Bauman é um dos modos que o fenômeno da divulgação da ciência assume no campo das ciências sociais. Ao levar a cabo sua sociologia, o autor não deixa de transmitir de modo claro a quem o lê as conquistas teóricas do pensamento social clássico e contemporâneo. Por exemplo, em sua justificação da insuficiência da noção de “pós-modernidade” ante uma modernidade que é “líquida”, o autor acaba desdobrando seu argumento em dois sentidos: como análise do mundo contemporâneo e demonstração acessível de uma investigação teórica determinada. Assim, a noção de paradigma científico de Thomas Kuhn, por exemplo, é selecionada por Bauman para demonstrar a transição de sua própria reflexão desde o paradigma pós-moderno até o paradigma da liquidez. Para tanto, o autor vulgariza (no sentido de pôr ao alcance de todos) a noção do filósofo da ciência, até atingir o grau de compreensibilidade de seus leitores. Com o fim de se tornar cada vez mais claro, o autor polonês associa a noção de Kuhn à imagem de teste psicológico, cujo objetivo é demonstrar o grau de conservadorismo ou flexibilidade de consciência de um indivíduo. Segundo tal imagem, sua consciência seria mais conservadora, já que não teria percebido em suas análises anteriores que aquilo que chamava de pós-modernidade não passava de sua radicalização, da face diluidora da modernidade. A despeito das associações e de alguns equívocos na apropriação da noção de Kuhn feita pelo autor polonês, sua imagem tem o mérito de apresentar uma noção clássica das ciências humanas a leitores não especializados. Ao recorrer a sua própria experiência de ilusão e atraso de percepção frente ao mundo social, Bauman não deixa também de fazer chegar ao seu público uma análise clássica das ciências humanas.

Ainda no prefácio supracitado, o pensador polonês preocupa-se com seus revezes teóricos e justifica-se para seu público como um autor que, a despeito do equívoco apontado, ainda se mantém como alguém interessado e atento à realidade social contemporânea, a ponto de ter mudado sua própria terminologia. Entretanto, parece indispensável para a validade de suas análises a eventual não competência de seus interlocutores: “Acredito que meu próprio itinerário do paradigma “pós-moderno” para o da “modernidade líquida” seguiu a trajetória prevista por Kuhn” (2010, pág. 10). Ora, ao falar de transição entre paradigmas, Kuhn refere-

se unicamente às revoluções científicas de longo alcance histórico, como aquela representada pela revolução copernicana e galileana (a ciência normal) e não à transição de percepções meramente individuais de um mesmo fenômeno. Ademais, como vimos, esse novo paradigma de Bauman (“líquido”), não parece chocar-se ou mesmo contrariar suas análises anteriores, quando ainda se fiava na noção de “pós-modernidade”. Nesse sentido, “modernidade líquida” é um termo mais próximo de uma forma de divulgação de tudo aquilo que o autor já discutira em seus ensaios sobre a pós-modernidade.

Uma evidência dessa imprecisão característica de Bauman, e que chega ao ponto de desacreditá-lo, é sua afirmação de que, após a obra *Legisladores e intérpretes*, de 1987, o termo pós-modernidade dificilmente aparecerá em seus livros posteriores: “neste livro, uma outra noção, a de 'pós-modernidade', é usada por mim para descrever a realidade social que tento analisar – uma noção que dificilmente apareceu em meus livros posteriores”. *Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais* é sem dúvida a primeira obra em que o termo aparece, mas após temos: *Modernidade e ambivalência*, de 1991, onde a pós-modernidade significa a privatização da tarefa de controle da ambivalência; depois, *Intimations of postmodernity*, de 1992, onde pode ser encontrado ensaio sobre a possibilidade de uma “sociologia da pós-modernidade”; do mesmo ano temos *Mortality, immortality and other life strategies*, em que o último capítulo se intitula “Postmodernity, or deconstructing immortality”; em 1993, *Ética pós-moderna; A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*, em 1995; em 1997, *O mal-estar da pós-modernidade*; em *Globalização: as consequências humanas*, de 1998, e finalmente na obra *Em busca da política*, de 1999. Nesta última, apenas um ano antes de nosso autor despertar de seu “sono paradigmático”, a noção de “pós-modernidade” ainda se mantinha viva em sua reflexão, presente no título de três subcapítulos. Ao que parece o despertar de Bauman não foi gradativo, como no teste psicológico de que se vale para ilustrar seu atraso de percepção. Ao contrário, seu deslocamento “paradigmático” ocorreu subitamente. Mais uma evidência de que “pós-modernidade” e “modernidade líquida” são termos praticamente intercambiáveis, ainda que o autor se esforce em demonstrar o contrário.

Outro aspecto revelador da reflexão de Bauman é a ausência da noção de indústria cultural. Seu método reside na reformulação negativa de conceitos e categorias descritivas construídas para a análise da primeira fase da vida modernidade, sólida segundo ele: não há mais racionalidade instrumental nos termos weberianos; não é mais possível falar em classes sociais; vivenciamos uma fase pós-panóptica, só para citar alguns (BAUMAN, 2001). No



entanto, não há qualquer menção às transformações ocorridas no mercado cultural nos termos "sólido-líquido" ou "moderno-pós-moderno". A pertinência dessa problemática em sua obra refere-se ao fato de que se trata de um dos principais temas da teoria social clássica e contemporânea, o qual não é mencionado pelo autor, a despeito do uso ostensivo de citações de Adorno (2001; 2008). Sua obra *Modernidade e ambivalência*, por exemplo, é uma tentativa, conforme o autor, de “cobrir com carne sociológica e histórica o esqueleto da 'dialética do Iluminismo'”, bem como ir “além das proposições de Adorno e Horkheimer” (1999, pág. 25), mas após quase trezentas páginas não encontramos qualquer análise ou revisão da noção de indústria cultural, central na obra dos filósofos alemães. Seu público não deveria ter acesso a esse bem simbólico em termos didáticos e mais próximo de suas vidas? Se “indústria cultural” – que por sinal também é diagnóstico de época – não é adequado para a compreensão dos dias atuais, por que então não justificar a não adesão ao conceito ou talvez por que não o discutir na descrição da “sociedade de consumo”, já que segundo o autor sua obra trata de rever os conceitos básicos pelos quais a modernidade tradicionalmente foi lida?

Todas as evidências evocadas por nós resultam de uma leitura a contrapelo da obra de Bauman *vis-à-vis* as condições sociais que da nossa perspectiva engendram sua produção. A questão acerca dos meios adequados à difusão de sua sociologia da modernidade líquida nunca é explicitada pelo autor, mas não deixa de se fazer ver nas relações que ele mantém com seus editores, nos modos de inserção de sua obra nos circuitos globais da indústria cultural, na celeridade entre as publicações originais e as versões nacionais e, por que não dizer, na própria confecção de seus livros, cujas capas, tipos e figuras usadas, assim como os textos que compõem as abas, tendem a suscitar no leitor a imagem de uma coleção, uma sequência ou série bibliográfica feita talvez menos sob medida para a “modernidade líquida” e mais para a conversão do consumidor livresco em colecionador e admirador.

#### **4 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E PRODUÇÃO PÓS-MODERNA DE CONHECIMENTO**

Apresentaremos neste capítulo as condições sociais que asseguram, entronizam e convertem o trabalho de divulgação da ciência levado a cabo por Bauman em uma sociologia a seu ver adequada para a “modernidade líquida”. A produção do autor será tomada em todas suas dimensões como manifestação de um estilo pós-moderno de se produzir conhecimento, de uma ciência de feitio próprio a uma dinâmica cultural em que se advoga a desconstrução das barreiras cognitivas entre ciência e senso comum e o caráter pluralista e relativo da verdade. Como foi constatada, por exemplo, nas opções teóricas de Santos (1987), essa fronteira tende a ser relativizada de modo mais acentuado nas ciências sociais e menos nas ciências naturais e exatas, devido, do nosso ponto de vista, à sua formação enquanto disciplina científica, sempre em conflito com o senso comum e com o campo político. Iremos comparar a natureza da sociologia da modernidade líquida com os modos de divulgação e popularização da ciência, a fim de demonstrá-la como forma específica de divulgação nas ciências sociais e como possibilidade teórica dada pela lógica de um espaço de produção da cultura fortemente marcado pelo estilo pós-moderno de conhecimento. A reconstrução teórica da sociologia da liquidez feita anteriormente, cujo caminho procurou levar em conta não somente as escolhas teóricas do autor, mas também alguns aspectos pertinentes de sua trajetória entre as décadas de setenta e noventa, bem como os ambientes intelectuais em que esteve inserido, subsidia nesta seção a comparação e aproximação de sua sociologia com a fórmula básica da divulgação da ciência. Essa última, enquanto prática de transmissão dos saberes eruditos da ciência a um amplo público tendo em vista seu esclarecimento ou sua atividade prática cotidiana apresenta, na nossa visão, similaridades com o modo pelo qual a sociologia da fluidez social é levada a cabo pelo autor polonês.

#### 4.1 A sociologia da fluidez social como divulgação científica

A concepção de “alfabetização científica” de John Durant oferece-nos um ponto de partida interessante para o desenvolvimento do argumento. Inicialmente biólogo, esse autor apresenta um itinerário acadêmico que foi marcado menos pela pesquisa em sua área de formação e mais pelas passagens por cargos em instituições relacionadas à promoção do que ele chama de “ciência pública”. Durant foi chefe do setor de comunicação em ciência do Museu de Londres e membro da cadeira de Compreensão Pública da Ciência no *Imperial College of Science*, também na Inglaterra. Ele é antes de tudo um promotor da educação e difusão científica e não alguém preocupado em investigar o fenômeno. Assim sendo, seu trajeto acadêmico e profissional pauta profundamente sua definição da comunicação e compreensão pública da ciência. Assim como Bauman em relação à sociologia, ele também vê na transmissão dos conteúdos das ciências a um amplo público uma forma de ilustração e emancipação.

Mais propositiva que descritiva, a definição de difusão da ciência de Durant parte de duas perguntas básicas: como devemos alfabetizar cientificamente as pessoas sem retomar o modelo formal de educação, em que ser alfabetizado é saber o significado das noções da ciência, ou a abordagem dos processos da ciência, em que ser alfabetizado é saber como a ciência funciona? Conforme suas questões, o propósito do autor é menos o de definir objetivamente o fenômeno da alfabetização ou divulgação científica e mais o de indicar como deve ser levado a cabo de maneira exitosa esse processo comunicativo entre ciência e público.

Segundo Durant, o indivíduo alfabetizado cientificamente é aquele capaz de perceber que o universo da ciência não é constituído de “seres iluminados” e selecionados por sua eventual genialidade inata, a qual lhes daria acesso à verdade objetiva. Esse indivíduo tampouco reduziria a ciência aos seus conceitos e teorias, pois, conforme o autor, ele perceberia que o mero domínio de seus significados não poderia garantir, por si só, uma vida mais satisfatória e informada num mundo científica e tecnologicamente mais complexo. Para o autor inglês, o alfabetizado cientificamente pressupõe, por trás de toda produção de conhecimento, uma ampla comunidade de profissionais e agentes institucionais que se orientam para a produção de informação verídica e legítima sobre um domínio específico da realidade. Em virtude disso, esses indivíduos seriam cada vez mais atentos, por exemplo, aos controles de qualidade de produtos e alimentos e não tomariam por verdade incontestada quaisquer fatos científicos noticiados pela imprensa. Estariam, portanto, atentos ao fato de que o estatuto da descoberta e da invenção na ciência obedece a uma legalidade distinta e relativa

a cada comunidade científica. Essa concepção normativa de alfabetização científica de Durant baseia-se em *Scientific Literacy* de Jon Miller (1983), onde esse autor elabora uma definição tripla da noção. Porém, enquanto este considera a “abordagem científica”, a atitude e disposição da ciência, como elemento-chave para o alfabetizado, o segundo prefere uma terceira acepção da noção, também presente em Miller, que se volta para a ciência enquanto prática e instituição social. Para o primeiro, divulgar ciência é transmitir certa atitude e disposição cognitiva às pessoas, para o segundo, trata-se de humanizá-la, de revelar ao público os determinantes sociais de sua produção, suas falhas e virtudes. Ambos os autores são promotores e definidores da divulgação da ciência e suas acepções são profundamente marcadas por certo entusiasmo e apelo pela comunicação entre ciência e público.

As definições apresentadas pelos autores ingleses permitem não só aproximar a prática de divulgação da ciência ao modo de abordagem de Bauman, mas, além disso, elas têm a vantagem de revelar visões comuns sobre a relação entre ciência e grande público, na medida em que, assim como o autor polonês frente à sociologia, esses autores procuram a seu modo definir, prescrever e promover uma prática. Uma das dimensões da divulgação da ciência evocada pelos autores a define como transmissão dos conteúdos da ciência (conceitos, leis, modelos teóricos) para indivíduos não especialistas, no sentido de oferecer-lhes um repertório científico básico para a vida diária. O inventário científico pessoal, formado por teorias e conceitos eruditos comunicados de modo didático e amplamente acessível, teria um propósito político, pois estimularia a autorreflexão das pessoas e seu interesse por temas públicos e discussões coletivas e democráticas. Nessa definição de difusão da ciência está subentendida a ideia de que o conhecimento em geral, e especialmente o científico, é essencialmente desmistificador e esclarecedor, sendo mesmo capaz de transformar a vida individual e coletiva por meio da ampliação de sua produção e acesso.

Posto que em sua leitura da ciência moderna Bauman recuse a ideia de que o conhecimento científico é apenas esclarecimento<sup>46</sup>, ela ainda se mantém como um dos motivos principais de sua sociologia da modernidade líquida, mas nos termos de uma ciência caracteristicamente pós-moderna, na medida em que nela o autor pretende fazer sociologia delineada pelo enquadramento do senso comum. Quando o autor polonês afirma que o dever ético da sociologia no mundo líquido é se voltar para a “autocompreensão” e o “esclarecimento” dos indivíduos, explicando a eles a realidade de modo a promover sua

---

<sup>46</sup> *Modernidade e ambivalência*, Jorge Zahar, 1999.

compreensão do mundo, ele reconhece que a informação produzida pela ciência da sociedade, se ajustada ao entendimento comum, pode capacitar o indivíduo a transformar não apenas a si, mas também ao mundo em que vive. Para ele, a transmissão do conhecimento sociológico para um amplo público é a condição básica para qualquer ação que tenha em vista uma sociedade mais democrática e emancipada.

“A sociologia nada pode mudar, exceto a autocompreensão?!” Que significa esse “exceto”? “Mudar a autocompreensão” já não é uma tarefa titânica? Se ao menos pudéssemos ter certeza de estarmos à altura dela... Somos, afinal, apenas uma das muitas vozes que tentam atrair a atenção humana (...). O diálogo interpretativo é uma tarefa sem fim e sempre uma luta árdua. Ele não é uma *alternativa* ou um substituto à concentração na tarefa de interromper as forças cegas (da globalização, da polarização social, da exclusão, do tribalismo etc.) ainda em seu rastro e evitar seus impactos mórbidos sobre a condição humana. Longe de se opor a essa tarefa, a renegociação dialógica da experiência humana é condição sine qua non de qualquer chance de sua realização. Uma tarefa exige a outra. Sem o esforço de realizá-la, ela permanece ineficaz (BAUMAN, 2011, pág. 175-176).

Bauman interessa-se mais pela transmissão da disposição ou mentalidade própria das ciências sociais aos seus leitores do que apenas pela difusão de seus conceitos e teorias. Em sua obra, os conteúdos são selecionados e desbastados no decurso da análise, a qual sempre tem em vista um interlocutor leigo e sua realidade mais próxima. O ecletismo teórico, que é visto por comentadores como recurso do autor para análise da multifacetada experiência humana, nada mais é que o trabalho de associação de conteúdos da disciplina em torno de temas públicos, com o propósito de estimular o leitor não especialista a “pensar sociologicamente”. Assim sendo, não é interesse do autor que seu público leitor saiba o significado dos conceitos de Weber, Giddens ou Sennett, por exemplo, mas que ele perceba seu entorno de um ponto de vista sociológico. Na acepção de Bauman, o olhar sociológico deve extrapolar o universo restrito dos especialistas, uma vez que o ator leigo, se bem informado, estaria habilitado sociologicamente para ao menos reconhecer em suas aflições subjetivas alguns dos motivos sociais que as determinam. Sendo a sociologia, para ele, uma das correntes da autodescoberta humana, qualquer indivíduo, nesse sentido, estaria apto a desenvolver e empreender essa competência intrínseca. Em razão disso, seu posicionamento sobre a sociologia e o papel que ela deve desempenhar no que chama de vida líquida mantém uma consistente afinidade não somente com as formas de se divulgar ciência, mas também com os propósitos desse empreendimento. Ao definir sua sociologia da liquidez como um modo de aproximar a teoria social da vida prática, bem como indicá-la como modelo de ciência social adequado e necessário ao mundo contemporâneo tal como o expõe, a produção

de Bauman acaba traduzindo, em linguagem própria ao campo da sociologia, uma orientação e demanda mais abrangente que tem em vista uma nova relação entre ciência e público.

A divulgação científica pode ser designada de diversas formas: na Inglaterra ela é tematizada como “compreensão pública da ciência” e, na França, como “cultura científica”, ao passo que nos Estados Unidos é chamada de “alfabetização científica” (*scientific literacy*). Nesse sentido, é uma prática que está difundida globalmente e possui terminologia distinta de acordo com as tradições continentais, posto que se refiram a um mesmo processo comunicativo, o qual pode ser definido como divulgação ou transmissão de conhecimento científico para o público leigo (relativamente a cada ciência) por meio de técnicas pedagógicas articuladas a ferramentas comunicacionais de massa. Em geral, trata-se de uma prática institucional, por vezes ligada a políticas públicas de fomento à ciência, mas também assume formas literárias, sobretudo em textos de “cientistas-divulgadores”, como o astrofísico norte-americano Carl Sagan e o biólogo britânico Richard Dawkins. Malgrado as visões acerca de seus propósitos e do modo mais exitoso de se levá-la a cabo, o esforço de divulgação da ciência, pelo menos na acepção de seus promotores, orienta-se basicamente pela ideia de que se deve equipar “cidadãos comuns para a vida em uma cultura científica e tecnologicamente mais complexa” (DURANT, 2005). Dentre as várias formas de se divulgar conhecimento científico, é comum que os enunciados abstratos, frutos de especulação teórica, sejam desbastados e adequados à compreensão de um interlocutor médio. Por essa razão, o trabalho de transmissão da ciência tende a assumir tantos modos quantos forem seus empreendedores, o que dificulta, nesse caso, uma definição típica a ser cotejada com a sociologia de Bauman. Contudo, a reportagem jornalística da ciência oferece um exemplo sugestivo de como é veiculado o saber erudito a um público anônimo. Ademais, a imprensa constitui um dos canais mais evidentes da tendência à aproximação da ciência e o público mais amplo, na medida em que ela mantém em seus informes impressos e televisivos quadros exclusivamente voltados para a transmissão da ciência à audiência pública.

A fim de elaborar perfis de divulgação científica, Roqueplo (1983), filósofo da ciência francês, conduz uma série de entrevistas com profissionais divulgadores de diversas áreas, extraíndo de cada fala elementos sociologicamente significativos. Por exemplo, o jornalismo científico é um perfil de divulgação que procura informar ao público o fato da ciência da mesma maneira que qualquer acontecimento cotidiano de grande repercussão. Nesse caso, a importância jornalística de determinado conteúdo da ciência está exclusivamente associada à natureza de um acontecimento, científico ou não, de ampla ressonância na esfera pública. Em

consequência, o enunciado científico mais adequado à audiência pública, nesse caso, será sempre aquele que é passível de ser veiculado na ocasião oportuna, quando então poderá assumir um alto “valor de acontecimento”, seja como descoberta científica revolucionária ou a título de adensamento teórico da notícia (o que provocou um tsunami ou a queda do PIB, as causas da crise ambiental, a natureza da violência nas grandes cidades, a obsessão das pessoas pelo consumo e o aumento dos quadros de depressão). Segundo jornalistas científicos entrevistados por Roqueplo, os conteúdos da ciência só têm valor para o grande público quando associados a um fato espetacular ou caso eles mesmos se convertam em espetáculo, como é visível, por exemplo, nas formas de difusão científica apresentado pelos veículos norte-americanos *Discovery Channel* e *History Channel*, assim como por revistas especializadas, como as edições brasileiras publicadas pelas editoras Duetto<sup>47</sup> e Escala<sup>48</sup>. Não entraremos aqui na questão, apontada por Roqueplo, do divulgador científico como um “organizador do espetáculo das ciências”, embora ela seja sugestiva e abra espaço para análises futuras.

Consideramos em outro momento a recorrência de temas de grande repercussão nas análises de Bauman e seu apelo contínuo a episódios de ampla comoção pública como, para citar alguns, os dramas pessoais contidos em *reality shows* e eventos trágicos, como o causado pela passagem do Furacão Katrina pelos Estados Unidos no ano de 2005, os quais servem ao autor como ponto de partida para a introdução entre leitores leigos de sua perspectiva sociológica acerca de questões como a do risco e incerteza contemporâneos. Ao delimitar esses fenômenos, Bauman vale-se de uma técnica tipicamente pós-moderna, o pastiche, articulando em torno dos problemas considerados as ideias e conceitos de variados teóricos, filósofos e jornalistas. Não se trata, portanto, de tomar esses objetos apenas de um ponto de vista heurístico, mas da tentativa de atribuir alto valor de acontecimento aos conteúdos das ciências humanas que ele procura mobilizar, a fim de repercuti-los no enquadramento do senso comum.

A tese de que a sociologia da modernidade líquida é um modo de se divulgar ciência torna-se mais clara quando comparamos seu *modus operandi* com aquele levado a cabo pelo autor polonês em *Aprendendo a pensar com a sociologia*, livro do início da década de

---

<sup>47</sup> *Scientific American Brasil, História Viva, Mente e Cérebro e Conhecer*. <http://www.duettoeditorial.com.br/>. Acesso em 20 de Outubro de 2012.

<sup>48</sup> *Sociologia, História, Psique e Filosofia*. <http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/>. Acesso em 20 de Outubro de 2012.

noventa. Apesar de ser tomada por ele próprio como uma introdução à disciplina, ou seja, como uma forma de difusão da sociologia, essa obra apresenta exatamente o mesmo recurso analítico e expositivo do que o autor passou a denominar, uma década mais tarde, de sociologia para a vida líquida. Em prefácio à segunda edição dessa obra, publicada em 2002, e que contou com a colaboração de outro autor, o também sociólogo Tim May, é revelada sua intenção primeira.

Nós dois nos impusemos a tarefa de pontilhar *Aprendendo a pensar com a sociologia* de atrativos para um amplo espectro de leitores. Para quem está estudando sociologia, procuramos antecipar os diferentes tópicos do currículo; esperamos também que nosso modo de escrever seja instigante para cientistas sociais em plena carreira. Torcemos naturalmente para que o livro desperte o interesse de vasta gama de leitores cuja curiosidade se volta para essa disciplina – que tem recebido cada vez mais atenção, pelos insights que fornece sobre a sociedade e as relações sociais. Temos total clareza quanto à razão disso: a sociologia oferece uma valorosa e às vezes negligenciada perspectiva sobre as questões com que todos nós deparamos neste século XXI (BAUMAN & MAY, 2010, pág. 7-8).

O mote do texto é o de apresentar a disciplina e sua temática de modo acessível a uma “vasta gama de leitores”, valorizando, ao mesmo passo, a sociologia como uma perspectiva pertinente para as questões impostas pelo novo século. Seu interesse é comum àquele típico dos divulgadores da ciência, bem expresso, como vimos, na afirmação de Durant (2005): educar cientificamente os cidadãos comuns para uma vida em uma sociedade científica e tecnologicamente mais complexa. Como e com quais conhecimentos eles devem ser equipados para a vida nessa “nova sociedade”, mais complexa que a anterior, parece ser a pergunta fundamental de Bauman tanto em seu manual da década de noventa quanto em sua sociologia da liquidez dos anos posteriores. Em outro momento da mesma obra revela-se novamente o espírito que a insufla, a possibilidade de que a sociologia sirva à autorreflexão individual: “(...) analisaremos a ideia de aprender a pensar sociologicamente e sua importância no entendimento de nós mesmos, uns dos outros e dos ambientes sociais em que vivemos” (BAUMAN & MAY, 2010, pág. 11). Segue, no mesmo capítulo:

(...) a *desfamiliarização* pode ter benefícios evidentes. Pode em especial abrir novas e insuspeitadas possibilidades de conviver com mais consciência de si, mais compreensão do que nos cerca em termos de um eu mais completo, de seu conhecimento social e talvez também com mais liberdade e controle (2010, pág. 25).

Nessa obra, porém, há ainda a ideia de que é necessário certo distanciamento entre ciência e senso comum, fundamental para a instituição e reprodução da disciplina, ideia que o



autor deixará de lado gradativamente, enquanto mais se aprofunda no debate pós-moderno, ao longo da década de noventa. Apesar desse fato, a própria concepção de sociologia nessa obra é análoga aos termos pelos quais é apresentada a sociologia da fluidez moderna:

Caracterizamos a sociologia como um comentário da vida social. Ao fornecer uma série de notas explicativas às nossas experiências, ela também mostra implicações para a maneira como conduzimos nossa vida. Atua, assim, como meio para refinar o conhecimento que temos e empregamos em nosso dia a dia, trazendo à luz, além de nossas realizações, as coerções e possibilidades enfrentadas, relacionando nossas ações às posições e condições em que nos encontramos (BAUMAN & MAY, 2010, pág. 265).

Isso não significa que a sociologia da liquidez de Bauman é a realização daquilo que estava em germen em *Aprendendo a pensar com a sociologia*, pois, como vimos, nessa obra o autor está abertamente interessado na difusão do saber sociológico entre leitores leigos, enquanto que na série da fluidez esse esforço em difundir o pensamento social é visto pelo autor como um modo de se fazer a sociologia de perfil mais adequado à “vida líquida”. De certo modo, essa mudança está ligada ao período “pós-moderno” de Bauman, o qual foi bastante intenso em sua produção nos anos noventa e que parece ter marcado profundamente sua acepção de ciência e, mais ainda, seu modo de produzir sociologia.

#### **4.2. Dominância pós-moderna, ciência e mercado: a “produção baumaniana”**

Da nossa perspectiva, a forma de divulgação da sociologia que Bauman leva a cabo na série da fluidez social assume, para ele e seu público, o estatuto de um modo genuíno de se fazer também ciência da sociedade, uma vez que voltada para a autocompreensão individual, na medida em que ela é recortada por uma configuração simbólica determinada, em que se valoriza o conhecimento do senso comum, equiparando-o ao conhecimento científico, como mais uma das várias perspectivas sobre a realidade social. Consequentemente, nessa configuração aparecem critérios de seleção e classificação de produções culturais, mesmo aquelas de natureza erudita como a ciência, que são instituídos segundo a preferência ou não do grande público, isto é, segundo a lógica da cultura de massa.

Em sua análise do fenômeno da pós-modernidade na arte, Jameson (2006), crítico literário norte-americano, estabelece, com base nas manifestações estéticas, teóricas e filosóficas do pós-guerra, uma problemática sugestiva para a compreensão da dinâmica específica da cultura moderna contemporânea, denominado por muitos de “pós-moderna”. Para ele, um dos principais aspectos das manifestações culturais pós-modernas, sejam elas estéticas, científicas ou filosóficas, reside no sentimento comum de que a tradicional distinção entre “alta cultura” e “cultura de massa”, fundamental, por exemplo, para as criações do modernismo, foi esvaziada ou mesmo deixou de existir. Nesse sentido, a sociologia da liquidez de Bauman, enquanto um estilo de ciência pós-moderna, a qual, conforme Santos (1987), deve procurar converter-se em senso comum, aparece como expressão, no âmbito das ciências sociais, desse motivo cultural apontado por Jameson.

O propósito do autor norte-americano é apresentar a efervescente cultura pós-moderna como manifestação simbólica própria ao que denomina, na esteira do economista Ernst Mandel, de fase tardia do capitalismo, para ele, a forma “mais pura” assumida pelo sistema econômico após a primeira metade do século XX, momento em que a dinâmica do mercado teria atingido e se aprofundado em regiões até então livres de seu escopo, como, por exemplo, o âmbito da estética fina ou erudita. Em razão de sua expansão, o processo de produção teria convertido o próprio domínio da cultura em fator de reprodução, integrando-a ao seu padrão de funcionamento e a transformando em dispositivo indispensável para as atividades econômicas na fase tardia do capitalismo. O pós-modernismo, como um dado dessa cultura, seria, por sua vez, o ambiente teórico e intelectual constituído pelos posicionamentos assumidos diante dessa nova mutação econômica, a qual, conforme Jameson, estaria deslocando o sistema de sua anterior forma “imperialista” e o aproximando de uma dinâmica

multinacional e global. Em sua visão, a cada fase do processo produtivo capitalista corresponderia uma resposta cultural, representada historicamente tanto pelo realismo, no nascente capitalismo, e pelo modernismo, na fase industrial do sistema econômico, cujo desenvolvimento atual teria como contrapartida simbólica o pós-modernismo. Para sustentar sua tese, Jameson recorre à interpretação de objetos culturais variados, desde as grandes produções estéticas do alto modernismo, como as obras de Van Gogh e Magritte, passando pelas mutações no espaço urbano contemporâneo, até produções fílmicas e literárias recentes.

A tentativa de submeter amplas manifestações e expressões culturais a um novo estágio do capitalismo é, sem dúvida, um movimento teórico que aponta para a ideia, cara ao marxismo, de totalidade histórica. Essa orientação teórica, segundo o crítico norte-americano, poderia obliterar diferenças cruciais e significativas no campo de produção cultural contemporâneo e uniformizar fenômenos cuja natureza é pura diferenciação. Nesse sentido, Jameson evita estabelecer o período histórico dos últimos cinquenta anos a partir de uma homogeneização que impusesse à totalidade da cultura a mera etiqueta “pós-moderna”, onde tudo seria fragmentação ou caos incognoscível. A razão disso deve-se ao fato de que tal análise não seria capaz de compreender a peculiaridade dessa nova dinâmica cultural, recaindo, portanto, nas afirmações e teorias pós-modernas, que afirmam o caráter relativista, fragmentário e incomensurável da realidade social. Com efeito, o autor procura ir além das posições apologistas ou pessimistas em relação ao “pós-moderno”, na tentativa de compreender seu significado histórico preciso, pois, se absolutamente tudo em termos culturais é pós-moderno, ideia contida em parte considerável das posições teóricas que tentaram definir o termo, nada poderia ser então, pós-moderno, visto que não haveria qualquer elemento ou atributo próprio ao fenômeno que pudesse situá-lo em relação às demais produções culturais contemporâneas. Ademais, uma imensa gama de elementos típicos do alto modernismo, por exemplo, são encontrados nas produções culturais pós-modernas.

Segundo Jameson, a especificidade da cultura pós-moderna deve ser procurada na relação que ela estabelece com a nova dinâmica do sistema econômico capitalista, na medida em que a história da arte ou da cultura moderna foi sempre a história das sucessivas respostas simbólicas dos sujeitos históricos ao mundo econômico. Caracterizar o pós-moderno é, acima de tudo, interpretá-lo em sua relação com a dinâmica da economia. Contudo, o mundo simbólico não é considerado aqui como pura manifestação distorcida da infraestrutura, um substrato ideológico dos desdobramentos econômicos da base, mas como uma reação positiva ou negativa, mas sobretudo ativa, ante esse domínio da atividade humana. O pós-moderno,

enquanto resposta cultural contemporânea ao mundo econômico, teria a capacidade de plasmar e produzir, segundo o autor, “indivíduos pós-modernos”.

Mas, assim como (para Weber) os novos valores religiosos mais ascéticos e dirigidos à vida interior acabaram por produzir um “povo novo”, capaz de florescer em meio à gratificação retardada característica do processo moderno de trabalho que surgia então, assim também o “pós-moderno” deve ser visto como a produção de pessoas pós-modernas, capazes de funcionar em um mundo sócio-econômico muito peculiar, um mundo cujas estruturas, características e demandas objetivas (...) constituiriam a situação para a qual o “pós-modernismo” é a resposta (JAMESON, pág. 18, 2006).

Assim sendo, o autor não está interessado em uma terminologia mais precisa para designar a cultura contemporânea, mas em identificar os modos pelos quais ela é produzida enquanto resposta simbólica à lógica do capitalismo tardio. Conforme o autor, nessa fase do sistema econômico predominaria e seria mais bem-sucedido, relativamente a outras formas específicas de produção simbólica, o estilo cultural pós-moderno. É nesse registro que ele se refere a um “estilo pós-moderno” na arquitetura e na arte, por exemplo, no sentido de que essa é a marca cultural dominante no novo mercado de produção simbólica. O estilo pós-moderno não teria, por assim dizer, uma substância, pois se pauta, em geral, pela técnica do pastiche ou imitação de motivos culturais variados. Não é um estilo unívoco, mas, nos termos de Jameson, uma “dominante cultural”, sem identidade fixa, pois a recusa como princípio, e que tende a predominar no ambiente cultural próprio da fase tardia do capitalismo. Para o autor, esse estilo predomina não somente no mundo das galerias e museus, mas também nos interstícios do tecido urbano das grandes metrópoles, assim como na disposição dos espaços interiores de casas e edifícios, os quais têm o poder de delimitar novos esquemas sociais de percepção do mundo cotidiano e tornar arcaicas produções culturais precedentes.

A sociologia da modernidade líquida de Bauman, enquanto forma pós-moderna de produção científica, apresenta elementos que permitem entendê-la como manifestação de um estilo pós-moderno de se fazer sociologia. À medida que analisamos a série da fluidez social como uma das dimensões do que chamamos de “produção baumaniana”, a sociologia de Bauman aparece como uma das faces, entre outras, de conversão dos conteúdos das ciências em mercadoria, a qual se manifesta, por exemplo, nas afinidades entre a natureza de sua sociologia da liquidez e os instrumentos que o autor se vale para divulgação não somente da sociologia, mas também de seu nome e pensamento. O fato de seu diagnóstico da fluidez social estar disposto em série e a forma pela qual é apresentada sua figura por fração considerável de seus comentadores, são indicativos dessa dimensão de sua produção.

O *The Bauman Institute*, inaugurado em Leeds em 2010, é uma instituição que caracteriza o autor polonês nos termos de uma “celebridade teórica” ou “intelectual superstar”. O objetivo desse instituto é introduzir as questões trabalhadas pelo autor nas discussões interinstitucionais sobre o fenômeno da globalização e a emergência da chamada sociedade de consumo nas sociedades moderno-líquidas. O instituto parece se orientar pelos mesmos princípios evocados por Bauman a respeito das formas possíveis de introdução do pensamento social na esfera pública, na medida em que essa entidade se autopercebe como instrumento de transformação moral das consciências das lideranças políticas globais, especialmente no cenário inglês<sup>49</sup>.

A editora *Polity Press*, a maior difusora do pensamento do autor nos países de língua inglesa, apresenta-o como um verdadeiro *best-seller*, traduzido em mais de trinta línguas<sup>50</sup>. Para a revista inglesa *Times Higher Education*, o autor seria o Georg Simmel de nosso tempo<sup>51</sup>. No Brasil, a Jorge Zahar Editores, além de situá-lo como autor importante e indispensável para a compreensão das transformações atuais, situa algumas de suas obras no registro da “autoajuda” e não prescinde do recurso ao número de exemplares vendidos do autor para demonstrar sua pertinência ao grande público. De fato, a própria reflexão de Bauman, desde os anos 2000, ou seja, desde a série da fluidez social, passou cada vez mais a ser pautada pela produção em larga escala, convertendo seus escritos em algo de natureza prolixa e repetitiva. É bastante notável como a questão dos números de exemplares vendidos se impôs gradativamente como critério para pertinência da obra, ainda que seus temas de preferência sejam apresentados como informação imprescindível ao eventual público leitor. Assim, a capacidade de alcançar um grande público se converteu em fator de interesse de sua produção: “por que ler Bauman? Veja os números de venda do autor e os principais temas abordados em sua obra”.

### Bauman, um fenômeno de vendas

---

<sup>49</sup> The ‘Rethinking Global Society’ project presents three closely inter-related research areas that are both exceptionally timely and generating considerable interest amongst key-opinion leaders in the UK, Europe and Internationally. With the aim of influencing directly processes relating to the creation of the ‘new model’ of social and economic life that is currently being created in the aftermath of the global recession, the three inter-related research areas are as follows: Shared Social Responsibility, Consumerism and Co-Operatives and Social Finance Innovation. <http://www.sociology.leeds.ac.uk/bauman/research/> (Acessado em 05.11.12).

<sup>50</sup> “His books have become international bestsellers and have been translated into more than 30 languages” (<http://www.polity.co.uk/book.asp?ref=9780745662824>) Acessado em 21.03.12, 17:30.

<sup>51</sup> [http://www.exacteditions.com/read/politypolitics2012us/politics-catalogue-2012-\(us\)-30652/78/3?dps=](http://www.exacteditions.com/read/politypolitics2012us/politics-catalogue-2012-(us)-30652/78/3?dps=) (Acessado em 12.11.12).

O lançamento de *A arte da vida* confirma Zygmunt Bauman como um fenômeno do mercado editorial brasileiro. Autor prolífico – por exemplo, em 2009 a Zahar vai publicar três títulos seus –, o sociólogo polonês é um campeão de vendas, com **160.000 exemplares vendidos**. *Amor líquido*, lançado aqui em 2004, já alcançou a marca de venda de 30.000 exemplares, transformando-se em seu maior best-seller. *A arte da vida* deve trilhar o mesmo caminho de sucesso. Nesse novo livro, Bauman volta a abordar temas fundamentais para a sociologia contemporânea sem, no entanto, perder de vista a proximidade com o público. Uma de suas características tem sido tratar de questões profundas do que chama de “mal-estar da pós-modernidade”: a dificuldade de manter vínculos, a fluidez excessiva, a superficialidade, o ódio às diferenças, a inabilidade para o amor. Tudo isso no seu estilo de escrita claro e simples, acessível a uma ampla gama de leitores. As comunidades dedicadas ao escritor nos sites de relacionamento e o grande acesso a seus vídeos de entrevistas no YouTube são uma prova de sua popularidade. Respeitadíssimo nos meios acadêmicos, Bauman também consegue transmitir, com sua obra, chaves para o aprimoramento pessoal e a busca de bem-estar. Talvez esteja aí a explicação para tamanho sucesso, porque Bauman já conquistou uma verdadeira legião de leitores no Brasil, de origens as mais diversas.

### **Um campeão nas prateleiras**

*Amor líquido* é o título de Bauman com melhor performance nas livrarias. Muitos outros tiveram vendas espetaculares para o segmento:

*Amor líquido* (2004) – 30.000 exemplares vendidos

*Globalização* (1999) – 20.000 exemplares vendidos

*Mal-estar da pós-modernidade* (1998) – 16.000 exemplares vendidos

*Modernidade líquida* (2001) – 16.000 exemplares vendidos<sup>52</sup>

É devido a essas razões que falamos numa “produção baumaniana”, na medida em que a natureza de seus escritos tende a ultrapassar o mero interesse de seu autor em levar o pensamento social para um amplo público e acaba derivando também da dinâmica própria dos mercados editoriais. Essa produção, que é levada a cabo na série da fluidez social, já não manifesta reflexões mais densas, como no caso de suas obras da década de setenta, oitenta e noventa, mas é pensada desde o início como um trabalho conjunto de reflexão entre autor e editor, a fim de tornar seu texto acessível a uma vasta gama de leitores. Em dois momentos, quando do agradecimento a pessoas cujas críticas, sugestões e esforços foram fundamentais para a consecução das respectivas obras, Bauman explicita diretamente a natureza de sua escrita e dos propósitos de sua reflexão: “Desfruto há dez anos da infatigável, simpática e inteligente colaboração editorial de David Roberts. Não posso perder a oportunidade de

<sup>52</sup> [http://www.zahar.com.br/catalogo\\_exclusivo.asp?id=1266&ide=139](http://www.zahar.com.br/catalogo_exclusivo.asp?id=1266&ide=139) (Acessado em 12.11.12).

agradecer-lhe tudo o que fez para facilitar a comunicação entre o autor e os leitores” (2000, pág. 7).

Em outro momento:

E, como no caso de *cada um dos meus trabalhos dos últimos dez anos*, quero agradecer ao meu editor, David Roberts. Não acredito que nenhum autor pretenda melhor entendimento com seu editor: ambos lutamos pelo mesmo resultado – que, nas palavras do próprio Roberts, é produzir um texto “capaz de fazer os leitores se debruçarem sobre coisas que tenderiam a não considerar”, sendo o papel do editor “eliminar embaraços desnecessários à compreensão dos leitores, sem privar o autor de sua voz individual”. E ninguém que eu conheça converte mais competentemente essas palavras em realidade do que David Roberts (1998, pág. 11, grifo nosso).

Assim sendo, a sociologia da modernidade líquida é fruto de uma associação entre o mote dialógico dos textos do autor polonês e as expectativas editoriais de inserção da obra no domínio de um público amplo e leigo. Ela resulta, portanto, de um esforço coletivo em desbastar a densidade da escrita do autor por meio de critérios editoriais, dados pelos esforços de David Roberts em dispensar os conteúdos mais densos e esotéricos da reflexão do autor, a fim de torná-los acessíveis ao objeto de sua “terapêutica”, os indivíduos “líquido-modernos”. Essa articulação entre saber erudito e saber comum, intentada por Bauman desde a década de setenta, que ganhou fôlego após sua aposentadoria em 1990 é, portanto, mediada pela lógica de funcionamento de outro campo de produção, o editorial, espaço de produtores mais próximo ou mais influenciado pelos imperativos da produção industrial cultural.

Os dez anos de “produção baumaniana”, assinalado por Bauman na relação que manteve nesse ínterim com seu principal editor, corresponde ao período em que o autor se afastou das atividades ordinárias na Universidade de Leeds e se inseriu cada vez mais no debate sobre a pós-modernidade. A admissão gradativa do autor de que estaríamos presenciando o enfraquecimento das grandes visões de mundo modernas, corroborada pelas análises pós-modernas das mutações sociais no período, bem como da ausência de um sujeito histórico capaz de fazer frente aos problemas sociais trazidos por essas mudanças, acabou por levar o autor à adoção de um estilo pós-moderno de ciência, desiludido com os imperativos autoritários da ciência moderna e dos estados nacionais, assim como com os perfis intelectuais que de algum modo serviram aos interesses da razão instrumental pela via estatal, caminho antes plausível para o autor quando professor em Varsóvia e membro do partido comunista polonês. Por conseguinte, os princípios da ciência moderna foram sendo rejeitados em sua reflexão em favor de um modo de abordagem que, no afã de recusar veementemente

qualquer similaridade com a racionalidade instrumental própria da ciência moderna, acabou se desdobrando em uma “quase ciência”, que prescinde dos protocolos da produção científica e prefere voltar-se a uma reprodução de seus conteúdos.

Fica cada vez mais claro que a sociologia da modernidade líquida, enquanto modelo pós-moderno de ciência – e como forma de divulgação científica –, representa os limites de uma produção teórica que adota um *modus operandi* que desde o início tende a obliterar qualquer possibilidade de conhecimento objetivo da realidade. A produção baumaniana, que extrapola a escrita do autor e que se constitui por meio de um conjunto de atores acadêmicos e editoriais, acaba convertendo o esforço em divulgar sociologia levado a cabo por Bauman em grande empreendimento teórico do nosso tempo. Uma evidência disso pode ser encontrada no documentário *The Trouble with Being Human These Days*, produzido por Grzegorz Lepiarz e Leonidas Donskis e dirigido por Bartek Dziadosz, uma espécie de *road movie* que procura apresentar o autor em suas viagens e conferências ou em passeios por cidades européias, exibindo Bauman como um autor atento à vida cotidiana e ao indivíduo leigo<sup>53</sup>. Para os produtores,

Values in flux, job insecurity, no strings attached relationships... *Sounds familiar?* A slight consolation lies in the fact that it has already been researched. This film is a Zeitgeist journey through Europe, life and work of Zygmunt Bauman, and the root of it all – liquid modernity<sup>54</sup>.

Do nosso ponto de vista, a “produção baumaniana” é uma resposta cultural nomeadamente pós-moderna, na medida em que se presencia nela o uso de instrumentos culturais de massa para não somente difundir o pensamento do autor polonês, mas também para apresentá-lo como o principal sociólogo contemporâneo. Se levarmos em conta o fato de que sua produção se tornou mais visível a partir de sua fase “pós-moderna” e “moderno-líquida”, isto é, a partir do momento em que ele se voltou quase exclusivamente para o grande público, fica claro então que a construção social de sua autoridade e legitimidade científica não parece ter se dado com base nos critérios e princípios do campo da ciência, já que, como

---

<sup>53</sup> Uma breve análise fílmica do *trailer* de *The Trouble with Being Human These Days* poderia ser bastante salutar para trazer à tona algumas evidências do que chamamos de “produção baumaniana”, como o uso de imagens de uso corrente e consagradas (p. e. a imagem de uma pegada na areia que se desfaz sob a agitação de uma onda na praia, a qual recupera a imagem foucaultiana de *As Palavras e as Coisas*) e a tentativa de apresentar Bauman próximo ao mundo cotidiano, seja caminhando nas ruas e expondo suas impressões ou numa viagem de trem, frente a frente com outro passageiro, observando a velocidade em que as coisas passam desde a perspectiva da janela do trem. (<http://beinghumanthesedays.com/>) Acessado em 13.11.12.

<sup>54</sup> <http://beinghumanthesedays.com/> Acessado em 13.11.12.



vimos, o autor pouco é considerado pelos principais teóricos da modernidade, da “pós-modernidade” e da ‘modernidade reflexiva’ ou “radicalizada”, mas com base na difusão de seu nome entre um vasto público muitas vezes informado por critérios da indústria cultural. A frase de Steven Poole, do *The Guardian*, a propósito de uma recente obra de Bauman, *Isto não é um diário* (2012), é emblemática: “se Bauman tivesse postado os comentários deste livro na internet, teria sido o melhor blog do mundo. Mas fico feliz que ele não o tenha feito”<sup>55</sup>. As frases de apresentação das edições das obras do autor são bastante sugestivas e permitem apreender o significado dessa produção e do seu estatuto no campo de produção cultural contemporâneo. Os editores esforçam-se para apresentar Bauman, a um só tempo, como autor consagrado e de fácil compreensão.

As comunidades dedicadas ao escritor nos sites de relacionamento e o grande acesso a seus vídeos de entrevistas no *YouTube* são uma prova de sua popularidade. Respeitadíssimo nos meios acadêmicos, Bauman também consegue transmitir, com sua obra, chaves para o aprimoramento pessoal e a busca de bem-estar. Talvez esteja aí a explicação para tamanho sucesso, porque Bauman já conquistou uma verdadeira legião de leitores no Brasil, de origens as mais diversas<sup>56</sup>.

A apresentação de *Isto não é um diário* (segundo sua editora brasileira, “o melhor livro do autor depois do *best-seller Amor líquido*”) segue o mesmo princípio: apresentá-lo como um grande autor, muito perspicaz quanto aos dilemas contemporâneos, bem como prontamente acessível a qualquer leitor.

São esses fragmentos organizados que o autor nos oferece neste inspirado não diário, no qual comenta com sua habitual agudeza o que leu nos jornais, viu na televisão, soube por outros, enfim, os principais temas da sociedade contemporânea. Com uma simplicidade invejável, nos ensina a ler e a pensar sobre o que vivemos. E alerta: “É mais fácil dizer que fazer. Mas creio que vale a pena tentar. É preciso ser tentado. Urgentemente. Apenas para recuperar nossa confiança da verdade”<sup>57</sup>.

A “produção baumaniana” resulta, nesse sentido, de uma afinidade muito consistente e duradoura entre a escrita da sociologia da modernidade líquida (que prevê a difusão de conhecimento para leigos) e os instrumentos e interesses exclusivamente editoriais. Não são poucos os livros que não passam de compêndios de escritos do autor em jornais de grande

---

<sup>55</sup> Essa frase, originalmente publicada no *The Guardian*, encontra-se na apresentação da edição brasileira da obra *Isto não é um diário* de Bauman, lançada em 2012.

<sup>56</sup> [http://www.zahar.com.br/catalogo\\_exclusivo.asp?id=1266&ide=139](http://www.zahar.com.br/catalogo_exclusivo.asp?id=1266&ide=139)

<sup>57</sup> Contracapa da edição brasileira da obra *Isto não é um diário* de Bauman, publicada em 2012.

circulação ou de entrevistas com jornalistas ou comentaristas. *Capitalismo Parasitário* (2010), por exemplo, é uma breve coletânea de pequenos ensaios (e entrevistas) feitos pelo autor acerca de temas diversos que foram prontamente convertidos em mais um de seus livros. Seus últimos capítulos correspondem a perguntas feitas ao autor por internautas e professores, a propósito de uma promoção de sua editora brasileira (“Pergunte ao Bauman!”). A apresentação da obra segue o princípio das demais.

Os leitores não familiarizados com a obra do autor irão encontrar exemplos de seu pensamento em ação, sempre cortante, cirúrgico e esclarecedor. Aqueles que pela primeira vez entram em contato com suas ideias terão uma amostra valiosa de como o conhecimento sociológico pode intervir de modo crítico para transformar o mundo (BAUMAN, 2010).

*Capitalismo parasitário* condensa em poucas palavras o universo de problemas mais pungentes da nossa vida cotidiana – e o pensamento mais brilhante desse sociólogo cujas ideias orientam e iluminam nossa compreensão da atualidade (2010).

Poderíamos evocar aqui tantos outros exemplos dessa produção em larga escala dos escritos do autor e mesmo demonstrar que tal padrão não é exclusivo de sua inserção no mercado editorial brasileiro, mas também pode ser encontrado nos mercados ingleses, espanhóis e italianos. O que procuramos afirmar com base nos dados levantados é a afinidade entre a natureza da sociologia da liquidez moderna e as estratégias e instrumentos do campo editorial. Há, nesse sentido, uma afinidade entre o interesse de Bauman por reconhecimento e pela difusão de suas ideias no que chama de “mundo líquido-moderno” e o interesse econômico dos circuitos editoriais. No limite, a “produção baumaniana” representa um tipo de produção cultural que está situada entre a alta cultura e a cultura de massa, entre os compromissos de uma ciência de “estilo pós-moderno” (que deseja converter-se em senso comum) e os princípios do consumo livresco massificado.

Boltanski & Chiapello (2009), em sua análise da oposição entre autenticidade e inautenticidade ao longo da história ocidental, identificam na massificação de elementos da contracultura no pós-1968 o que chamam de “mercantilização da autenticidade”. Para os autores, a crítica à inautenticidade da cultura de massa, representada pelos teóricos críticos de Frankfurt e pelas bandeiras dos movimentos estudantis e da contracultura, converteu-se em princípio para novas formas de produção e consumo no capitalismo.

Esse fenômeno foi concomitante à mercantilização de *bens que até então haviam ficado fora da esfera do mercado* (razão pela qual, justamente, eram considerados autênticos): o capitalismo penetrou em domínios (turismo,

atividades culturais, serviços pessoais, lazer etc.) que até então tinham ficado relativamente afastados da grande circulação comercial (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, pág. 444).

Essa questão remete a Jameson, o qual aponta como o aspecto fundamental do estilo pós-moderno, a indistinção entre cultura “erudita” e de “massa”. O que é a série da fluidez social de Bauman senão uma busca obsessiva – cada vez mais clara na trajetória das obras – em estabelecer vínculos com o saber comum e fazer desaparecer a distinção clássica e fundadora do campo das ciências sociais entre saber especializado e saber comum? Bauman não vê outra saída teórica para uma sociologia cujos objetos estão se fragmentando em individualidades sem passado e sem história. Como um sociólogo pós-moderno, ele apoia suas ideias no mesmo arcabouço teórico que subsidiou a emergência da perspectiva cultural pós-moderna, em autores como Lyotard, Foucault, Derrida, Bell e Touraine (HARVEY, 1996). A produção baumaniana representaria, nesse caso, um tipo de produção cultural pós-moderna ajustada a um modo de produção simbólico próprio da fase tardia do capitalismo.

## CONCLUSÃO

O presente estudo procurou apresentar uma leitura possível da obra do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, a partir da análise de sua produção teórica enquanto manifestação cultural de nosso tempo. A análise de um tipo de sociologia que procura distanciar-se dos cânones dessa disciplina foi uma tarefa que levou em conta, por um lado, a legalidade própria de qualquer campo científico, que tende a recusar tentativas teóricas consideradas “subversivas” ou “estranhas” a ele e, por outro, o necessário distanciamento do modo como esse autor é apresentado pela maior fração de seus comentadores e público, como um sociólogo revolucionário, célebre, singular e propositivo.

A imersão nos escritos do autor polonês de modo a problematizar sua produção teórica enquanto reflexo de uma dinâmica cultural mais ampla permitiu levantar questões que o mero entendimento das ideias contidas na série da fluidez social não daria conta. Essa leitura inicial nos serviu de ponto de apoio para uma reflexão mais profunda não só do pensamento do autor, mas também das formas pelas quais suas ideias puderam ser veiculadas, difundidas e instrumentalizadas, de acordo com critérios editoriais. Para tanto, valemo-nos primeiramente do mapeamento de duas ideias bastante acentuadas no autor: a ideia da possibilidade de um viés sociológico que seja capaz de articular produção teórica e senso comum e a viabilidade de uma sociologia voltada exclusivamente para a reflexão e realização individuais. Essas duas ideias do autor, que correspondem a momentos distintos de sua trajetória, foram tomadas como base de apoio para a caracterização de sua sociologia da modernidade líquida e para a compreensão da natureza de sua produção textual.

A sociologia da liquidez, na medida em que pretende levar a cabo um modo de fazer ciência articulado ao saber comum é, segundo nossa visão, uma forma específica de divulgação científica no âmbito das ciências sociais. Além disso, ela ainda apresenta um *modus operandi* em sintonia com o paradigma da assim chamada “ciência pós-moderna”, a ciência que deseja converter-se em senso comum, tal como elaborada e proposta por Boaventura de Sousa Santos. Essas duas ciências representam, neste estudo, duas manifestações do estado atual do campo de produção cultural contemporâneo, em que predomina o discurso da indistinção entre cultura erudita e cultura de massa. Em relação ao autor lusitano, a obra *Rap Global* (2010) expressa sua tentativa em articular conhecimento científico e senso comum por meio de estratégias editoriais de difusão.

Ainda que ambos os autores não mantenham um diálogo teórico aberto, ao nível epistemológico é possível identificar a convergência de suas reflexões. Nesse sentido, Bauman e Sousa participariam de uma mesma “dominante cultural”, pós-moderna segundo Jameson (2006), em que a separação entre alta cultura e cultura de massa não é mais acentuada. O princípio da ciência pós-moderna é aproximar do conhecimento científico os demais domínios de conhecimento da sociedade, como a religião, a arte e o senso comum. O princípio geral da sociologia de Bauman é trasmutar em saber comum o saber sociológico restrito a especialistas. Logo, sua prática se desdobra em uma forma de vulgarização ou divulgação da ciência social, processo comunicativo em que os conteúdos científicos são filtrados, por meio dos divulgadores, ao público comum e não erudito.

Apoiando-nos nas considerações de Durant (2005), Miller (1983) e Roqueplo (1983), pudemos comparar a escrita da sociologia de Bauman às fórmulas operadas pelos divulgadores da ciência, em especial aqueles que procuram informar cientificamente o indivíduo leigo com base no “valor de acontecimento” que determinado conteúdo da ciência pode apresentar para um público mais amplo. Na medida em que a sociologia do autor polonês passou gradativamente a figurar em nossa leitura como um modo de divulgação da ciência, uma nova questão se impôs: afinal, por que os principais comentadores de Bauman, assim como a totalidade das editoras que publicam suas obras, a despeito do teor mais reprodutor e menos produtor de conhecimento de sua sociologia, afirmam ser ele um dos maiores e mais influentes teóricos sociais contemporâneos? O encaminhamento da resposta foi assegurado pelas proposições de Fredric Jameson (2006) a respeito do significado social da “pós-modernidade” e do tipo de manifestação cultural que nela predomina. Com base nas afirmações desse autor, foi possível compreender que a sociologia da liquidez moderna encontra sua razão de ser nas relações entre o espaço da produção erudita e o espaço da indústria cultural. Além disso, a análise do *The Bauman Institute*, na Universidade de Leeds, foi importante para entender os processos de articulação entre saber acadêmico e audiência extra-acadêmica. O Instituto, não obstante seus diversos compromissos institucionais, desempenha uma função consagradora do pensamento de Bauman, convertendo-o em uma quase “celebridade teórica”, em sintonia, portanto, com os circuitos editoriais de difusão de suas obras.

Do nosso ponto de vista, a sociologia da modernidade líquida não seria necessariamente uma ciência da sociedade, mas uma fórmula que procura mobilizar um imenso repertório de teorias sociais e notícias da imprensa no sentido de informar a prática

cotidiana de seus possíveis leitores. Em alguma medida, ela tende a reproduzir o próprio senso comum, pois ele a vê como genuína sociologia sem saber ao certo qual a competência específica que funda essa ciência. No limite, a legitimidade da sociologia da liquidez de Bauman é assegurada pelo que Bourdieu (1997) denomina de “efeito de alodoxia”, a reverência irrefletida do público àquilo que julga (sem critérios de julgamento) consagrado. Desse modo, a obra de Bauman pode ser apropriada por seu público como genuinamente sociológica, posto que ela esteja mais próxima de uma prática de divulgação científica.

Em geral, os divulgadores da ciência apresentam sua prática como altamente nobre e um imperativo para a ciência contemporânea. São entusiastas do sentido esclarecedor e emancipador da ciência, cujos processos de entendimento, segundo eles, não deveriam ser encerrados exclusivamente no domínio especializado. Essa é a intenção que subjaz todo o empreendimento reflexivo de Bauman e corresponde tanto a sua prática textual quanto à proposta de sua série da fluidez social, a qual apresenta homologias significativas com a prática da divulgação científica.

A sociologia da modernidade líquida de Bauman talvez reflita uma espécie de estetização ou espetacularização da própria crítica social enquanto dado da cultura contemporânea em sua forma massificada, que expressaria menos uma distração vazia ou “falsa consciência” e mais “um trabalho transformador das angústias e imaginações sociais e políticas, que devem então ter alguma presença efetiva no texto cultural de massa, a fim de serem subsequentemente ‘administradas’ e recalçadas” (JAMESON, 1995, pág. 26). Em meio ao campo de produção erudita e ao campo da indústria cultural, a sociologia da liquidez moderna talvez esteja próxima de um tipo de “jornalismo cultural” de roupagem crítico-terapêutica e pessimista, cujos principais arautos não são propriamente diletantes mas, assim como Bauman, autores originalmente ligados ao mundo acadêmico que procuram, por sua vez, reconhecimento e legitimidade no seio de uma lógica cultural em que a autonomia da ciência em relação aos demais tipos de conhecimento (em especial o senso comum) não é ou não se quer mais aceita.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. Modern times, modern marxism. *Social Research*, Cambridge, v. 34, n. 3, pp. 399-415. 1967.
- \_\_\_\_\_. *Towards a critical sociology: an essay on commonsense and emancipation*. London: Routledge & Kegan Paul, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Por uma sociologia crítica: um ensaio sobre senso comum e emancipação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.
- \_\_\_\_\_. Is there a postmodernity sociology? *Theory, Culture & Society*, London, v. 5, n. 2, pp. 217-237. 1988.
- \_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1998.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999a.
- \_\_\_\_\_. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b.
- \_\_\_\_\_. *Liquid modernity*. Cambridge: Polity Press, 2000a.
- \_\_\_\_\_. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000b.
- \_\_\_\_\_. On writing; on writing sociology. *Theory, Culture & Society*. London, vol. 17, n. 1, p. 79-90. 2000c.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 2003a.
- \_\_\_\_\_. *Liquid love: on the frailty of human bonds*. Cambridge: Polity Press, 2003b.
- \_\_\_\_\_. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio D'Água, 2007b.

- \_\_\_\_\_. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010a.
- \_\_\_\_\_. *Capitalismo parasitário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010b.
- \_\_\_\_\_. *Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011a.
- \_\_\_\_\_. *44 cartas do mundo líquido-moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011b.
- \_\_\_\_\_. *Isto não é um diário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt & MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony & LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BLACKSHAW, Tony. Bauman's challenge to sociology. In: DAVIS, Mark & TESTER, Keith (org.) *Bauman's challenge: sociological issues for the 21st century*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- BLEICHER, Josef. Hermenêutica. In: OUTHWAITE, Willian & BOTTOMORE, Thomas. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- BOLTANSKI, Luc & CHIAPELLO, Éve. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 10ª ed. Campinas: Papyrus, 2010.
- \_\_\_\_\_. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu – Coleção grandes*



*cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude & PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

DOSSE, François. *História do estruturalismo*. v. 2. Bauru: Edusc, 2007.

DRUMMOND, John J. *Historical dictionary of Husserl's philosophy*. New Jersey: Scarecrow Press, 2009.

DURANT, John. O que é alfabetização científica? In: MASSARANI, Luísa, TURNEY, John & MOREIRA, Ildeu de Castro (org.). *Terra incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, UFRJ, Casa da Ciência, FIOCRUZ, 2005.

ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

GARGANO, Giuseppe. Art and science in italian clinical sociology. In: FRITZ, Jan Marie. *International clinical sociology*. New York: Springer Science & Business Media, 2008.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Nobel, 1995.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1996.

HUSSERL, Edmund. *A ideia de fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2000.

JACOBSEN, Michael Hiivid & PODER, Poul. (Org.) *The sociology of Zygmunt Bauman: challenges and critique*. Hampshire: Ashgate, 2008.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. Reificação e utopia na cultura de massa. In: JAMESON, Fredric. *Marcas do visível*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

- KILMINSTER, Richard & VARCOE, Ian. Introduction: intellectual migration and sociological insight. In: KILMINSTER, Richard & VARCOE, Ian (Org.). *Culture, modernity and revolution: essays in honour of Zygmunt Bauman*. London: Routledge, 1996.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MILLER, Jon. Scientific literacy: a conceptual and empirical review. *Daedalus*, Cambridge, v. 112, n. 2, pp. 29-48. 1983.
- PALLARES-BURKE, Maria Garcia & BAUMAN, Zygmunt. Entrevista com Zygmunt Bauman. *Tempo Social*, São Paulo, vol. 16, n. 1, pp. 301-325. Junho de 2004.
- RIESMAN, David et al. *A multidão solitária: um estudo da mudança do caráter americano*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- ROQUEPLO, Philippe. *El reparto del saber: ciencia, cultura, divulgación*. Buenos Aires: Gedisa, 1983.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1987.
- \_\_\_\_\_. Globalização: fatalidade ou utopia? In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Afrontamento, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Rap global*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.
- SKUBALA, Zofia & TOKARSKI, Zbigniew. *Les universités polonaises*. Varsovia: Editions Polonia, 1959.
- SMITH, Dennis. *Zygmunt Bauman: prophet of postmodernity*. Cambridge: Polity Press, 1999.
- SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1985.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Bauman, um visionário na sociedade da paranoia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 de fev. de 2008. Suplemento Cultura.
- TESTER, Keith. *The social thought of Zygmunt Bauman*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.
- THEORY, CULTURE & SOCIETY. London: SAGE Publications, 1998. Bimestral.

Disponível em: <http://tcs.sagepub.com/content/15/1.toc>Acesso em: 28 de nov. de 2012.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). *Max Weber – coleção grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.